

A top-down photograph of a petri dish containing a red agar medium. Numerous small black ants are scattered across the surface of the agar and the surrounding white background. The ants are of various sizes and orientations, some appearing to be in motion. The lighting is even, highlighting the texture of the agar and the dark bodies of the ants.

**RUBEM
FONSECA**

Pequenas
Criaturas

Rubem Fonseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Rubem Fonseca

Pequenas criaturas

Contos



Nada é pequeno demais para uma criatura tão pequena quanto o homem. É mediante o estudo das pequenas coisas que alcançamos a grande arte de termos o mínimo de desgraças e o máximo de felicidade possíveis.

Samuel Johnson em *The life of Samuel Johnson*, de James Boswell

Sumário

A escolha

Ganhar o jogo

O bordado

Família é uma merda

Miss Julie

Especular

Paixão

Hildete

Sonhos

O Garoto Maravilha

Bem-aventurança

Paz

Meu avô

Natal

Tratado do uso das mulheres

O cadeado

Ilha

Eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse passar uma noite com você

Soma zero

O pior dos venenos

Virtudes teologais

Escuridão e lucidez

Sucesso

Nove horas e trinta minutos

Caderninho de nomes

Shakespeare

Uma mulher diferente

Madrinha da bateria

Todos temos um pouco

Começo

A ESCOLHA

Quero zanzar pelo terreno que fica em frente à minha casa, ir até o campo onde os moleques jogam as peladas, apanhar um pouco de sol, ver as pessoas, as mulheres, só olhar, meu tempo já passou. Mas quero também comer uma costeleta de porco bem passada e um sanduíche de filé com queijo em pão francês cascudo e tostado. Minha filha diz que tenho que escolher, uma coisa ou outra, a mulher do prefeito mora num lugar, a mulher do governador em outro e as filas são enormes, os pretendentes são muitos e a minha filha quer aproveitar as férias no emprego para tratar disso. Se for preciso vai todo dia chatear os caras, mas eu tenho de decidir antes aonde ela vai.

Às vezes fico pensando o que seria de mim se eu não tivesse essa filha. Ela sai muito cedo de casa, mas antes prepara o meu café e deixa pronto o meu almoço. E pensar que teve uma ocasião em que cheguei a bater nela, ameacei botar pra fora de casa, quando descobri aquilo. Eu era muito burro. Dizem que existe uma diferença entre o sujeito burro e o ignorante, que o ignorante pode aprender e mudar, e o burro não consegue. Se isso for verdade, quando briguei com minha filha eu não era burro, só ignorante, pois aprendi muita coisa, aceitei a minha filha como ela era. Deus sabe por que faz as pessoas serem como são, diferentes numas coisas, mas iguais em quase tudo. O incêndio do circo também me ajudou a entender um pouco melhor os meus semelhantes.

É duro o sujeito ter de escolher entre duas coisas que quer muito. Mas a vida é assim, ninguém consegue tudo o que quer, nem o homem mais rico do mundo, ele também às vezes tem de escolher. A vantagem do homem rico é que ele é mais feliz que o pobre. Minha filha não concorda comigo, diz que dinheiro não dá felicidade, que só o amor dá felicidade. Digo que o sujeito rico também pode amar e ser feliz e ela responde que o sujeito rico só

pensa em dinheiro, e quem é feliz só pensa na pessoa que ama. Minha filha está apaixonada.

Passei o dia pensando na escolha que devo fazer. Minha filha vai chegar e eu ainda não sei o que vou dizer a ela. Nunca sentei numa cadeira de rodas, mas dentaduras eu já tive, duplas, e sinto uma falta danada delas. Lembro com saudade das duas, tão bonitas dentro do copo de água onde eu as punha de noite ao deitar, a parte rosada brilhando e os dentes todos aparecendo limpinhos, através da água. Eu escovava os dentes pelo menos meia hora, toda noite antes de pôr no copo, usava sabão de lavar roupa, aquele azul, não tem melhor para limpar os dentes. Mas lembro também dos meus passeios nas tardes de sábado e domingo, de short e tênis, olhando o racha da molecada no campinho de traves sem redes, olhando as mulheres, indo tomar uma cerveja na birosca. O conjunto habitacional onde moro fica num enorme terreno plano, cheio de espaço. Dá para passear nele de cadeira de rodas. Tenho de decidir.

Perdi a dentadura no incêndio do circo, todo mundo lembra do incêndio do circo, morreu um monte de gente. Foi horrível. Eu não morri, mas fiquei aleijado, e mal consigo andar de muletas. Num único dia aconteceram todas essas desgraças comigo. Um sujeito que disse ser advogado apareceu aqui em casa e me pediu um dinheiro dizendo que ia fazer o dono do circo me dar grana suficiente para comprar quinhentas dentaduras. Eu devia ter sacado que ele estava mentindo, o dono do circo sumiu, o advogado sumiu. Minha aposentadoria por invalidez é muito pequena, mas felizmente tenho a minha filha. Que vai chegar a qualquer momento e eu ainda não decidi o que eu quero, uma dentadura nova ou uma cadeira de rodas? Quem está dando dentadura é a mulher do prefeito. A mulher do governador está dando cadeira de rodas. Minha filha entra de férias hoje e disse que vai conseguir o que eu escolher, nem que precise passar as férias inteiras numa das filas. Tenho de decidir aonde ela vai batalhar por mim.

Um sujeito sem nenhum dente como eu tem que saber comer direito. Banana é fácil, agora gosto mais ainda de banana, eu as espremo com as gengivas na boca antes de engolir, vira uma pasta, sinto muito melhor o gosto. Pão eu só posso comer o de forma,

molhado no café com leite. Posso comer o pão francês, que eu prefiro, molhando também no café com leite, mas só de vez em quando, se comer todos os dias acaba ferindo minhas gengivas. Gosto de tomar sopa e comer purê de batata. E posso comer carne moída bem cozida. Mas eu queria ter as gengivas afiadas, como o Gumerindo, que diz que come até bife, mas as minhas gengivas são fracas e doem quando mastigo qualquer coisa mais dura. Sonho, pelo menos uma vez por mês, com costeleta de porco frita.

Minha filha chega, acompanhada de Jaqueline. Eu agora gosto de Jaqueline. Ela é bonita e mais paciente do que a minha filha, e me trata como se eu fosse o pai dela, é sozinha no mundo. Eu já devia ter falado sobre Jaqueline, mas talvez esse assunto ainda me incomode um pouco.

As duas me beijam no rosto.

“Como é, papai, já decidiu?”

“Me dá mais meia hora.”

“Chegou a hora. Amanhã vou sair em campo.”

As duas vão para a cozinha preparar o jantar.

Jantamos, os três. Como purê de abóbora e depois biscoito Maria molhado no leite.

“Chegou a hora da decisão, papai.”

“A cadeira de rodas” eu digo.

Tenho a impressão de que elas ficam um pouco desapontadas. As mulheres dão muita importância à aparência, e um homem desdentado é mesmo muito feio.

“Amanhã vamos chegar cedo lá no palácio. Se for preciso, arranjo um jeito de falar até com a mulher do governador.”

Minha filha e a sua amiga se entreolham, sei o que vão me perguntar.

“Pai, posso trazer a Jaqueline para morar com a gente? Ela fica no meu quarto.”

“Pode, sim, vai alegrar a nossa casa.”

“Obrigado, papai. Nós estamos muito felizes.”

Elas se abraçam e se beijam, acho que na boca, mas não quero ver.

“Pai, nós tivemos uma ideia. Enquanto eu vou para a fila da cadeira de rodas a Jaqueline pode ir para a fila da dentadura. Quem sabe a gente não consegue as duas coisas?”

“Nós vamos conseguir” diz Jaqueline, afagando a minha mão.

As duas estão muito contentes. Depois, elas me ajudam a deitar e vão abraçadas para o quarto.

Fico na cama, pensando. A cama é o pior lugar do mundo, para o sujeito ficar pensando.

GANHAR O JOGO

Quando não estou lendo um livro que apanho na biblioteca pública, fico vendo um dos programas da TV que mostram a vida dos ricos, os palácios deles, os automóveis, os cavalos, os iates, as joias, os quadros, os móveis raros, a baixela, a adega, a criadagem. É impressionante como os ricos são bem servidos. Não perco um desses programas, ainda que não me sejam de muita utilidade, a totalidade desses ricos não vive no meu país. Mas gostei de ouvir um milionário entrevistado durante o jantar dizer que adquiriu um iate no valor de centenas de milhões de dólares porque queria ter um iate maior do que o de um outro sujeito rico. "Era a única maneira de acabar com a inveja que eu sentia dele" confessou, sorrindo, dando um gole na bebida do seu copo. Os comensais à sua volta riram muito quando ouviram aquilo. Rico pode ter tudo, até inveja um do outro, e neles isso é engraçado, aliás tudo é divertido. Eu sou pobre e a inveja em pobre é muito malvista, porque inveja deixa pobre recalcado. Junto com a inveja, vem ódio dos ricos, pobre não sabe como ir à forra esportivamente, sem espírito de vingança. Mas eu não sinto raiva de nenhum rico, minha inveja é parecida com a do cara do iate maior: como ele, apenas quero ganhar o jogo.

Eu descobri como ganhar o jogo entre um sujeito pobre, como eu, e um rico. Não é me tornando rico, eu nunca conseguirei isso. "Ser rico" disse um deles num programa, "é uma propensão genética que nem todo mundo tem." Esse milionário fizera sua fortuna saindo do zero. O meu pai era pobre, eu nada herdei quando ele morreu, nem o gene que motiva o cara a ganhar dinheiro.

O único bem que tenho é a minha vida, e a única maneira de ganhar o jogo é matar um rico e continuar vivo. É uma coisa parecida com comprar o iate maior. Sei que isso parece um raciocínio extravagante, mas uma forma de ganhar o jogo é criar pelo menos parte das regras, coisa que os ricos fazem. Esse rico que

eu vou matar tem que ser um herdeiro, o herdeiro é uma pessoa como eu, sem disposição de ficar rico, mas que nasceu rico e goza fagueiro a fortuna que caiu do céu no seu colo. Para fruir bem a vida, aliás, é preferível que apenas o pai, e não o herdeiro, nasça com o tal gene.

Eu preferia matar um dos ricaços estrangeiros que vejo na televisão. Um homem. As mulheres deles, ou as suas filhas, são ainda mais ostensivamente ricas, porém uma mulher, por mais joias que tenha nos dedos e em volta do pulso e do pescoço, não é o iate maior. Também não me interessaria uma daquelas mulheres que obtiveram sua fortuna trabalhando, certamente portadora do tal gene, donas que aparecem na televisão vestidas de tailleur. Não, teria que ser um homem. Mas como esses homens ricos ideais vivem em outros países, tenho que procurar um rico aqui mesmo, um que herdou a grana e os bens de que desfruta.

A dificuldade para alcançar esse objetivo não me deixa nem um pouco preocupado. Traço meu plano cuidadosamente e, quando deito, alguns minutos depois estou dormindo e não acordo durante a noite. Não apenas tenho paz de espírito, mas uma próstata que funciona bem, ao contrário do meu pai, que levantava a cada três horas para urinar. Não tenho pressa, devo escolher com muito rigor, pelo menos igual ao do rico que comprou o iate grande. As pessoas que aparecem, em sua maioria, nas revistas publicadas aqui no meu país podem ser chamadas de ricas e famosas, mas matar uma figura dessas seria fácil, não me faria ganhar o jogo.

Todo rico gosta de ostentar sua riqueza. Os novos-ricos são mais exibidos, mas não quero matar um desses, quero um rico que herdou a sua fortuna. Esses, das gerações seguintes, são mais discretos, normalmente demonstram sua riqueza nas viagens, eles adoram fazer compras em Paris, Londres, Nova Iorque. Gostam também de ir a áreas distantes e exóticas, mas que possuam bons hotéis com serviços gentis, e os mais esportistas não podem deixar de esquiar na neve uma vez por ano, o que é compreensível, afinal moram num país tropical. Exibem sua riqueza entre eles mesmos (não há vantagem em jogar com os pobres), nos jantares de milionários, onde o vencedor pode confessar que foi por inveja que

comprou o que comprou, e os outros brindam alegremente à sua saúde.

Um sujeito como eu, branco, miserável, magro e famélico não tem irmãos nem aliados. Não foi fácil conseguir um emprego no mais caro e exclusivo bufê da cidade, precisei fazer demorados planos e manobras, levei dois anos nisso, perseverança é a única virtude que possuo. Os ricos costumavam contratar os serviços desse bufê quando ofereciam um jantar. A proprietária, descendente de uma família ilustre, não vou dizer o nome dela, não vou dizer o nome de ninguém, nem o meu, era uma mulher dominadora que mantinha suas anotações e cronogramas num pequeno computador que carregava numa bolsa a tiracolo. Impunha rígidos padrões aos que trabalhavam no bufê, cozinheiros, decoradores, compradores de mercadorias, garçons e os demais. Era tão competente que os seus empregados, além de obedecer sem piscar, ainda a admiravam. Se algum funcionário não se comportava conforme o modelo estabelecido, era mandado embora. Isso era raro, pois todos, antes de serem admitidos, eram submetidos a uma seleção e a um treinamento rigorosos. Fazíamos o que ela mandava, eu era um dos mais obedientes. E o bufê cobrava um dinheirão para cozinhar e alimentar os ricos. A dona do bufê tinha o tal gene.

Antes da avaliação e treinamento a que me submeti para ser garçom do tal bufê, fiz o meu próprio aprendizado. Primeiro, cuidei da minha aparência, arranjei um dentista barato e bom, o que é muito raro, e comprei roupas decentes. Depois, o que foi mais importante, aprendi, no meu adestramento solitário, a ser um servo feliz, como são os bons garçons. Mas fingir esses sentimentos é muito difícil. Essa subserviência e felicidade não podem ser óbvias, devem ser muito sutis, percebidas inconscientemente pelo destinatário. A melhor maneira de representar essa impalpável dissimulação era criar um estado de espírito que me fizesse realmente feliz por ser garçom dos ricos, ainda que provisoriamente. A dona do bufê me apontava como um exemplo de empregado que realizava o seu trabalho orgulhando-se do que fazia, por isso eu era tão eficiente.

Os ricos, como os pobres, não são todos iguais. Há os que gostam de parolar com um charuto caro entre os dedos ou com um copo de líquido precioso na mão, há os galanteadores, os que são reservados, os solenes, os que alardeiam erudição, os que exibem riqueza com seus paramentos de grife, há até os circunspectos, mas no fundo todos são faroleiros, faz parte da mímica. Que acaba sendo uma linguagem de sinais verdadeira, pois permite ver o que cada um realmente é. Sei que os pobres também fazem a sua mímica, mas os pobres não me interessam, não está nos meus planos jogar com nenhum deles, o meu jogo é o do iate maior.

Esperei pacientemente que o rico ideal surgisse para mim. Eu estava preparado para recebê-lo. Não foi fácil conseguir o veneno, insípido e inodoro, que eu transferia de um bolso para o outro em minha romaria. Mas não vou contar os riscos que corri e as torpezas que cometi para obtê-lo.

Afinal, um rico do tipo que eu tanto procurava apareceu num jantar de lugares marcados nas cinco mesas colocadas nas salas da mansão. Eu conhecia a sua história, mas nunca o vira, nem em retrato. Foi a dona do bufê que me disse, e pela primeira vez eu a vi alvoroçada, que "ele" acabara de chegar e que eu estava destacado para atendê-lo pessoalmente. Rico gosta de ser bem servido. Eu ficaria a certa distância, sem olhar para ele, mas todo gesto de comando que fizesse, por mais tênue que fosse, eu teria que me aproximar e simplesmente dizer, "senhor?" Eu sabia fazer isso muito bem, era um garçom feliz.

Ele chegara, como os outros convidados, num carro blindado, cercado de seguranças. Era um sujeito baixo, moreno, um pouco calvo, de gestos discretos. A mulher dele, a quarta, era uma loura alta e esbelta que parecia ainda mais comprida devido aos altos saltos dos sapatos que usava.

Havia oito comensais em cada mesa, quatro homens e quatro mulheres. Ainda que o serviço não fosse à francesa, cada mesa era atendida por dois garçons, o meu colega era um negro alto com dentes perfeitos. Havia bebidas para todas as preferências, até mesmo cerveja, mas não me lembro de alguém da minha mesa ter solicitado esse líquido vulgar e engordativo. Conforme as instruções

da dona, o outro garçom estava subordinado a mim. Discretamente eu determinava que o meu colega atendesse aos pedidos dos demais comensais que, entretidos em suas conversas, nem percebiam o tratamento especial dispensado por mim a um deles.

Atendi-o com perfeição. Ele comia pouco, bebia sem se exceder. Não usava, comigo, as palavras "por favor" nem "obrigado" Suas ordens eram lacônicas, sem afetação. O jantar se aproximava do fim.

"Senhor?" eu me aproximei quando ele virou o rosto dois centímetros para o lado, sem olhar para ninguém, mas eu sabia que era para mim.

"Um curto."

Era a oportunidade que eu esperava.

Fui à cozinha, eu mesmo preparei o café na máquina italiana de último tipo fornecida pelo bufê. Coloquei o veneno dentro.

"Aqui está, senhor."

Ele sorveu o café conversando com sua vizinha. Sem pressa, peguei a xícara vazia, voltei à cozinha e lavei-a com esmero.

Demorou algum tempo até descobrirem que estava morto, pois ele havia pousado a cabeça sobre os braços apoiados na mesa e parecia estar dormindo. Mas como milionário não faz uma coisa dessas, tirar uma soneca numa mesa de banquete, os circunstantes acabaram estranhando e percebendo que alguma coisa grave ocorrera. Um colapso circulatório, provavelmente.

Foi uma comoção, enfrentada com relativa elegância pela maioria dos presentes, principalmente pela esguia mulher dele. Os seguranças, porém, ficaram muito nervosos. O jantar foi encerrado pouco depois que uma ambulância particular levou o corpo.

Creio que vou continuar por mais algum tempo servindo aos ricos. Terá que ser em outro bufê, aquele onde eu trabalhava caiu em desgraça. Os jornais no início noticiaram apenas que a *causa mortis* do ricoço fora um mal súbito. Porém uma dessas revistas semanais publicou uma enorme matéria de capa falando em envenenamento, com retratos dos participantes do banquete, principalmente daqueles, homens e mulheres, sobre quem pudesse ser feita uma insinuação maldosa. A vida do milionário morto, seus

negócios, seus vários casamentos e separações, principalmente as circunstâncias escandalosas de uma delas, receberam extensa cobertura.

A polícia está investigando. Gostei de ir depor na delegacia. Não demorei muito lá, a polícia achava que eu não tinha muito a dizer sobre o envenenamento, afinal eu era um garçom burro e feliz, acima de qualquer suspeita. Quando fui dispensado pelo delegado encarregado do caso, eu disse de maneira casual.

“Meu iate é maior do que o dele.”

Alguém precisava saber.

“Já disse que está dispensado, pode se retirar.”

Quando estava saindo, ouvi o delegado dizer para o escrivão: “Mais um depoimento de merda.”

Ganhei o jogo. Estou na dúvida se jogo mais uma vez. Com inveja, mas sem ressentimentos, apenas para ganhar, como os ricos. É bom ser como os ricos.

O BORDADO

Um homem não pode viver sem mulher. Sei que isso parece letra de samba antigo, acho até que é mesmo, mas esqueci a rima. Todas as rimas são bobas, não gosto de rimas. Vou confessar uma coisa, eu sou poeta. Escrevo poemas todos os dias, mas escondido, não mostro as coisas que faço, por enquanto. Todos os poetas importantes começaram assim, escrevendo escondido. Depois mostraram, quando o que escreviam já estava no ponto. Poesia tem o ponto certo, igual bordado. Vão dizer, ih, esse cara escreve poesia, faz bordado, coisa esquisita, mas vou logo avisando, eu gosto de mulher, estamos entendidos? Eu era filho único e minha mãe, que era viúva, chegou para mim e disse, meu filho, eu quero te ensinar a bordar, ela nunca havia me pedido para fazer nada, a única coisa que me pediu foi para me ensinar a fazer bordado e eu sabia que ela estava morrendo com um câncer e o que devia responder? Isso não é coisa de homem? Se ela me pedisse para estudar balé eu ia estudar balé e fazer piruetas para ela ver. Minha mãe era a melhor bordadeira do mundo, ainda tenho as toalhas de linho que fizemos juntos, com figuras coloridas. Claro, depois que ela morreu parei de fazer isso, bordar é a coisa mais chata do mundo. Mas na verdade não parei porque era chato, era chato mesmo, mas porque quando eu bordava sentia uma tristeza muito grande. Minha mãe foi a única pessoa no mundo para quem eu até hoje li um poema, um sujeito não esconde as coisas que faz de uma mãe cancerosa, e ela às vezes chorava quando ouvia algum dos meus poemas mais sentimentais. Mas não quero mais falar sobre isso, é assunto para poesia e por enquanto não mostro o que escrevo, mas um dos meus melhores poemas tem o título de "O bordado". Tomem nota, um dia vai para todas as antologias que esses professores de literatura publicam.

Mas a história que vou contar não tem nada de poesia, pelo contrário. Tem a concisão dos meus poemas, poesia é concisão, mas

só tem isso de semelhante. Mas como eu dizia, esta história começou quando Mara chegou para mim e disse:

“Conheço o melhor tatuador da cidade. Precisa ser cobra, vai ser num local delicado.”

“Que local delicado?”

“No pênis.”

“Você está louca?”

“Louca por quê?”

“Pensei que era no braço. Tatuagem é uma coisa perigosa, pode dar infecção. No braço eu ainda deixo, e tem que ser no braço esquerdo, se der problema eu corto o braço, posso viver sem o braço esquerdo, já disse que por você eu corto um braço. Mas como é que um cara pode viver sem o pênis?”

“Deixa de conversa, não vai acontecer nada, uma porção de gente faz isso, homens verdadeiramente apaixonados. Você não quer deixar por quê? Qual é o motivo verdadeiro? Você anda meio esquisito ultimamente.”

“Esquisito como?”

“Você sabe.”

Mara sofria de um ciúme doentio.

“O cara vai tatuar Mara no meu pênis?”

“Não, tem que ser meu nome de batismo inteiro. Maria Auxiliadora. Está com medo de que falte lugar?”

“Vai ter espaço sobrando para data e local do seu nascimento. Você conhece a peça.”

“Então qual é o problema com as dezesseis letrinhas do meu nome?”

“Que tal no peito?”

“Não é a mesma coisa. Por que não pode ser no pênis? Você disse que ele era meu.”

“Claro que é teu.”

“Só meu?”

“Pára com isso, Mara.”

“Se você não fizer a tatuagem eu vou embora, você nunca mais vai me ver.”

“Vamos fazer no peito, em cima do meu coração.”

“Tem que ser no pênis. Anda, decide.”

“Me dá uns dias para pensar. Aonde você vai?”

“Vou embora. Você nunca mais arranja uma mulher como eu. Eu conheci a tua antiga namorada. Era um bucho feio. Volta para ela.”

“Espera aí, Mara. Está bem. Mas antes quero conversar com o sujeito que vai fazer a tatuagem.”

“Eu te levo lá agora. A gente pega o 322 e chega em quinze minutos. Ele está esperando.”

Pegamos o ônibus. Demorou quarenta minutos.

O tatuador morava numa casa de vila. Estava sem camisa, era um sujeito grande, de costeletas e bigode, todo tatuado. Carregava o mostruário na própria pele.

“Ele quer conversar, Denílson.”

“A gente deve fazer o que as nossas mulheres querem.”

“Nossas, que nossas, Denílson? Ele só tem eu.”

“A nossa mulher, melhor dizendo.”

“Posso conversar com o Denílson a sós?”

“Não posso ouvir?”

“Deixa eu falar com ele, Mara. Você fica aqui na sala, nós dois vamos para o gabinete.”

O gabinete tinha duas cadeiras, um armário cheio de vidros com líquidos dentro, pacotes de algodão e de gaze, agulhas, potes de tinta e outras coisas que não vi direito. No centro, uma cama alta, de metal, igual a essas de necrotério. Fiquei gelado.

“Ela pode ouvir a nossa conversa lá da sala?”

“Nem com um estetoscópio. Estamos recessivos.”

“Então tranca a porta.”

Denílson trancou a porta.

“Esse troço é perigoso?”

“Tatuagem no pênis? É tão perigoso quanto cortar uma unha. Faço todo dia. Fiz uma hoje de manhã. Está na moda.”

“Mas eu tenho um problema. Meu pênis mole fica muito encolhido. Mas duro ele fica enorme.”

“Encolhido como? Me mostra.”

“Porra, isso é chato.”

“Fálus pra mim é a mesma coisa que um dedo. Anda, mostra.”

“Mara nunca me viu de pau mole.”

“A gente não tem que mostrar o órgão em estado lânguido para mulher nenhuma. Você está agindo certo. Amoleceu, a gente esconde. Anda, põe o membro para fora.”

“Puxa vida. Está vendo?”

“Esse membro está com três centímetros. Frugal.”

Ele gostava de falar difícil, era um cabotino.

“Quando fico nervoso ou com frio acontece isso.”

“Está nervoso, irmandade? Não tem motivo.”

“Dá para escrever Maria Auxiliadora nele?”

“O nome dela não é Mara?”

“O nome todo é Maria Auxiliadora. Ela quer o nome todo.”

“Vai dar trabalho.”

“Mas tem perigo?”

“Nem conjuntura. Eu sou o Denílson, tenho erudição. Escreve o nome dela aqui neste papel.”

Pegou no armário um instrumento que parecia uma broca elétrica, plugou na tomada.

“Você vai sentir apenas um pequeno incômodo, essa agulha importada da Iolândia é especial para pele de pica.”

“Não estou achando graça.”

“Falando sério, tudo aqui é importado, o aparelhinho, a tinta, a agulha, vai ser como se eu passasse uma pena de andorinha no teu órgão.”

“Pena de andorinha?”

“Uma pena qualquer, não quis falar pena de galinha, pena de galinha soa mal.”

Botei o pau para dentro das calças.

“Não, não quero fazer isso. É uma estupidez. Vou falar com a Mara.”

“Não dói quase, irmandade. Ontem bordei um coração no fálus de um indivíduo, com a letra Z dentro. Ele riu o tempo todo.”

Não foi porque o indivíduo riu o tempo todo. Foi a palavra bordei. Lembrou a minha mãe.

“Então vamos em frente.”

“Vou avisar a Mara que você concordou.”

Denílson entreabriu a porta.

“Ele está conciliado. Que cor você quer, Mara? Letras de várias cores? Tenho todos os matizes.”

“Não sei...”

“Azul e preto são as melhores, mas nesse local o azul fica mais bonito.”

“Tudo azul.”

“É uma boa cor. Agora, por favor, retire-se, volte para o seu lar. Vai demorar um pouco.”

“Posso assistir?”

“Ela não pode assistir, porra.”

“Não, você não pode entrar, é contra o regulamento. Vai para casa.”

“Eu vou esperar.”

Denílson trancou a porta.

“As mulheres quando põem uma coisa na cabeça ninguém tira, nem com lobotomia. Tira as calças e a cueca e deita nessa cama.”

A cama estava gelada. A pena de andorinha doía como se fosse uma picareta atravessando o meu pau, cada vez que ele fazia um furo para encher de tinta. Implorei por uma anestesia e Denílson respondeu que macho não usava anestesia.

“Acabou, irmandade. Olha como ficou bom. Eu sou um artista.”

Não olhei.

“Está o nome todo?”

“Inteirinho, uma letra linda. Espero que o fálus, quando ficar ereto, cresça como você diz, para o nome aparecer legal. Fica aí deitado um tempo descansando antes de vestir a roupa, você está mais branco do que um defunto.”

Minha camisa estava ensopada de suor, mas mesmo assim dormi, deitado de costas naquele catre de ferro.

Acordei. Denílson estava sentado ao lado da cama.

“Você dormiu uma hora. Não acordou nem quando a bisbilhoteira bateu na porta. Já pode se vestir. Não põe essa cueca. Você tem uma samba-canção em casa?”

“Acho que tenho.”

“Passa a usar samba-canção. Durante uma semana. Aliás você devia usar samba-canção sempre, essas cuequinhas são um perigo, apertam os testículos, é por isso que os indivíduos andam ficando broxas.”

“E se o meu pau nunca mais ficar duro?”

“Isso é problema seu, irmandade, de cérebro.”

Demorei um tempão para vestir a calça, que felizmente era folgada. Fiquei em pé, imóvel, com medo de me mexer.

Denílson abriu a porta.

“Pode entrar, Mara.”

Mara entrou.

“Demorou pra burro.”

“Eu falei, não falei? Mandei você ir para casa.”

“Posso ver?”

“Não, não pode, porra.”

“O cara está dramatizado, Mara. É normal, o homem nunca mostra, na hora que acabou, em cima do flagrante. Isso é muito rarefeito.”

Dramatizado, rarefeito, recessivo, conjuntura, irmandade, como todo pernóstico Denílson errava quando queria falar difícil. Mas frugal até que foi bem sacado. E eu estava mesmo dramatizado, todo trauma é um drama, e vice-versa.

“Você escreveu o meu nome todo?”

“Maria Auxiliadora, está lá, tudo azul, para o resto da vida, fica tranquila.”

“Eu estou tranquila e muito feliz.”

Mas eu sentia vontade de sumir. Para o resto da vida.

É uma história tola, reconheço. Prosa é isso mesmo, o melhor ficcionista não passa de um bom ventríloquo. Minha poesia é diferente, mas por enquanto eu não mostro. Está mole.

FAMÍLIA É UMA MERDA

Tenho uma saúde de ferro, mas andava sentindo umas dores de cabeça e fui à farmácia comprar aspirina. Foi assim que conheci Genoveva. Ela me perguntou para que eu queria aspirina.

“Para dor de cabeça.”

“Aspirina ataca o estômago.”

Se ela trabalhava numa farmácia devia saber o que estava dizendo.

“Então eu tomo o quê?”

“Tylenol.”

“Já tomei esse troço e não passou a dor.”

Ficamos batendo um papo, não tinha outros fregueses na farmácia. Ela morava na rua do Camerino, logo no início, perto da farmácia, que ficava na rua Larga, também conhecida como Marechal Floriano. Eu morava no Santo Cristo.

Gostei de Genoveva. Mesmo sem estar com dor de cabeça, voltei à farmácia no dia seguinte.

“Já acabou o Tylenol?”

“Vim só dizer oi para você.”

“Oi. Como é o seu nome?”

“Valdo.”

“Parece nome de jogador de futebol. Você joga futebol?”

“Jogo. Pelada. Todo brasileiro joga futebol.”

“O meu é Geni.”

Depois desse dia, começamos a namorar. O problema é que eu tinha que namorar escondido dos meus irmãos e da minha mãe. Eu gostava da Genoveva, mas ela era feia, nem muito gorda nem muito magra, nem tinha a pele ruim, mas era feia. Não sei como explicar a feiura da Genoveva. Se fosse uma garota bonita era mais fácil.

Já namorávamos havia dois meses quando Genoveva me disse que a mãe dela queria me conhecer. As confusões entre namorados

sempre começam quando as famílias se metem no meio. A velha ia achar uma porção de defeitos em mim.

Mas não foi nada disso. A velha disse:

“Genoveva, seu namorado é muito bonito e educado.”

“Mãe, eu disse a ele que me chamava Geni, a senhora sabe que eu não gosto desse nome.”

“Se o moço vai casar com você tem que saber o seu nome verdadeiro.”

“Meu nome também não é Valdo. É Oduvaldo.”

“Acho Oduvaldo bonito” disse a garota.

“Eu acho Genoveva mais ainda.”

Depois a mãe foi ver televisão no quarto onde as duas dormiam. A casa era pequena. Ficamos sozinhos no sofá da sala e eu não fiz nada. Não fiz nada porque Genoveva era virgem e eu não queria mandar o cabaço dela pro espaço, aquela coisa de a mãe falar em casamento me deixou arrepiado. Tirar cabaço é coisa feita no impulso, e a mulher sempre embucha. Aí o cara tem que casar. Eu até casava com Genoveva, se não fosse a minha família. Todo mundo na minha casa era bonito. Como é que eu ia chegar e dizer, olha aqui pessoal, vou casar com esta moça feia? Ainda por cima, no momento nem estou trabalhando, quem me sustenta é o meu irmão que tem um restaurante no Santo Cristo. Ele é casado com uma dona que podia trabalhar no cinema.

Santo Cristo é um lugar perfeito, nasci e me criei lá, não tem boteco, loja, oficina, casa que eu não conheça, pelo menos por fora. Sei onde se pode comer uma boa gororoba, claro que o melhor lugar é o restaurante do meu irmão. Santo Cristo é um paraíso, eu podia passar a vida sem sair do bairro nem para ir à praia. Como é que fui comprar um remédio para dor de cabeça na rua Larga, se Santo Cristo tem suas farmácias? Foi o destino. O destino arma essas coisas pra cima da gente, colocou Genoveva no meu caminho.

“Você não gosta do lugar onde mora?”

“Por quê?”

“Nunca me leva para passear em Santo Cristo.”

“Não gosto daquele bairro. Prefiro a Tijuca. Já morei na rua dos Araújo.”

Era mentira. Eu detestava a Tijuca, mas não queria andar pelo Santo Cristo e ser visto com Genoveva. Quem morava na rua dos Araújo era uma meio prima minha, a Glorinha, nós namoramos até que eles se mudaram para a Barra e eu inventei que isso complicou o namoro. Foi um pretexto, ela era bonita, gostava de mim, mas eu não gostava dela e dizem que filhos de primos podem nascer aleijados. Meus irmãos, apesar de detestarem a nossa tia, que era irmã da minha mãe por parte de pai, achavam que seria um casamento perfeito para mim. O pai dela, sócio de uma companhia de ônibus na Baixada, podia me arrumar um emprego, já que eu não queria ser garçom no restaurante do meu irmão. Eu não era daqueles caras que inventam que estão desempregados porque não encontram emprego, eu não encontrava mesmo, só não queria ser garçom.

“Você não vai me apresentar sua família? Você nunca fala dela.”

“Qualquer dia desses.”

“Eu te apresentei minha mãe. Não tem pai e mãe?”

“Sou igual a você, só tenho mãe. Mas ela não gosta de receber visita.”

“Também não tem irmãos?”

“Irmãos? Eles estão viajando.”

Você nunca conta uma mentira apenas. Vem sempre uma porrada delas, de enxurrada. Acho que eu dizia pelo menos uma mentira por dia para Genoveva. Eu gostava dela, mas não podia gostar dela, uma mulher bonita pode gostar de um homem feio, mas nenhum homem pode gostar de uma mulher feia, o mundo é assim. Se eu tivesse dinheiro para sair de casa, fugia com ela. E o trambolho da mãe, o que a gente ia fazer com aquilo? Quem sustentava a velha era a Genoveva, com a merreca que ganhava na farmácia, e olha que ela era a gerente.

Como diz o ditado, é mais fácil pegar um mentiroso do que um coxo. Coxo é uma espécie de pernetta. Um dia fui apanhar Genoveva na farmácia na hora do almoço, íamos comer um sanduíche com caldo de cana num pé-sujo da rua do Acre e descíamos pela rua Larga quando ouvi uma voz:

“Oduvaldo, Oduvaldo.”

Reconheci a voz, fingi que não ouvi. Continuei andando, mas Genoveva parou, olhou para trás.

“Tem uma moça te chamando.”

“Moça? Deixa pra lá, vamos embora.”

Mas a minha irmã já tinha chegado perto.

“Hoje é o aniversário de Clodoaldo. Não vá se esquecer. Oito horas. Você é meio cabeça-tonta.”

Lá em casa todos os nomes de homem terminam em *aldo*. E o nome das mulheres em *alva*.

“Não vai me apresentar a sua amiga?”

“É a moça da farmácia.”

“Eu sou irmã dele. Marialva, muito prazer.”

“Muito prazer, Geni. Pensei que estava viajando.”

“Viajando? Quem me dera.”

“O que você está fazendo aqui na rua Larga?” perguntei, irritado.

“Vim comprar o presente do Clodoaldo. Você está aborrecido com alguma coisa?”

“Temos que ir, tchau” eu disse, puxando Genoveva.

O caldo de cana naquele dia estava com gosto ruim. Genoveva não comeu o sanduíche. Disse estar sem fome e não falou mais nada. Quando voltávamos para a farmácia, me perguntou:

“Por que você não me apresentou como sua namorada? Moça da farmácia? Moça da farmácia?”

“Eu não quis, sabe como é, dizer assim, sem mais nem menos, esta é minha namorada, minha irmã ia dizer, meu irmão tinha uma namorada e não apresentava para a gente. Sabe como é, ia ficar esquisito.”

“Ela não estava viajando? Ou você está me engrupindo?”

“Que é isso, Genoveva? Está zangada?”

“Estou zangada, sim.”

“Eu um dia te apresento a eles.”

“Por que não me leva no aniversário do, do, como é o nome dele? Do seu irmão.”

“Clodoaldo. Assim, sem mais nem menos?”

“Como, sem mais nem menos? Tem que chegar uma hora para isso.”

“Não sei se a hora certa é numa festa de aniversário sem graça, com bolo e parabéns para você.”

Eu e o Clodoaldo fazíamos anos no mesmo mês, mas Genoveva não sabia disso, eu não podia dizer para ela que minha família ia dar uma festa para mim nos próximos dias, no meu aniversário. Eu não podia levar a garota na minha casa. Família é uma merda.

“Você pensa que eu sou boba, não pensa?”

“Que é isso, Genoveva?”

“Pára de dizer o que é isso. Isso é isso mesmo. Não me leva até a farmácia, quero pensar, você está me atrapalhando.”

Ela saiu correndo, correndo mesmo, como se estivesse disputando os cem metros rasos.

Cheguei às oito em ponto na festa do Clodoaldo, no restaurante dele, fechado para os fregueses naquela noite. Entre os presentes que ganhou, o único mixuruca foi o escudo do Vasco que dei a ele, mas Clodoaldo era um vascaíno fanático e gostou do escudinho, além disso sabia que eu estava na pindaíba. Fiquei espiando a minha família, todo mundo elegante, todos bonitos e bem de vida, a mulher do Clodoaldo era bonita, a do Reinaldo, que tem uma oficina mecânica, era bonita, até minha mãe, que era velha, era bonita, o único que era apenas bonito e não estava se dando bem na vida era eu, mas beleza não põe mesa, a menos que você seja mulher, como dizem.

Além da minha mãe e dos meus irmãos, estavam na festa os amigos deles. Eu não tenho amigos. Vá lá, os amigos deles são também um pouco meus amigos. Todo mundo bebeu, teve cantoria, gargalhadas, tudo numa boa, eu também bebi, mas não adiantou nada, a cerveja e o vinho tiveram o mesmo efeito que chá de agrião, só me deixaram enjoado.

“O Oduvaldo arranjou uma namorada”, anunciou Marialva, lá para as tantas.

Todo mundo caiu na minha pele. Disseram um monte de besteiras, contaram piadinhas.

“Esse cara é um moita”, disse Ronaldo.

“Quem é a moça?” perguntou minha mãe.

“Trabalha numa farmácia”, disse Marialva.

“A Jaqueline? Aquela garota é um anjo.”

“Ela não trabalha na farmácia daqui, mãe. Acho que é numa das farmácias da rua Larga. Os dois estavam andando pela rua Larga. O nome dela é Geni.”

Ouvi mais um monte de piadinhas idiotas. Marialva não contou que Geni era feia. Para falar a verdade, Marialva era legal, estava noiva de um médico, ia casar com ele, o cara estava na festa, era meio prosa, sabe como são esses médicos, mas não era mau sujeito, muito gentil com todos nós, mas graças a Deus eu não precisava dos serviços dele, o cara era médico de hemorroidas. Além de bacana, o puto também era bonito. Porra, tinha gente feia pra caralho no Brasil, menos na minha família? Que merda.

No dia seguinte passei na farmácia. Genoveva estava emburrada.

“O senhor deseja algum produto?”

“Quero falar com você.”

“Não temos nada a conversar. Estou muito ocupada” disse, virando as costas e se escondendo no fundo da farmácia.

Eu estava numa sinuca de bico. Não podia apresentar Genoveva à minha família, eu ia morrer de vergonha, estava também com vergonha de mim mesmo, de ser um babaca, acho que era porque perdi o meu emprego e não conseguia arranjar outro, larguei o colégio no meio porque só gostava de jogar bilhar e bater bola, minha mãe e os meus irmãos deviam me encher de porrada, mas passavam a mão na minha cabeça.

Fiquei rondando a porta da farmácia até a hora de fechar. Quando Genoveva saiu, cheguei perto dela e disse:

“Quero te pedir perdão.”

Nenhuma mulher resiste quando um homem pede perdão. Ela olhou para mim, viu alguma coisa na minha cara e me perdoou.

“Está perdoado” disse, me dando um beijo no rosto...

Perdão eu pedi de verdade, mas o que disse em seguida era meio verdade meio mentira.

“Não te apresentei minha família porque eles são todos metidos a besta, só por isso.”

Eles eram mesmo metidos a besta, até minha mãe, que se chamava Ednalva, era metida a besta, mas o motivo não era só esse, era como a minha família ia reagir quando visse a feiura de Genoveva.

“E qual é o problema de eles serem convencidos? Qual é o problema?”

Consegui driblar o assunto e me separei dela numa boa, mas Genoveva parecia preocupada com alguma coisa.

No dia seguinte ao aniversário de Clodoaldo, me deu uma coisa e eu chamei Marialva para uma conversa particular. Disse a ela que estava apaixonado por Genoveva. Se você quer abrir o seu peito, abra para uma mulher. Se ela for sua irmã, é claro. Mãe é mais complicado, mãe é boa numas coisas, noutras é melhor a irmã.

“Aquela moça da rua Larga?” perguntou Marialva.

“Aquela.”

“Muito apaixonado?”

“Loucamente apaixonado. Não posso viver sem ela. Sei que ela é feia, mas não posso viver sem ela.”

“Existe gente mais feia do que aquela moça.”

Depois, Marialva não disse mais nada. Mordeu o beijo de baixo, só isso.

Fiquei andando pela rua, passei na porta do bilhar, resolvi que não ia jogar sinuca nunca mais, nem pelada de futebol, sei que ia sofrer por isso, mas a minha vida já estava mesmo um lixo. Ainda por cima, na quinta-feira era o dia do meu aniversário; a minha família sempre fazia uma festa para mim e eu não ia levar a Genoveva. Se ela soubesse, eu estava frito, Genoveva se chateou só porque não a convidei para o aniversário do Clodoaldo. Eu estava no mato sem cachorro.

Fiquei dois dias sem ver Genoveva. No dia do meu aniversário, cheio de remorso, dei uma passada na farmácia. Pensei que ela ia me dar um esporro, mas me recebeu com um sorriso. Achei esquisito, mas a gente nunca sabe o que uma mulher está pensando.

“Passei aqui só para te dizer que te amo.”

“Mais alguma coisa?”

“Não, só isso. A gente se vê amanhã?”

“Está bom, a gente se vê amanhã” disse ela, sempre rindo. Parecia ter pirado completamente.

O meu aniversário foi na casa da minha mãe. Eu morava na casa da minha mãe, acontece com os caçulas, ainda mais temporão e desempregado, como eu. Estava a turma toda lá, meus irmãos, as mulheres dos meus irmãos, o doutor da Marialva, aqueles bestalhões todos. A festa mal havia começado quando minha mãe disse:

“Marialva, vai pegar o presente do Oduvaldo.”

Minha irmã desapareceu por algum tempo.

A campainha da porta tocou, e todos começaram a cantar parabéns para você. Aquela musiquinha me dava nojo.

Então minha mãe abriu a porta e surgiu Marialva, puxando Genoveva pela mão.

“Genoveva...?” eu disse, surpreso.

“Não tem tanta farmácia assim na rua Larga, foi fácil encontrar a moça” disse Marialva.

Tive vontade de chorar, acho que é porque estava desempregado, e sujeito desempregado fica fraco. Para falar a verdade, meus olhos ficaram úmidos quando abracei Genoveva. Depois abracei os meus parentes e todos cobriram Genoveva de beijos. Minha mãe trouxe um bolo da cozinha, cheio de velas acesas.

Estou casado com Genoveva. Minha família gosta muito dela, dizem que é meiga, prestativa e cuida bem de mim. Trabalho como garçom no restaurante do Clodoaldo. Não é tão ruim assim, ser garçom, e o meu irmão me ofereceu sociedade. Estou dando duro, sem hora para entrar nem sair.

Quem foi que disse que família é uma merda?

MISS JULIE

Posso parecer um cínico ressentido ao dizer isso, mas o fato é que antes de ficar famoso, quando eu era um pobre-diabo lutando para arranjar pontinhas em peças infantis fantasiado de jumento, as mulheres gostavam de foder comigo pelo prazer de foder comigo, mas depois que me tornei o ator mais bem pago do país isso acabou, o sexo perdeu a sua candura, as mulheres passaram a me usar, atrizes, atrizinhas, modelos, produtoras, figurinistas, divulgadoras, fotógrafas, fanzocas em geral, todas queriam tirar um pedaço, sendo que uma me enrolou de tal maneira que casei com ela. O divórcio demorou uma eternidade, parte substancial do que ganho vai para a conta corrente dela. O casamento me fez comprovar a surrada frase de um ator, creio que americano, cujo nome não interessa: a única diferença entre uma puta e a sua mulher é que a puta você fode, paga e manda embora. Felizmente não tive filhos, Deus me protegeu. O casamento é uma das instituições mais anacrônicas que existem. Todo casamento é uma merda, o casamento do meu pai com a minha mãe foi uma merda, nem o dos meus avós funcionou direito, talvez o casamento dos meus bisavós tenha dado certo, e as razões não me interessam, isso foi no tempo do Onça.

Além disso, comer prostitutas é muito agradável, pois a variedade é esplêndida e infinita. Existem as putas suaves, as turbulentas, as ignorantes, as que leem livros de metafísica, as esbeltas como palmeiras, as mignons como bonecas de porcelana, as balzacas que mantêm a forma malhando nas academias, as ninfetas tenrinhas, as louras, pretas, japas, mulatas, as católicas, espíritas, evangélicas, macumbeiras, as ritualistas, como uma judia que depois de receber o dinheiro o apertava de encontro ao púbis, explicando que dava sorte, uma tradição herdada da avó, uma puta polaca. Você as escolhe conforme o seu desejo mais genuíno, não precisa de nenhum outro critério. Claro que precisa se proteger, hoje

em dia não se pode ir para a cama sem camisinha, nem com uma freira.

Nunca me encontro com elas na minha casa. Se sabem quem eu sou, a coisa acaba se complicando, deixo de ser visto como o freguês singelo cujo único charme é pagar a grana tabelada e viro um Papai Noel com saco sem fundo, conveniente para um romance, para arranjar um papel na novela ou num filme, para comprar um apartamento na Barra, toda puta gosta de morar na Barra, enfim, você vira o boi de piranha ideal.

E sendo tão famoso, como elas não sacam logo quem sou? Caramba, sou um ator, não sou? É tão fácil mudar de aparência, basta usar uma roupa diferente, modificar a maneira de falar, aparentar ser gerente de banco ou coisa do gênero e falar pouco, o que também é fácil, toda mulher é tagarela, gosta mais de falar do que de ouvir, as putas não são diferentes. O ideal, por todos os motivos, é não repetir a mulher, mas às vezes ela é tão gostosa que você quer dar outra bimbada nela. Isso é um risco, mas se ela disser que eu, o michê, pareço comigo, o ator, eu rio achando graça, como se fosse um absurdo, digo quem me dera ser esse cara, ou algo assim, e desapareço para sempre.

Como só ando com as putas secretamente e não namoro as mulheres que frequentam as colunas, acabei promovido nas folhas como o *bachelor* mais cobiçado, o que foi uma merda, aumentaram as investidas do mulheroio. Se você é famoso e dá bola, a mulher, seja ela solteira ou casada, acaba grudando como cola de sapateiro. Dar o bilhete azul a uma pegajosa dessas é uma aporrinhção de matar.

Conheci uma puta no início de janeiro chamada Miss Julie. Eu procurava as putas pelos anúncios de jornal e o dela me chamou a atenção porque dizia apenas "Meu nome é Miss Julie, eu sou quem você procura" A única peça importante que eu fiz, logo no início da minha carreira, foi *Miss Julie*, do Strindberg. Eu fazia Jean, o jovem criado que come a Miss Julie, a filha do patrão, o conde. A crítica me arrasou, aliás fez o mesmo com as duas atrizes, éramos só três personagens. A peça foi um fracasso, mas o papel de Jean foi uma experiência muito importante para mim, ter enfrentado aquela

pedreira foi muito útil para o meu futuro, é bem verdade que ultimamente tenho feito mais besteiro do que peças sérias.

Telefonei para Miss Julie, marcamos um encontro, ela só me deu o endereço depois de conversarmos quase meia hora. Era uma jovem engraçada, elegante, delicada, fazia o seu papel de gueixa, tão interessante que me encontrei com ela muitas vezes. Perguntei por que usava o nome de guerra de Miss Julie e ela respondeu que havia visto um filme com esse título e gostara muito. Não tinha, logo percebi, a menor ideia de quem eu era, não gostava de televisão, alguém que não gosta dessa porcaria já conta ponto a seu favor, sou ator, trabalho em novela, mas sei que a televisão é um lixo. Miss Julie disse que estudava contabilidade e que trabalhava numa firma, muitas gostam de fingir que são putas *part-time*. Eu disse que era executivo de uma multinacional, um papel que sei fazer bem. Às vezes, quando estava muito cansado e tenso, a profissão de ator, ainda mais um tão solicitado quanto eu, é muito desgastante, mas, como dizia, quando estava muito extenuado, Miss Julie, antes de fodermos, me dava uma massagem que acabava com todas as dores do meu corpo. E, depois da função, tirava com cuidado a camisinha cheia de esperma do meu pênis para não sujar o lençol e dizia, vai tomar banho enquanto joga isso no lixo. E tinha ocasiões em que eu dava uma segunda, coisa que nunca fiz com a minha ex. Eu sei que parece mentira, mas Miss Julie gozava quando fodia comigo, e dizia que me amava, de uma maneira que me fazia acreditar no que ela dizia, e se não fosse uma puta acho que eu sentiria uma coisa parecida por ela. Eu gostava do sexo que fazíamos, mas também gostava de conversar com ela, qualquer assunto, Miss Julie era inteligente e articulada. Decidi que ia lhe propor deixar de lado aquela profissão, que eu passaria a dar a ela todo o dinheiro necessário para o seu sustento. Se ela quisesse, comprava a porra do apartamento na Barra.

Um dia eu estava tomando banho, sempre demorava tomando um longo banho quente depois do sexo, pensando que quando saísse do chuveiro ia sugerir que ela ficasse só comigo, disposto a virar uma espécie de coronel das antigas, e daí?, dinheiro não me fazia falta e eu só sentia tesão por ela. Então ouvi vozes. Havíamos

combinado que quando eu estivesse na casa de Miss Julie não seriam admitidas visitas. Saí do chuveiro, entreabri a porta do banheiro e vi na sala, num relance, ela dando alguma coisa para um homem que estava saindo.

“Quem é esse cara?” perguntei, entrando pelado na sala.

“Você está todo molhado” disse Miss Julie, correndo em minha direção, “o ar-refrigerado vai resfriar você, entre no banheiro.”

No banheiro, pegou uma toalha e começou a enxugar o meu corpo.

“Quem é esse sujeito? Nós não tínhamos combinado que você não receberia visitas enquanto eu estivesse aqui? Ainda mais de outro homem?”

Ela enxugou o meu corpo mais algum tempo, parecia preocupada.

“Quem é? Teu cafetão?”

“É o meu irmão”, respondeu afinal, “ele está desempregado, veio me pedir um dinheiro emprestado.”

Nós atores temos como profissão fingir, e sabemos quando alguém finge mal. Miss Julie estava fingindo, o cara era mesmo o cafetão dela, pensei. Senti uma tristeza, uma decepção enorme, como se descobrisse que a mulher que eu amava e supunha que era só minha andava com outro, coisa de maluco que arranquei com força do meu coração, repetindo mentalmente, essa mulher é uma puta, essa mulher é uma puta, tentando aliviar minha tristeza, extinguir minhas ilusões. Vesti meu terno de executivo, paguei, trocamos beijinhos e saí disposto a não botar mais os pés naquele apartamento. No mesmo dia ela telefonou para minha casa, a farsante sabia quem eu era, tinha o meu telefone.

“Não ligue outra vez para minha casa, sua mentirosa nojenta, ouviu?” eu lhe disse, puto da vida.

“Querido, não desliga, quero muito falar com você, quero confessar uma coisa...”

“Confesse para o seu cafetão. Não ligue mais para mim, porra”, eu disse, batendo o telefone na cara dela.

Isso, como eu disse, foi em janeiro. Nos últimos meses deixei de comer putas, quer dizer, comi uma ou duas, mas perdi o interesse

pelas mulheres, meti a cara no trabalho como um louco. Na verdade, passei a detestar as putas. Mas nunca esqueci Miss Julie.

Em dezembro, o mês mais fecal do ano, eu estava em casa quando chegou um oficial de justiça que me entregou uma notificação para eu responder a uma ação de reconhecimento de paternidade. Um tal de Cléston Saraiva dizia ser meu filho, com uma tal de Celestina Saraiva, enfermeira de profissão. Quer dizer, quem dizia isso era a tal Celestina, ou melhor, o advogado dela.

Nem li a papelada direito. Liguei para um advogado amigo meu.

“Cara, eu não fiz filhos na minha mulher e com as vadias sempre usei camisinha para não pegar doença, como poderia embuchar alguém? Não tenho a menor ideia de quem é essa Celestina Saraiva, nunca conheci uma Celestina na minha vida, ainda mais enfermeira, nunca sequer entrei num hospital, a única enfermeira que conheço é a do filme, a tal Florence não sei das quantas.”

“Direito de família não é a minha área, vou te indicar um ótimo especialista que quebra esse galho, o nome dele é Temístocles. Leva a notificação para ele ler, Temístocles saberá o que fazer.”

“Porra, Temístocles?”

“Esse nome tem tradição jurídica.”

“Está bem, vou ver esse cara.”

O escritório do doutor Temístocles ocupava um andar inteiro. Temístocles era um coroa solene, de roupa escura, só faltava um pincenê como o que usei numa novela de época em que fazia um advogado.

“O senhor tem certeza de que não conhece essa Celestina Saraiva?” perguntou o dr. Temístocles, quando eu assinava a procuração dando-lhe poderes para me representar em juízo. Eu ia pagar a ele, conforme combinamos, uma fortuna. Mais uma pessoa tirando uma lasca do babaca que eu era.

“Certeza plena. Doutor Temístocles, tenho uma gravação dentro de meia hora. Podemos conversar melhor amanhã?”

“Enquanto isso vou estudar o seu caso” disse o causídico.

No dia seguinte, Temístocles me recebeu com uns papéis na mão.

“É uma cópia da petição” disse, sem consultar nem uma vez sequer os papéis à sua frente, “em que o menor Cléston Saraiva, por intermédio de sua mãe, representado pelo dr. Rogério Nepomuceno — aliás, conheço bem o meu *ex adversus*, sua conduta profissional não é das mais recomendáveis...”

“Um patife, só pode ser um patife, mancomunado com uma vigarista” eu disse, cortando a fala do dr. Temístocles.

“Eu não disse isso. Por favor, deixe-me continuar. O menor propõe, contra o senhor, em petição dirigida ao Juiz de Direito da Vara de Família, uma ação ordinária de investigação de paternidade cumulada com alimentos. Conforme está nos documentos, a genitora do requerente, Celestina Saraiva, enfermeira de profissão, afirma que conheceu o requerido no mês de janeiro do corrente ano, iniciando com ele um relacionamento amoroso que perdurou por dois meses, quando o mesmo tomou conhecimento da sua gravidez.”

“Cachorrona mentirosa.”

“Deixe-me continuar, por favor. Ao tomar conhecimento desse fato, o requerido, o senhor, tratou de evadir-se, alegando que era um homem famoso e importante, que não podia ter o seu nome envolvido com uma pobre enfermeira. E que, quando do nascimento de Cléston, o senhor recusou-se a atender e até mesmo a conversar pelo telefone com a genitora do requerente.”

“Putá merda, que loucura.”

“Ainda segundo a petição, o requerido, o senhor” continuou Temístocles, sempre sem consultar os papéis, “persiste na recusa de reconhecer a paternidade e, conseqüentemente, de contribuir para a criação do requerente, não restando outra alternativa que não a propositura da presente ação, onde se solicita a citação do requerido, o senhor para que ofereça, no prazo e sob as penas da lei, a defesa e as provas que tiver, sendo afinal julgado procedente o pedido para o fim de ser declarado que o senhor é pai do requerente e, tendo em vista a próspera situação financeira do requerido, o senhor, condená-lo ao pagamento de pensão no valor de vinte por cento dos seus salários brutos mensais, abatidos apenas os descontos legais e obrigatórios, a partir da data da citação, vencível

todo último dia de cada mês, a ele, requerido, impondo-se ainda, em caso de resistência ao pedido, o ônus da sucumbência.”

“O que é isso?”

“Ônus que recai sobre a parte vencida numa ação, o pagamento dos honorários de advogado da parte vencedora e as custas ou despesas processuais. Ato de sucumbir, ou seja, sair vencido numa ação. Finalizando, o requerimento solicita que após o trânsito em julgado da decisão seja expedido mandado ao cartório do Ofício de Registro Civil de Pessoas Naturais para que se averbe a filiação do requerente, protestando pela produção da prova necessária, em especial pelas oitivas das testemunhas abaixo arroladas. É o seguinte o rol das testemunhas...”

Mais uma vez, interrompi Temístocles.

“Doutor, o senhor poderia trabalhar no teatro. Decoraria qualquer fala, por mais longa que fosse, ou mais confusa, esse nosso papo parece um texto do Ionesco. Impressionante.”

“Fiz teatro na faculdade” disse ele, agora com ar sonhador. “Peças clássicas. Ibsen, Strindberg, Tchecov. Mas tive que escolher. O teatro não era uma profissão... como eu diria...”

“Digna?”

“Por favor, isso nem sequer passou pela minha cabeça. Eu ia dizer que era uma profissão sem futuro, pelo menos para mim. Eu não tinha talento, como o senhor, por exemplo. Vejo sempre as suas novelas, sabia?”

Putá que pariu, até advogados de pincenê assistem a essas merdas.

“Eu já representei Strindberg e outros autores importantes” protestei, “sou também ator teatral, não faço só televisão.”

Temístocles não levou o meu teatro a sério.

“Não deve ser difícil contestar essa ação. Já defendi um cantor famoso, também vítima como o senhor de uma chantagista instruída por um advogado inescrupuloso. Foi relativamente fácil. Todos sabem que artistas famosos são o alvo preferido desses espertalhões.”

“Quem são as testemunhas dessa vigarista?”

“Um tal de Asdrúbal, porteiro do prédio onde ela mora, e duas enfermeiras do hospital onde ela trabalha.”

O nome Asdrúbal deu um estrondo dentro da minha cabeça.

“Nesse papel diz onde essa dona mora?”

“Rua Prado Junior, em Copacabana.”

“Qual foi o mês em que nasceu o tal filho dela?”

“Janeiro ou fevereiro. O bebê tem nove meses.”

Veio tudo na minha cabeça, como um filme: eu chegando no mês de janeiro no prédio onde Miss Julie morava, na rua Prado Júnior, e brincando com o porteiro, chamado Asdrúbal, que abria a portaria para mim, eu dizendo a ele, “Seu Asdrúbal, da próxima vez trago o trombone” tinha trabalhado num peça que tinha Asdrúbal e trombone no título e queria fazer uma gracinha com o porteiro, os porteiros dos apartamentos das putas me inibiam, de certa forma. E o Asdrúbal sempre perguntava, “Que trombone, doutor?”.

“Doutor Temístocles, sei quem é essa mulher. É uma... uma mulher com quem eu, durante algumas vezes, tive um relacionamento profissional. Dizia se chamar Miss Julie, falava que era contadora, mas eu pensei que era chute, que ela não fazia outra coisa, queria fingir que era *part-time*, todas acham que isso lhes dá um charme especial, sabe como é que é.”

“Não sei nada como é que é. O senhor se explique melhor, por favor.”

“Falando em bom português, ela era uma pessoa a quem eu pagava pelos favores que me concedia. Pelo visto também era enfermeira, portanto era mesmo uma prostituta *part-time*, ou vice-versa. Entendeu agora?”

“Então o senhor teve relações sexuais com ela?”

“Tive.”

“Várias vezes?”

“Muitas vezes, mas sempre de camisinha. Durante dois meses. O porteiro do prédio, que abria a porta para mim sempre que eu ia lá, se chamava Asdrúbal. O mesmo nome de uma das testemunhas, que o senhor acabou de mencionar.”

“Então há fundamentos sólidos no pedido.”

“Fundamentos sólidos?”

“Mas se pudermos provar que ela é uma prostituta, ou que exercia a prostituição nos meses de janeiro e fevereiro, poderemos levantar, na contestação, a *exceptio plurium concunbentium*, provando que a mãe do autor, o bebê Cléston, manteve durante o período da concepção relações sexuais com outros homens.”

Advogado gosta de falar difícil, assim como o médico escreve aqueles garranchos incompreensíveis nas receitas para impressionar os clientes.

“Todavia” continuou Temístocles, “temos que levar em consideração dois problemas. Primeiro, se não conseguirmos provar esse ponto na nossa contestação, ela, além de ganhar a causa, pode acioná-lo por injúria e difamação, pedindo um bom ressarcimento. Suas perdas serão ainda mais consideráveis.”

“E o segundo problema?”

“Conforme as decisões dos tribunais, a *exceptio plurium concunbentium*, como uma das diretrizes para julgamento de demandas dessa natureza, cumpriu a sua função enquanto a ciência não atingiu o grau de evolução que ostenta, atualmente, no tema específico da perfeita identificação da paternidade. Hoje, não obstante a vida desregrada da mulher, o filho por ela concebido pode buscar a identificação paterna através do exame do DNA, cuja conclusão, quando positiva, passa a ser cientificamente incontestável.”

“Não vou fazer porra de exame nenhum.”

“Embora ninguém possa ser coagido a fazê-lo, a recusa ao exame pericial de verificação de paternidade leva à presunção da veracidade dos fatos alegados. É o entendimento dos tribunais.”

“Sempre usei camisinha, não fui eu que engravidei essa mulher.”

“Temos quinze dias para a contestação. Para levantarmos a *exceptio plurium concunbentium*...”

Cortei o papo dele.

“Doutor Temístocles, evidentemente ela deu uma grana ao porteiro para ele dizer que eu frequentava o apartamento dela. Eu posso dar mais dinheiro para ele dizer que a Miss Julie, digo Celestina, ou lá que nome ela tenha, recebia outros homens, além de mim, no apartamento dela.”

“Não quero tomar conhecimento de nenhuma atitude eticamente incorreta do senhor. Conforme o entendimento dos tribunais...”

“Doutor Temístocles, sei que o senhor é um cobrão do primeiro time e estou feliz de ter o senhor patrocinando a minha causa, mas já entendi todo o enredo, por hoje não preciso ouvir mais nada, estou enchendo demais a memória e preciso de espaço na cabeça, decoro diariamente falas enormes da novela, e tem as falas do filme que estou fazendo, minha cabeça vai acabar pirando, e as coisas que me dizem nunca entram por um ouvido e saem pelo outro, ficam rodopiando na minha mente. Sabe quantos papéis em novelas, cinema, teatro eu já fiz? Aliás comecei zurrando, foi a minha primeira fala, sabia?”

O dr. Temístocles por alguns momentos mostrou-se perplexo. Estávamos empatados.

“Estou esclarecendo aspectos importantes do processo jurídico intentado contra o senhor.”

“Muito obrigado. Mas tenho uma gravação dentro de uma hora. Faço o papel de um padre milagroso, na novela das oito. Amanhã eu lhe telefono, está bem? Temos quinze dias, não é?”

Fui para o estúdio. Durante a gravação, o diretor chamou minha atenção, com jeito, sou um astro e o bestalhão não ia querer empombar comigo.

“Nunca vi você esquecer uma fala. Está cansado?”

“Esse padre só diz besteira, dizer besteira cansa” respondi.

No dia seguinte fui à rua Prado Junior e logo identifiquei o edifício de Miss Julie. Toquei a campainha. Asdrúbal, como sempre fazia, acionou o mecanismo que abria a porta automaticamente. Acho que não me reconheceu, pois eu não usava meu disfarce de executivo de terno e gravata, estava de jeans, tênis, camisa polo e barba por fazer, como anda um artista decente.

Aliás o padre também não fazia a barba.

“Sim, qual o apartamento?” perguntou Asdrúbal, quando me aproximei da sua mesinha na portaria. Ele não tinha mesmo me reconhecido.

“Mais uma vez esqueci o trombone, Asdrúbal.”

Aí ele sacou quem eu era, pois se encolheu todo, como se tivesse medo de eu lhe dar uma porrada.

“Não vai perguntar ‘Que trombone, doutor?’ Hein, seu merdinha? Sei que Miss Julie ou dona Celestina lhe prometeu uma grana para testemunhar dizendo que eu vinha aqui visitá-la.”

Ele continuou calado e encolhido.

“Olha, posso tornar a sua vida muito difícil, é só você me prejudicar.”

Tive vontade de dizer, posso me tornar o seu pior pesadelo, mas um ator de classe não usa um clichê cinematográfico tão ordinário.

“Mas o senhor vinha mesmo aqui, não vou dizer nenhuma mentira pro juiz...”

“Não quero que diga nenhuma mentira. Só quero que diga que outros homens também vinham aqui.”

“Mas não vinha mais nenhum homem aqui. Só vinha o senhor.”

“Olha aqui, filho da puta mentiroso, vou acabar com você, vai se arrepender de ter nascido.”

“Eu juro por Deus, por tudo quanto é mais sagrado, só vinha o senhor.”

“Seu escroto, um dia eu estava tomando banho e vi um homem no apartamento dela.”

“Era o irmão de dona Celestina. Nas últimas vezes em que o senhor foi ao apartamento, o irmão dela ficou na portaria, esperou dona Celestina dar um sinal pelo interfone, subiu e ficou lá menos de um minuto. Juro por esta luz que me ilumina.”

Era uma luz elétrica no teto da portaria, mas nós artistas, de tanto fingir, sabemos quando o outro está fingindo ou não. Já mencionei isso. O Asdrúbal estava dizendo a verdade.

“E o que ele ia fazer lá?”

“Não sei. Juro que não sei. Só sei que ele ia com uma caixa de isopor. Ele é médico, eu achei que ele ia colher sangue, uma coisa assim, mas nunca perguntei.”

Outro estrondo na minha cabeça e outro filme rolando na minha mente. Miss Julie tirando a camisinha cheia de esperma do meu pau e me mandando tomar banho.

“Ela está em casa?”

“Está no hospital.”

“Que hospital?”

“Dona Celestina é uma moça muito boa, precisa ver como cuida do filhinho dela, o senhor vai brigar com ela...”

“Não vou. Quero apenas passar umas coisas a limpo. Anda, seu merda, me diz qual é o hospital.”

Ele disse. Peguei um táxi e fui ao hospital. Era uma maternidade. Não foi difícil achar a Celestina, ela trabalhava no berçário.

Quando me viu, ficou branca como uma gueixa verdadeira, aquelas de filme japonês. Estava linda, no seu uniforme de enfermeira.

“Eu sabia que este momento seria horrível para mim. Quero te pedir perdão.”

“Perdão? Você está me fodendo na justiça.”

“Vamos conversar naquela sala.”

Fomos para a sala.

“Estou arrependida. Fiz uma coisa horrível.”

Começou a chorar. Para chorar daquela maneira, sendo mentira, tinha que ser melhor que a Sarah Bernhardt. Comecei a sentir pena dela.

“Eu estava apaixonada por você. Liguei para contar tudo, que tinha feito inseminação artificial com o seu esperma e para pedir perdão. Mas você bateu o telefone na minha cara. Achei que se telefonasse para você dizendo que estava grávida seria pior ainda. Você pensava que eu era garota de programa.”

“Você é o quê, era o quê?”

“Enfermeira.”

“Botando aqueles anúncios no jornal? Quer continuar me fazendo de bobo?”

“Eu vi você na peça Miss Julie, no teatro, um papel importante, e achei que colocando aquele anúncio você acabaria me procurando. Demorou um tempo enorme, meu Deus.”

“E por que eu iria te procurar no classificado de putas?”

“Prefiro não dizer.”

“Diz, anda.”

“Você não vai gostar de ouvir.”

“Pode dizer.”

“Todo mundo fala que você gosta de andar com esse tipo de mulher.”

“Todo mundo quem?”

“As enfermeiras do hospital, que leem as revistas de TV.”

A vida de ator famoso é uma merda. Vivemos dentro de um aquário de peixes coloridos.

“E você acreditou?”

“O anúncio deu certo, não deu?”

“E os outros homens que ligaram? Não ligou mais ninguém para Miss Julie?”

“Eu sabia que reconheceria sua voz, é uma voz linda, inconfundível. Eu era, sou, nunca vou deixar de ser, fissurada em você. Dispensei todos os outros que ligaram devido ao anúncio, foram poucos, o anúncio não era muito sedutor. Quando você ligou, logo vi quem era, fiquei tão feliz que pensei que ia morrer.”

“E você era tão fissurada por mim que resolveu me foder dessa maneira maquiavélica?”

“Não, eu não queria lhe fazer mal. Já decidi que vou retirar a ação, não quero nada de você, apenas que me perdoe. Pergunta ao meu irmão, pergunta ao meu advogado.”

“Quero que o putto do seu irmão se foda, foi ele quem arquitetou essa trama toda, não foi?”

“Nós dois” disse ela, enxugando os olhos, vermelhos de tanto chorar, “mas a culpa maior é minha.”

“E Cléston? Você foi chamar o menino de Cléston? Que nome mais feio.”

“Era o nome do meu avô. Ele é um bebezinho lindo. Parece com você.”

“E onde está o raio desse menino?”

“Sempre trago ele para o hospital comigo. Está no berçário.”

“Posso dar uma olhada?”

“Vem comigo” disse Miss Julie, me pegando pela mão.

ESPECULAR

Como fazíamos todos os dias, menos aos domingos, andávamos de bicicleta lado a lado na academia enquanto conversávamos sem parar. A música barulhenta não nos incomodava.

“É melhor ver do que ser visto. Mas o Updike disse: ‘Ou você vê, ou é visto’, como se fossem alternativas excludentes. Mas há uma ocasião em que se pode ver e ser visto, de maneira simultânea e com a mesma intensidade. E nessa situação, uma coisa não é melhor do que a outra.”

“Não complica as coisas, Luiz Carlos.”

“Foi você quem me provocou, ao perguntar se é melhor ver do que ser visto.”

“Mas não precisa tratar desse assunto como se fosse uma ciência, fazendo uma exposição preliminar dos seus princípios.”

“Você está me gozando?”

“Por que a Renata deu um beijo na sua boca?”

“O quê? Ela me deu um beijo no rosto. Todo mundo se beija no rosto.”

“A boca dela roçou na sua.”

“Esse cacófato é horrível. Vamos voltar ao nosso assunto. Você me perguntou o que era melhor, ver ou ser visto.”

“Não tergiversa. Você é o rei do subterfúgio. Por que a Renata te beijou na boca? Você está tendo um caso com aquela mulher?”

“Que absurdo, você está maluca? Na hora provavelmente o nosso rosto se desencontrou, mas nem notei que a boca dela roçou na minha. Posso continuar?”

“Você deve sentir muita saudade do tempo em que foi professor. Da audiência cativa.”

Calei-me. Não era a primeira vez que Daniele me acusava de enfadonho. Fiquei pedalando sem olhar para ela.

“Você anda muito não-me-toques.”

“Como assim?”

“Você sabe que sou ciumenta. Para que essas frescuras, fazendo caras?”

“Ciumenta e irônica.”

“Sempre fui. De repente você fica todo abespinhado.”

“Daqui para a frente você só pode me perguntar se gosto de escargô ou de amarelo. *De gustibus et coloribus...*”

“Você gosta de amarelo? Nunca lhe perguntei isso.”

“Não.”

“Eu gosto.”

“Viu como é fácil? Acabou o assunto.”

Fiquei acompanhando os movimentos da turma no step. Daniele não gostou do meu silêncio.

“Diz alguma coisa.”

“Você acha que vai chover?” perguntei.

Ela não respondeu.

“Você sabe, por acaso, a previsão do serviço de meteorologia?”
insisti.

“Não enche.”

“É a ironia? O seu repertório acabou?”

“Estou com aquela mulher atravessada na garganta. E você sabe muito bem por quê.”

“Não sei. Falando sério, não sei.”

“Olha para a minha barriga.”

“Estou olhando. E daí?”

“Você ontem, na cama, me disse que eu estava com umas gordurinhas extras na barriga. Foram essas exatamente as suas palavras, gordurinhas extras.”

“E daí?”

“Você gostaria que eu tivesse a barriga da Renata, uma tábua de lavar roupa. E ela usa aquelas malhas apertadas para me humilhar. Outro dia ela me disse, depois de me olhar de alto a baixo, ‘Você deve gostar muito de doce’. Me contive para não mandar ela à merda.”

“Onde foi que você viu uma tábua de lavar roupa?”

“Entendi muito bem o significado do seu recado de ontem. Essas gordurinhas vão fazer você perder o tesão por mim.”

“Fala mais baixo.”

“Não se preocupe, essas narcisistas só ouvem as imagens delas, nos espelhos.”

“Já vi que você gosta mais de ver. Aliás essa é uma das suas virtudes, saber ver.”

“E sei ouvir, também. Umas gordurinhas extras na barriga.”

“Ouvir, você não sabe.”

“Não quero brigar com você, Luiz Carlos. Vamos fazer as pazes?”

“Vamos.”

“E o que é mais importante, saber ver ou saber ouvir?”

“Está vendo, Dani? Você faz perguntas complicadas depois me acusa de ser prolegomênico.”

“Existe essa palavra?”

“Sei lá. Devia existir.”

“Não acusarei você dessa coisa horrível. Uma última pergunta: os alunos gostavam de você?”

“Me achavam um pouco chato.”

“As garotas também?”

“Menos.”

“Você namorava as alunas?”

“Não.”

“Assunto encerrado. Vamos voltar ao que estávamos conversando, ver e ser visto.”

“Você não está me achando muito chato?”

“Um pouco. Como os seus alunos.”

“Você quer ouvir assim mesmo?”

“Quero. Não sei ouvir, mas quero.”

“Vamos lá. Há quem diga que é melhor ver do que ser visto.”

“Eu também acho. Através do sentido da visão posso adquirir conhecimentos, perceber o mundo que me cerca. Ser vista não me acrescenta nada.”

“Depende. Se você for vaidosa...”

“Isso não vale coisa alguma.”

“Também depende. Agora a frase do Updike: ‘ou você vê ou é visto.’”

“Também é fácil de entender. Quem quer ser visto não vê nada do mundo à sua volta. Está com uma venda nos olhos.”

“Vou dar um exemplo que contradiz isso. A Renata, fazendo o step e se olhando no espelho, está vendo e sendo vista. Ela faz as duas coisas. Não está tapada com uma venda nos olhos.”

“Como assim?”

“Ela está se vendo em movimento, analisando a linguagem gestual, o seu eu se expressando, sua imaginação sendo estimulada, o mundo não está à sua volta, está dentro da sua cabeça. Existe um mundo inexplorado dentro da nossa mente. Ela está vendo e ao mesmo tempo sendo vista, ela por ela mesma. Ocorre nela algo que podemos chamar de transcendente, ela está sendo o que está vendo, e vendo o que está sendo”

“A palavra transcendência devia ser proibida, já a vi ser usada até para descrever um bobó de camarão. E outra coisa, essa mulher não tem nada dentro da cabeça.”

“Dani, nós fizemos as pazes.”

“Você acha a Renata bonita?”

“Não pensei nisso.”

“Deixa de ser cretino, você fica aqui na bicicleta espiando ela bailar no step ao som dessa música cafona. Ela só tira o olho da própria imagem no espelho para olhar você. Pensa que não notei isso tudo? Anda, responde. Olha para ela e responde, você acha a Renata bonita?”

Olhei para Renata se contemplando no espelho, fascinada com sua beleza e elegância, fazendo os movimentos num ritmo perfeito, ao som do bate-estaca transmitido pelos alto-falantes.

“Mais ou menos.”

“Fala a verdade, eu não me incomodo, sou superior, Renata é uma burra, ignorante, não posso ter ciúme de uma mulher dessas. Anda, me diz, ela é mais bonita do que eu?”

“Vocês são diferentes. Ela é loura, de olhos azuis, você é morena, de olhos castanhos.”

“Eu não sou morena, sou mulata, com muito orgulho”

“Isso. Vocês são diferentes.”

“Os homens são todos uns filhos da puta. Chegou a hora de trocar uma mulata com gordurinhas extras na barriga por uma loura sarada de olhos azuis, é isso?”

“Você me interpretou mal.”

“A vaca não tira o olho de você.”

Daniele saiu da bicicleta e foi até perto de Renata, que fazia exercícios com as outras mulheres do grupo, no meio do salão cercado de espelhos refletindo imagens de todos os ângulos.

“Olha aqui, Renata, chega de dar em cima do Luiz Carlos, você sabe que ele é comprometido comigo.”

Renata parou, mas observava Daniele pelo espelho. As outras continuaram a fazer os movimentos, acompanhando a música e a discussão.

“Você ouviu? Não vou falar uma segunda vez.”

“Está me ameaçando?” perguntou Renata.

“Entenda como quiser.”

Renata veio em minha direção. Continuei pedalando, onde ia me esconder? Meu rosto no espelho era o de um cachorro com o rabo entre as pernas.

“Olha aqui, Luiz Carlos, vê se dispensa logo essa louca, já está na hora de resolver esta situação” disse Renata.

Daniele agarrou Renata pelos cabelos.

“Eu avisei, não avisei?”

As duas rolaram engalfinhadas pelo chão. O instrutor da academia parou a música. A turma do deixa disso separou, com dificuldade, as duas mulheres.

“Você vai continuar com essa vagabunda, Luiz Carlos? Você pediu um tempo, o seu tempo acabou” gritou Renata.

“Professorzinho de merda” berrou Daniele, “fodendo essa loura burra pelas minhas costas.”

Elas se agarraram novamente.

Peguei o meu celular no escaninho e fui embora, aquela comoção me perturbava. As mulheres são todas loucas. Cercadas por espelhos, se alucinam ainda mais.

A alma do ser humano mudou quando surgiu o espelho. E os homens são mesmo uns filhos da puta.

PAIXÃO

Merda, merda, agora está tudo uma merda, José pensa, sentindo calor, sem disposição para tirar os sapatos que esquentam seus pés.

Não sabe há quanto tempo está arriado na cadeira, mas não pode ficar sentado sem fazer nada, se lamentando como um choramingas. Levanta-se, vai até a geladeira, pega uma garrafa de champanhe. Merda, merda. Procura, em torno, um lugar adequado. Quebra a garrafa na borda da pia. Os cacos da garrafa se espalham pelo recinto, uma parte do líquido molha sua roupa.

Volta a sentar-se no mesmo lugar, na sala. Se tirar os sapatos, evitar ir à cozinha. Curativos no pé, só faltava isso. Se for andar na rua vai ficar com raiva dos transeuntes, o cinema está cheio de cretinos, telefonar pedindo uma pizza vai dar enjoo depois, telefonar pedindo uma puta vai broxar, telefonar pedindo veneno, muito engraçado, está inventando para quem? Dormir? Amanhã nunca é outro dia, amanhã vai ser pior, é melhor nem dormir, de qualquer forma ainda é muito cedo.

Se surgisse um rato, ali, perto do seu pé, seria interessante. Nem ratos há nesta casa, nem baratas, nenhum outro ser vivo. Teve um cachorro, e um gato, em outra época. Teve também um rato, mas isso quando era criança. E uma lagartixa, recentemente. Isso não é uma das suas invencionices. Quando foi que tudo virou uma merda?

Não quer pensar nisso, não vou pensar nisso. Quando tem insônia, decide não vou pensar nisso, o que for que cause a insônia, se pensar nisso não durmo, e não pensa no que for. Então não vou pensar o porquê de tudo estar uma merda.

O telefone toca, ele atende.

“Estou arrependida de ter brigado com você, o champanhe está na geladeira?”

“Eu, eu estava achando tudo uma merda, tanto tempo sem você.”

“Mas nós brigamos hoje de manhã, não se passaram nem cinco horas.”

“Eu estava achando tudo uma merda e quebrei a garrafa.”

“Você quebrou uma garrafa daquele champanhe?”

“Quebrei, estava achando tudo horrível, sem você.”

“Não é uma das suas invencionices?”

“Não, nem a lagartixa é uma das minhas invencionices, quebrei mesmo.”

“Você não tem jeito, estou indo para aí.”

Na cozinha, José esmigalha com a sola do sapato cacos da garrafa, que ruído agradável, odeio champanhe, pisar nos cacos da garrafa dá uma boa sensação. Vou deixar os cacos no chão, vou ficar com a roupa molhada, para ela ver. Eu amo essa mulher, sem ela fica tudo uma merda.

Fica em pé na porta, esperando Sylvia chegar. Os dois se abraçam, carinhosamente.

“Vai trocar essa roupa, José.”

Sylvia vê os estragos na cozinha. Pega uma pá e uma vassoura, cata os cacos, coloca-os na lata do lixo. Depois passa um pano no chão.

“Vamos conversar, José. Senta aqui. Agora você vive falando merda a toda hora, merda isso, merda aquilo. Eu não gosto, acho vulgar.”

“Não falo mais, nunca mais. Vamos tomar champanhe, tem outra garrafa na geladeira. Você adora champanhe.”

“Depois. Agora vamos conversar. Você, hoje de manhã, disse que queria me ver todos os dias e eu perguntei se não era melhor morarmos juntos e você respondeu secamente, não.”

“Também achei vulgar a maneira que você falou depois.”

“Eu disse: você quer me ver todos os dias apenas para me foder?”

“Não gostei do que você disse.”

“Querido, foder é vulgar, mas é uma palavra bonita. Nós falamos sempre.”

“Mas foi o jeito que você falou, o som da sua voz.”

“E o que você disse, em seguida? Merda, mais uma vez merda. Aliás você disse: merda, vamos encerrar o assunto.”

“E você brigou comigo por causa de uma palavra? Merda?”

“Você sabe que briguei por causa de outra palavra.”

“Que palavra foi essa?”

“Foi aquele não, definitivo, da sua resposta.”

“O que eu devia ter dito?”

“Vou pensar. Você devia ter dito, vou pensar. Era normal eu perguntar se você não achava melhor morarmos juntos, já que quer me ver todos os dias.”

“Ver todos os dias é uma coisa. Morar juntos é outra. Você também quer me ver todos os dias, não quer?”

“Quero, mas não quero fazer amor todos os dias. Uma mulher não pensa só nisso.”

“Mas quer dormir com o namorado todos os dias, dormir mesmo, como as mães gostam de fazer com os bebezinhos que acabaram de parir.”

“Talvez seja um sentimento parecido, quando a mulher ama, como eu te amo.”

“E o próximo passo é ter o bebezinho.”

“Sou uma mulher normal.”

“Então na verdade você não quer morar comigo. Quer ter um filho comigo. E colocar a merda do bebezinho no meu lugar.”

“Deixa de ser infantil.”

“Não existe um lugar para bebezinho entre um homem e uma mulher apaixonados, deixa de bancar a parideira instintiva.”

“Está vendo? A bobagem que você está falando?”

“E o seu tom de voz? Imagino depois de morar aqui e ter um filho: vai me tratar como um cachorro.”

“Deixa de ser idiota.”

“Infantil, idiota, o que mais?”

“Neurótico.”

“O neurótico sou eu? Quem teve um irmão maluco internado numa clínica?”

“Ele não era maluco. Era alcoólatra. E ficou bom.”

“Isso é o que você diz.”

“Acho melhor eu ir embora.”

“Pode ir.”

Sylvia sai, sem se despedir. José permanece sentado na poltrona.

Ela já deve estar na rua, em frente ao prédio, indo embora, José pensa.

Repentinamente, levanta-se da poltrona, abre a janela, grita desesperado, o mais alto que consegue, pois seu apartamento fica no décimo segundo andar:

“Sylvia, Sylvia, me perdoe, eu te amo.”

Mas Sylvia não pode ouvi-lo. José mora num apartamento de fundos, sua janela abre para um pátio interno, cheio de carros estacionados.

José vai à geladeira e pega a outra garrafa de champanhe.

Merda, merda.

HILDETE

“Ela foi espancada pelos pais ainda bebê, molestada sexualmente aos oito anos, mendiga aos treze, prostituta aos quatorze, grávida aos quinze, uma médica caridosa fez o aborto clandestinamente, mãe solteira aos dezoito, espancada e explorada pelos homens com quem viveu, mas a tudo superou. Ela é você, Hildete, você estará transmitindo para milhões esta mensagem, fui ao fundo do poço, passei pelos piores sofrimentos, mas dei a volta por cima e o meu exemplo pode ser seguido por todos.”

“Tenho vergonha de dizer isso. É mentira, seu Alex.”

“Vamos fazer de você uma pessoa famosa. E rica.”

“Nunca fui estuprada.”

“Você precisa dessa imagem. Não vai se arrepender. Qual é o problema de ter sido estuprada? As pessoas veem com simpatia, eu diria até mesmo com admiração, uma mulher estuprada.”

“Mendiga...”

“Se você acha chato, a gente tira isso, substitui por passou fome.”

“Prostituta... É demais.”

“Hildete, o Zé é especialista em imagem, ele sabe o que está fazendo, nada disso vai diminuir você, quer dizer, a pessoa que você era e vai ser. Só lhe dará grandeza. Um ser humano que supera o sofrimento, a desgraça, os horrores que você, entre aspas, enfrentou, e dá a volta por cima, adquire uma grande autoridade moral. Sai a mendiga mas o resto fica, reconheço que ser mendigo indica uma falta total de altivez. Mas prostituta tem conotações preciosas, instiga a imaginação. Grandes heroínas da literatura, da ópera, do cinema, da História, eram meretrizes.”

“Chamavam-nas cortesãs, hetairas, sacerdotisas do amor.”

“É a mais antiga das profissões. Em todo país civilizado e culto, essa atividade existe e é considerada legítima.”

“Você acabou de ouvir a opinião de duas mulheres, Hildete.”

“Sai a mendiga? Você é que manda, Alex, mas o correto, dentro do nosso figurino, é ela ter sido também mendiga.”

“A palavra final é minha, Zé, mendigo não tem brio, dignidade, alma. Melhor ser ladra, mas ela também não vai ser ladra, ladrão só no cinema, e assim mesmo depende. Noto que a Hildete está cansada, vamos encerrar. Amanhã a gente volta a tratar desse assunto.”

“Eu não estou cansada.”

“Mas nós temos que discutir outros temas urgentes da pauta, que não envolvem você. Não comenta o nosso projeto com ninguém. Nem com sua mãe.”

“Seu Alex, eu não tenho pai nem mãe, vocês já esqueceram?”

“Não esqueci. Mãe é uma metáfora. Mãe engloba melhor amiga, namorado, padre, psiquiatra, entendeu?”

“Não tenho nada disso.”

“O que eu quero dizer é que ninguém pode saber. Nem mesmo outras pessoas daqui. Somente nós quatro, reunidos nesta sala, sabemos o que está sendo planejado. Além de você, é claro. E me chama de Alex, como todo mundo.”

“Está bem... Alex. Eu ligo telefone para marcar o novo encontro?”

“Deixa que eu ligo para você. Amanhã você vai se mudar para um lugar muito confortável que arranjamos, todo mobiliado, com TV, vídeo, tudo. Por enquanto evita sair muito de casa, você receberá comida do melhor restaurante da cidade, fique tranquila. Talvez uma das meninas vá morar com você.”

“Não precisa.”

“É para ligo fazer companhia. Tchau, Hildete. Eu telefono.”

“Tranca a porta, Zé.”

“Eu acho que ela é perfeita sob muitos aspectos. Não tem família — esse talvez seja o seu principal *asset* —, é bonita, é mulher, nem...”

“Só podia ser mulher, Lili.”

“Por quê? Um homem podia ter passado por tudo isso. Menos ter um filho, claro.”

“Deixa a Lili continuar, Selma.”

“Eu estava dizendo que a Hildete é perfeita porque não tem família, é bonita, é mulher, nem branca nem preta, aquela coisa nordestina.”

“Que coisa nordestina? O que você quer dizer com isso?”

“Selma, estou falando do biotipo.”

“Sim, biótipo o quê?”

“Eu sei que é biótipo.”

“Você falou biotipo, como se fosse uma palavra paroxítona, com acento tônico na penúltima sílaba. Todo mundo ouviu.”

“O dicionário já consigna as duas formas. Aquela coisa do uso popular consagrado.”

“Zé, é por isso que a língua portuguesa está ficando uma merda. O uso popular consagrado.”

“Ela acordou hoje com o ovo virado.”

“Não me provoca, Lili.”

“Foi você quem começou, me corrigindo.”

“Meninas, meninas...”

“Que coisa nordestina é essa que você falou”

“Lili quis dizer uma rica composição étnica. Algo bem brasileiro.”

“Obrigada, Alex, foi isso mesmo que eu quis dizer. Satisfeita, Selma? Eu não estava falando mal dos baianos. Você é da Bahia, não é?”

“Por favor, não vamos sair do nosso tema. Continua, Lili.”

“Enfim, a nossa garota tem as qualidades necessárias, é inteligente, *likable*, bonita, provavelmente aprenderá a representar o papel: espancada em casa desde criança, talvez até no berço — ela pode recordar isso numa sessão de análise, produziremos o testemunho do *head shrinker*, sei que o Zé está examinando esse ângulo —, estuprada aos oito anos com requintes de violência — pelo pai seria ainda melhor —, criança faminta, mendiga dessas que ficam pedindo esmolas vagando pelas ruas — está bem, mendiga ela não é mais —, prostituta aos quinze, mãe solteira, casada aos dezoito, agredida diariamente pelo marido e pelos outros machos que teve. Pergunto, já que estamos numa *brainstorm*: por que não conseguimos alguém que tenha mesmo passado por isso? Não deve ser assim tão difícil.”

“A produção procurou. Achamos duas ou três, apenas, bonitinhas, a nossa personagem tem que ser muito bonita, e todas estavam um trapo, alcoólatras, doentes, feias, sem dentes.”

“Um dentista daria jeito nisso e ela poderia dizer que seus belos dentes eram postiços, os verdadeiros foram quebrados pelos socos do marido, ou outro facínora que criamos para estuprá-la. Isso teria pungência, *punch*, não concordam?”

“Mas, Lili, as mulheres que a produção descobriu eram, além de tudo, burras demais, e nisso não há dentista que dê jeito.”

“E também não haviam passado por todas as agruras que vamos atribuir à Hildete. Tinham apenas sido estupradas e apanhavam dos machos delas.”

“Você tem razão, Zé, elas iam ter que mentir também. Todo mundo mente, mas nem todo mundo sabe mentir.”

“Espero que a Hildete aprenda a mentir como precisamos.”

“A gente ensina. Se há uma coisa que mulher aprende é a mentir. E não precisa ser inteligente.”

“Você deve saber o que está dizendo...”

“Está a fim de me sacanear, Selma?”

“A língua portuguesa está também ficando uma merda devido à mania de certas pessoas de usar palavras estrangeiras em vez das expressões correspondentes em nossa língua.”

“Tem *brainstorm* em português? Como é que é?”

“É um termo idiota para designar um procedimento utilizado com o objetivo de encontrar a solução de um problema através de uma série de ideias. Sócrates nos deu uma palavra melhor, incorporada à língua portuguesa, mas você não sabe quem foi Sócrates.”

“Eu pedi, por favor, que vocês parassem de brigar.”

“Se você trepar mais uma vez com a vaca da Selma eu vou jogar merda no ventilador.”

“O que a Lili está cochichando no seu ouvido, Alex?”

“Ela disse que não quer brigar com você, Selma.”

“Hoje a reunião está muito tumultuada. Pessoal, nós temos um projeto que vai arrebentar e estamos perdendo tempo com picuinhas tolas.”

“Hildete vai simbolizar essa verdade — a pessoa é o que o sofrimento fez dela. Todo ser humano sofre. Mas se você superar os infortúnios e as humilhações que penou, se apagar as marcas das vilezas que cometeu, vencer as fraquezas que obrigavam você a entregar a rapadura, limpar-se das merdas que encontrou pelo caminho, você se torna uma pessoa forte, redimida e digna. Uma pessoa boa e bela.”

“Parece conselho de autoajuda: como livrar-se das cicatrizes da vida e das penas do inferno.”

“Acho que não me expliquei bem, Alex. Claro que não vamos usar o que eu disse como tese explícita, será uma coisa de efeito subliminar. A vida é mesmo um inferno, mas se existe o inferno, o paraíso também pode existir. Hildete dirá, em suma, como você mesmo sugeriu, eu sou o sofrimento que passei e a volta que dei por cima. O tom será confessional, ela não terá vergonha de abrir o peito, as pessoas querem se confessar, a Igreja católica inventou esse macete há milhares de anos e ele funciona até hoje. Os fedidos se identificarão com Hildete, dirão, estou na merda, ferrado, mas também posso dar a volta por cima. Nossa coisa terá um aliciente efeito catártico. O melhor Aristóteles.”

“Zé, você precisa se livrar dessas firulas que aprendeu no seminário. Ainda bem que expulsaram você.”

“Jogar pérolas para porcos dá nisso.”

“Eu pedi por favor, meninas. Deixem o Zé terminar o seu recado.”

“Como eu estava dizendo, precisamos da coisa mística, está na moda, mas não pode ser só Jesus, Jesus já está saturando, vamos juntar também Buda, Krishna, Confúcio, anjos e arcanjos, oxalás e oloruns, meditação transcendental e todas aquelas vigarices indianas. Hildete tem que pegar todo mundo.”

“Buda, Confúcio, Olorum? Zé, tenho medo de que a tua receita confunda as cabeças.”

“Mas, Alex, não pode ser só Jesus. Jesus já encheu o saco.”

“Mas ainda tem ibope.”

“E hoje a Hildete é o quê? Uma beata religiosa que se dedica à caridade?”

“Beata não, puta que virou beata tem aos montes, já está gasto. Temente a Deus sim, caridosa também. Jesus entra, discretamente, essa coisa da redenção, da salvação que Cristo ofereceu quando estava na cruz e na qual milhões acreditam. Macumba não precisa. Mas além das redenções necessárias ela tem que ter vencido na vida, alcançado uma forma de sucesso, e sucesso tem sempre implicações mundanas, materialistas, que devemos tratar com sutileza e inteligência. Zé, você põe no papel o perfil intelectual, místico, filantrópico, vitorioso, social, moral, todos esses ingredientes que vamos enfiar na Hildete, mas tempera a coisa mística, nós não somos uma igreja. Basicamente a coisa é como ela saiu da merda, do fundo do poço, e venceu na vida, tornou-se um exemplo, um modelo cheio de virtudes, a ser imitado. Os conselhos dela serão papa fina, todo mundo vai querer ouvir, cada vez que ela aparecer. Vamos ter que ensaiar muito a menina. Lili, você define as características físicas ideais, se for necessário botar lente, pintar o cabelo, operar o nariz, o peito, a bunda ou outra parte, a gente faz. Precisamos mudar o aspecto dela, para ninguém reconhecê-la.”

“E quem vai ficar morando com ela, vigiando, ensinando o bê-á-bá?”

“Alguma voluntária? Ninguém se manifesta? Vou escolher uma de vocês, qualquer das duas saberá como treinar a Hildete. Eu darei a orientação básica. Quem eu indicar não pode tirar o corpo fora. Entendido?”

“Eu sabia que ia sobrar para uma de nós.”

“Vocês sabem que não pode ser outra pessoa, porra.”

“Esqueci uma coisa. Temos que matar o filho.”

“Com que idade?”

“O menino deve ter uma doença horrível, já grandinho, entrando e saindo do hospital, ela na cabeceira dele, sofrendo.”

“Filho de um estupro?”

“É uma boa ideia.”

“Acho que também temos que arranjar um *ghost* para escrever a autobiografia dela e publicar o livro. Eles fazem isso nos States.”

“Boa sugestão, Lili.”

“Já tinha pensado nisso, na autobiografia, eu tinha falado com você, Alex. Você esqueceu?”

“OK, Selma, você se encarrega da autobiografia. O cara que vai escrever tem que ser muito confiável. Muito. Se abrir o bico, estamos ferrados.”

“É só pagar bem que ele não abre o bico. Eu sei como são esses escritores.”

“Não pode ser nenhum desses cretinos famosos.”

“Quem vai trabalhar a mídia?”

“Isso fica para depois, o show já estará na rua, o pessoal da casa cuidará disso. É uma rotina.”

“E temos também que mudar o nome Hildete não dá.”

“OK, pensa num nome.”

“Angélica?”

“Amanhã você traz as sugestões, quero mais de um nome.”

“Também temos de arranjar nova identidade, certidões etc.”

“Combina isso com o Zé.”

“Quem vai convencer a Hildete a aceitar todo o esquema? Ela me parece um pouco relutante.”

“Eu me encarrego disso.”

“Não seria melhor o Zé?”

“Não, isso fica comigo. Há uma boa sintonia entre nós. Eu sei como interagir com ela. Afinal, fui eu quem a descobriu.”

“Filho-da-puta.”

“Calhorda escroto. Vai ver já está comendo.”

“O que vocês duas estão cochichando? Vamos acabar definitivamente com essas babaquices, conversas laterais, picuinhas, rivalidades, não é profissional, estamos todos jogando no mesmo time. Amanhã, quinze horas, aqui. Quero um relatório curto e grosso de cada um sobre o que pedi. Sei que a pressa é inimiga da perfeição, mas quem não corre, no nosso negócio, perde a vez. Amanhã, quinze horas, meninas.”

SONHOS

“Não, no momento não tenho namorada.”

“Um homem como você não tem namorada? Difícil de acreditar. Todas as minhas amigas acham você muito atraente.”

“Estou falando a verdade.”

“Espero que sim. Eu odeio homem mentiroso. Odeio.”

“Sempre sonhei em namorar você.”

“Dormindo ou acordado?”

“Dormindo e acordado.”

“Os sonhos acordados são sempre bons. Se você é otimista. Dormindo só tenho pesadelo. Qual foi o poeta que usou pela primeira vez essa palavra simbolizando beleza, fantasia, desejo, anseios? Meus sonhos são sempre pesadelos.”

“Pesadelos?”

“Não são propriamente pesadelos. Mas são sempre frustrantes. Eles não têm um final, não fecham, sabe como é?”

“Nunca tenho pesadelos.”

“Sonho... Deixa eu ver. Sonho, do latim *somniu*. Substantivo masculino. Sequência de fenômenos psíquicos, imagens, representações, atos, ideias etc., que involuntariamente ocorrem durante o sono. O objeto do sonho; aquilo com que se sonha. Sequência de pensamentos, de ideias vagas, mais ou menos agradáveis, mais ou menos incoerentes, às quais o espírito se entrega em estado de vigília, geralmente para fugir à realidade; devaneio, fantasia. Desejo veemente; aspiração. Aquilo que enleva, transporta, pela extraordinária beleza natural ou estética. Coisa ou pessoa muito bonita; visão. Ideia dominante perseguida com interesse e paixão. O que é produto da imaginação; fantasia, ilusão; quimera. Doce muito fofo, preparado com farinha de trigo cozida, leite e ovos, frito em gordura quente e passado em açúcar e canela, ou servido com calda rala, podendo também ser recheado. Sonho dourado. Sonho ou aspiração dominante. Esperança de felicidade.”

“Fecha esse dicionário, meu bem.”

“Eu gosto. Carrego sempre um na bolsa.”

“Se eu disser que no meu sonho eu vou para a cama com você?”

“É um devaneio.”

“Não. Um desejo veemente. Estou citando o seu dicionário. Não, não abre ele não, põe de volta na bolsa, por favor.”

“Você é muito egoísta. Gosto de ler o dicionário. Não existe livro mais útil.”

“Mas não quando um homem e uma mulher estão sozinhos num apartamento.”

“Um homem e uma mulher sozinhos num apartamento não podem ler dicionários? Devem fazer o quê?”

“Você quer saber?”

“Quero.”

“Eles devem... foder.”

“Então você acha que eu vim aqui para isso?”

“É o meu sonho.”

“Não esperava que fosse usar essa palavra vulgar comigo. Grosseira.”

“Se você olhar aí no seu dicionário verá que vem do latim *future, futuere*. Pode ser vulgar mas tem uma origem vetusta.”

“Não faça mais isso. As palavras obscenas não devem ser usadas de maneira corriqueira. Para não perderem a sua pompa, o seu esplendor.”

“No quarto pode?”

“Mas não estamos no quarto. Ou isto aqui é o seu quarto?”

“O quarto é lá dentro.”

“Você é muito apressado.”

“De pleno acordo. Foi um equívoco.”

“Você gosta de falar essas palavras, naquelas ocasiões?”

“Falo. Trocadilho involuntário”

“E gosta de ouvir?”

“Gosto muito.”

“Hum... O assunto era o sonho. Será que o esgotamos? Que tal uma citação poética de sonho?”

“Existem milhões. Mas minha memória é péssima.”

“Eu devia ter trazido meu dicionário de citações.”

“Não brinca. Você costuma carregar também um dicionário de citações?”

“Quando você vir uma mulher com uma bolsa grande como a minha fica sabendo que ela tem lá dentro coisas do arco-da-velha.”

“Posso ver?”

“Claro que não. É o mesmo que pedir para ver as minhas amídalas.”

“E por que você não pode me mostrar as suas amídalas?”

“Você não vai atender ao telefone? A pessoa está insistindo. Pode ser uma das suas amigas. Eu não me incomodo.”

“Alô. Agora estou ocupado. Depois eu telefono. Não posso falar, entendeu?”

“Eu não disse que era uma das suas amigas?”

“Era a minha mãe.”

“Que falta de imaginação. E você fica sussurrando no telefone com sua mãe?”

“Eu não estava sussurrando. Falava num tom mais baixo.”

“Com a sua mãe?”

“Eu não tenho cara de quem tem mãe?”

“Você não tem cara de quem tem mãe que liga às nove da noite.”

“Você não conhece a minha mãe.”

“E você fica assim tenso quando a sua mãe telefona?”

“Ela está com amidalite. Estou brincando, ela tem um problema psíquico.”

“E você pode dizer qual é esse problema da coitadinha?”

“Ela é maníaco-depressiva. Três enfermeiras se revezam tomando conta dela. Na verdade, quem telefonou foi uma das enfermeiras.”

“Então não era a sua mãe, era uma enfermeira.”

“Enfermeira da minha mãe.”

“Meu caro, você é demais.”

“Como assim?”

“Já me haviam alertado sobre você. Só não tinham dito que também era mentiroso.”

“Não minto nunca. Esse é o meu problema.”

“Desculpe a franqueza, mas você não inspira confiança. Confiança é fundamental.”

“Não, por favor, não abre esse dicionário. Eu sei o que é confiança.”

“Então sabe que sem confiança, não dá. Aliás, eu passei aqui só para tomar um cafezinho.”

“Eu não convidei você para tomar um cafezinho, não sei fazer cafezinho. Quando quero tomar um cafezinho, saio e tomo na rua. Neste bairro tem os melhores expressos da cidade.”

“Então na próxima vez a gente se encontra no botequim.”

“Você já vai embora?”

“Já.”

“Por favor, não vai não. Desculpe, me dá um tempo, para você me conhecer melhor. Pega o dicionário na bolsa, lê para mim a definição de, de...”

“Mentira? Tenho mesmo que ir. Não adianta fazer essa cara hipócrita. Liga para a sua amiga. Ainda dá tempo, assim você não perde esta noite de sábado. Tchau.”

“Alô, mamãe? Qual era o problema? Desculpe, eu estava aqui com uma amiga e não podia falar. Não, ela já foi embora. Mamãe, a senhora tem que tomar os remédios como o médico mandou. Não chora, mamãe, quem é que está aí? Põe ela no telefone, por favor. Giselda, a mamãe não pode deixar de tomar o remédio. Não interessa se o estômago dela está doendo, o remédio é essencial, que tipo de enfermeira você é? Ganha muito bem, tem que ser mais competente. O quê? Não, deixa que eu mesmo ligo para o celular do médico, eu sei o que ele vai dizer. Telefone para aí, depois.”

O GAROTO MARAVILHA

Sou o melhor. Não existe problema, por mais complexo, que eu não resolva. Posso cobrar, por hora de trabalho, mais do que qualquer outro especialista. Logo que me formei, em menos de um ano fiquei conhecido como o Garoto Maravilha. Ainda hoje, já levemente grisalho, tem gente que me chama de Garoto Maravilha, mas eu não gosto. Uma vez cheguei ao escritório de uma cliente e quando ela me viu, perguntou, visivelmente divertida, "É o senhor, o Garoto Maravilha?". Era uma mulher linda, não foi fácil, tive que usar todos os meus recursos.

Já teve quem me apelidasse de gênio. Eu podia ser um Einstein, se deixasse de pensar no que penso e tivesse tempo para ficar cocando o saco lucubrando sobre a relatividade das coisas, ou um Newton, se gostasse de meditar deitado debaixo de uma macieira. Mas ainda bem que esse apelido não pegou, ia causar ainda mais inveja aos meus colegas. Entre os renomados especialistas da minha área, mais da metade só conhece o arroz com feijão, o que dá para enganar a maioria dos clientes, palermas que têm dificuldade para programar até mesmo um telefone celular ou um micro-ondas. Sei que estou sendo amargo, mas estou puto comigo mesmo e desabafo para cima dos pobres de espírito, que deviam receber a minha compaixão.

Estou doente, mas antes de falar da minha doença quero dizer que por causa dela deixo de atender muitos clientes que me procuram. É por isso que estou sofrendo, porque tive a revelação de que estava doente quando quis trocar o meu carro velho por um novo e não tinha dinheiro, mas continuei a ser uma pessoa doente, como esses caras que não conseguem deixar de fumar, ou beber. "Se você trabalhasse mais, poderia estar nadando em dinheiro", disse Cylene, a minha secretária. Mas eu não tenho tempo para trabalhar e isso está me deixando infeliz.

Hoje fui almoçar com o Kurt Lang, dono da Links. Eu detestava até mesmo tomar um cafezinho com um colega de profissão, mas comi a mulher do Kurt e me senti moralmente obrigado a aceitar o convite dele. Ninguém convida você para almoçar sem querer lhe pedir alguma coisa, Kurt queria que eu solucionasse um problema que nem ele nem os bagrinhos do seu escritório conseguiam resolver. Kurt tem um monte de funcionários, dezenas de clientes, acho que a ressonância do seu nome alemão impressiona os trouxas, mas de alemão ele só tem o nome, não sabe escrever *sauerkraut*, nem come.

Deixei o cara me vampirizar, eu me sentia em débito com ele pelo motivo já exposto. Mas o Kurt merece o que ganha, trabalha como um condenado da manhã à noite, ludibriando os trouxas. E que mal existe em enganar aqueles que querem ser iludidos? Não é isso que fazem os médicos, os advogados, os cozinheiros, as putas, os padres, os eletricitas, os treinadores de cachorro, os macumbeiros, os consultores financeiros, os pintores de parede? E eu podia ficar blablablando essa lista o dia inteiro. Não gosto de enganar os parvos, mas o meu problema é que estou doente. E isso está me deixando infeliz.

Depois do almoço, Kurt me deu uma carona no Mercedes novo dele. Entrei no meu escritório disposto a dizer à minha secretária que ia atender a todos os clientes que telefonassem e que o nosso relacionamento ia mudar.

“Foi tudo bem no almoço, querido?”

“Não quero mais que me chame assim. De agora em diante quero ter com você uma relação formal.”

“Não estou entendendo.”

“Acabar com as intimidades.”

“O que foi que eu fiz?”

“Você não fez nada. Eu estou doente.”

“Mas nós sempre usamos camisinha.”

“Não é uma doença contagiosa. Ou talvez seja, não sei.”

“Já foi a um médico, meu amor?”

“Ainda não. Mas eu vou. Não quero que você me chame de meu amor.”

“Eu sei que não sou o seu amor, que você tem outras, mas não me incomodo.”

“Cylene, sinto muito, mas você não pode mais trabalhar comigo.”

“Você vai me mandar embora?”

“Estou com o coração doendo, mas tenho que fazer isso.”

“Não me manda embora, por favor.”

“Vou arranjar um emprego melhor para você.”

“Não quero outro emprego, quero trabalhar aqui.”

“Sinto muito.”

“Você precisa de mim.”

“Eu estou doente. Não preciso de ninguém.”

“Mas eu preciso de você, não me mande embora.”

“Vá para a sua sala, por favor, odeio ver mulher chorando.”

Cylene saiu correndo. “Você vai se arrepender.” Elas sempre dizem isso, ou coisas piores.

Telefonei para o Kurt.

“Kurt, você falou no almoço que estava procurando uma secretária. Eu tenho a pessoa perfeita para você. Entende mais do nosso negócio que qualquer dos bagrinhos que você tem aí. É a minha própria secretária.”

“A sua secretária? E você quer se ver livre dela por quê?”

“Não posso pagar o que ela quer.”

“Garoto, você é o maior e está com dificuldades? Está abusando da substância? Foi o que ferrou o Manfredo, ele ficou um caco, totalmente na merda.”

“Não é nada disso. Eu estou doente. Não consigo trabalhar.”

“O que você tem? Câncer?”

“Não é câncer.”

“É stress? Eu sei o que é isso.”

“É stress dos piores, estou muito mal” confirmei, para o Kurt deixar de fazer perguntas.

Senti que ele ficava feliz por saber que eu estava fodido. O mundo é assim.

“Como é, quer contratar a Cylene ou não? Sei de mais gente que se interessaria.”

“E quanto ela quer?”

Multipliquei o salário que eu pagava a ela por três.

“Cylene vale muito mais”, acrescentei.

“Quando é que ela pode começar? Preciso imediatamente. A gente só vê a importância de uma boa secretária quando ela nos deixa. A desgraçada casou e o marido é um daqueles trogloditas que não querem que a mulher trabalhe fora.”

“Segunda-feira a Cylene se apresenta a você. Estou lhe fazendo um favor. Vai ficar me devendo.”

“Já anotei, Garoto.”

Lembrei que tinha deixado um furo. “Kurt, na carteira profissional dela está um salário menor. Eu pago a diferença por fora.”

“Aqui nós não fazemos esse tipo de coisa, é lesivo à previdência social e, além de ilegal, desculpe dizer, fere a boa ética”, disse Kurt, satisfeito por poder me dar essa porrada. Será que ele sabia que eu andei comendo a mulher dele?

Foi duro convencer Cylene. A infeliz gostava de mim, as mulheres são seres estranhos, adoram patifes que sejam bondosos e engraçados, uma coisa que eu era, além de muito doente. O que a convenceu foi eu dizer que deixando de ser minha secretária o problema desapareceria e a gente ia poder continuar se vendo, o que eu não pretendia fazer mais. Também influiu o alto salário que ela ia ganhar com o Kurt, mais a indenização que lhe paguei. Dinheiro é dinheiro, só quem não gosta de dinheiro sou eu. Faz parte da doença.

“Olha, você deve chamar o cara de doutor Kurt, ouviu? Ele gosta de ser chamado de doutor. É um bestalhão, mas é um bom sujeito, é só caprichar na mímica, doutor Kurt pra cá, doutor Kurt pra lá, e fazer o seu trabalho como você sabe fazer. Não se esqueça do que eu falei a você sobre a carteira profissional, o pagamento por fora.”

Entreguei a Cylene uma carta de recomendação, onde só faltava dizer que ela era uma segunda Madame Curie. Cylene ia dar certo no novo emprego, ela era mesmo do primeiro time.

No dia seguinte fui ao médico, um psiquiatra amigo meu. Ele ouviu a minha história.

“Essa doença está acabando comigo, está me arruinando”, eu disse.

“Não conheço remédio para isso” ele disse. “Aliás, nenhum laboratório está interessado em fazer um remédio desses. Não ia vender.”

“Já tomei tudo que é tranquilizante. Aqueles que alertam na bula que um dos efeitos colaterais é diminuir a libido.”

“Isso é coisa do departamento jurídico dos laboratórios. É para o caso de algum espertinho impotente, instruído por um advogado safado, acionar o laboratório. O advogado do laboratório, causídico do mesmo naipe, alega no tribunal que a bula alertava para esse possível efeito, ou seja, o pilantra tomou o remédio sabendo disso. A gente tem que ter advogados para se defender dos advogados. Agora a coisa é assim. Você conhece aquela piada do advogado que foi para o céu?”

“Quer dizer que a minha doença não tem lenitivo?”

“Pelo que eu me lembro, você já era assim no ginásio. E você está se arruinando por quê? Você disse que não dá dinheiro para as mulheres, que elas não custam nada.”

“Eu não posso chegar para uma mulher e dizer, sem mais nem menos, vamos para a cama. Elas vão sempre, mas é preciso usar táticas, estratégias, uma mão de obra danada. Fico sem tempo para fazer o meu trabalho. E se não trabalho, não ganho dinheiro.”

“Não dá para conciliar? Equilibrar as coisas?”

“Como? Eu quero foder todas as mulheres que encontro.”

“Todas?”

“As bonitas. Mas só existe mulher bonita.”

“O mundo está cheio de mulheres feias.”

“Mas eu não as vejo, elas não aparecem para mim, as feias.”

“E você acredita que é politicamente incorreto querer comer todas as mulheres?”

“Eu li que isso é uma doença. Não existe uma doença chamada satiríase?”

“Toda excitação sexual tem alguma coisa de mórbido. No mundo de hoje os homens estão cada vez com menos tesão, têm que tomar pílulas para isso, e os que sentem tesão são considerados doentes. Essa é mais uma invenção das feministas americanas. Certamente você andou lendo bobagens num desses livros produzidos na terra do Tio Sam. Viva a sua vida, mas não se esqueça de que a hipocrisia e o sofisma são padrões socioculturais aceitos nos dias de hoje.”

“Devo então fingir que sou o que não sou?”

“Eu não disse isso.”

“O que foi que você disse?”

“Por enquanto, nada. Foi uma frase de efeito.”

“Putá merda, eu vim ao psiquiatra errado. Ou o problema é sermos velhos amigos?”

“Talvez. Mas o seu caso é complicado. Não devia ser, e não é, mas você mesmo o complicou.”

“Então não há nada a fazer? Só me resta ouvir um tango argentino, como o sujeito do pneumotórax do Manuel Bandeira?”

“Bons tempos aqueles, do colégio. Éramos inocentes, líamos os poetas. Engraçado, você desencavar esse troço.”

“Quer dizer que estou ferrado?”

“Procura um psicanalista. Às vezes funciona.”

“Não vou procurar porra de psicanalista nenhum.”

“Ou então o DASA — Dependentes de Amor e Sexo Anônimos. Uma espécie de AA para sátiros e ninfos. Realizam reuniões diariamente, em vários locais da cidade. Às vezes...”

Cortei a frase dele no meio.

“Comigo não funciona. Detesto confissões privadas e mais ainda as públicas.”

Na saída dei o meu cartão para a recepcionista, uma mulher linda.

“Liga para mim, tenho a mais fascinante coleção de asas de borboleta do mundo.”

Ela sorriu e botou o cartão no bolso do uniforme branco que vestia.

Estou puto comigo mesmo. Não sei o que fazer. Vou morrer doente, dirigindo um carro velho?

BEM-AVENTURANÇA

Beto fingia que estava lendo, mas observava Milí vestir a roupa, colocar os enfeites brilhantes no rosto, pintar a boca, limpar o piercing do lábio inferior com um cotonete. A bolsa, onde ela guardou uma chupeta, estava incrustada com miçangas coloridas.

Que cara é essa? Está chateado porque vou sozinha? Você não quer ir, prefere ficar agarrado nesse livro.

Para que você vai levar a chupeta?

Curtição, charme.

Sem essa.

Milí tirou a chupeta da bolsa e pôs no colo de Beto.

Está satisfeito? Não sei a que horas vou voltar.

Leva essa bobagem. Sei que você pode arranjar outra lá.

Milí sentou ao lado de Beto, no sofá.

Beto, temos que acertar a nossa vida.

Eu disse para levar a chupeta. Não quero que você quebre os dentes.

Você sabe que eu não fico rilhando os dentes, são poucos os que fazem isso, depende do temperamento, eu acho. Beto, temos que acertar a nossa vida.

Como? Eu também pego uma chupeta e vou lá ranger os dentes com a turma?

Beto, deixa de ser chato. Raramente vou a uma festa. Gosto de festas, você sabia que eu era assim.

A gente pode mudar.

Você mudou depois que passou a frequentar aquele lugar aonde as pessoas vão se confessar e dizer que ficaram limpas. Nunca pensei que você fizesse uma coisa dessas, tão pouco científico. Virou um velho de trinta anos. Não quero virar uma velha de vinte e dois anos.

Vou chegar aos cinquenta. Você vai chegar aos quarenta?

Beto, eu só quero viver com entusiasmo. E nós dois vamos chegar aos oitenta, juntos. Antes, quero me divertir um pouco.

Tomando *E*, rangendo os dentes, dançando com o corpo em fogo e surda de tanto ouvir música barulhenta.

Estou levando aqueles abafadores de ruído que dão no avião. Beto, por favor, você deve procurar me entender como eu procuro te entender. Não quero passar a noite lendo, sentada num sofá, como uma múmia. Eu gosto de você, mas precisamos acertar a nossa vida. Eu não me incomodo de você ficar lendo e correndo em volta da lagoa. Mas você deve me deixar fazer o que gosto. Você fazia as suas loucuras, piores que as minhas, agora não faz mais, só toma guaraná e vitaminas, eu estou reclamando?

Eu era um jovem imbecil.

Tenho só vinte e dois anos. Talvez eu também fique cansada aos vinte e oito, como aconteceu com você, ou antes, então a gente engrena normal. Mas agora, agora eu quero me divertir um pouco, não se preocupe, na festa só uso *E*.

Mas tem muita porcaria vendida como *E* que tem um excesso de PMA ou DPMA. Em pequenas doses...

Já sei que vou ouvir uma lição...

Deixa eu terminar, por favor. Em pequenas doses criam uma euforia leve, alucinações agradáveis, dão energia para dançar a noite inteira, alguns usuários sentem inspirações poéticas, êxtases místicos...

É isso que acontece comigo...

Mas uma dose maior pode elevar demais a temperatura, a pressão, os batimentos cardíacos e a pessoa entra em convulsão, em coma e morre.

Ih, cara, você está didaticamente sinistro, hoje.

Cuidado com as chinesas, também conhecidas como technos.

Lá não tem nada disso. É uma festa de família.

E também com as mitsubishi, umas vermelhas.

Lá são todas brancas.

Essas com PMA são brancas.

Eu não abuso.

Um dia você teve que ir direto da festa para o hospital, lembra?

Foi uma vez só. Eu tinha tomado muito pouca água naquela noite. E você foi um anjo, indo me pegar no Miguel Couto.

Não mistura *E* com baseado.

Você me disse isso quando eu usei *E* pela primeira vez, lembra? Ou devo dizer quando *nós* usamos pela primeira vez?

Foi a maior estupidez da minha vida. Você tinha só dezesseis anos.

E você só tinha vinte e quatro, era um garoto.

Um adulto, que agiu como um sórdido corruptor de menores.

Não faz essa cara, até parece que cometeu um crime horrível. Você abriu o mundo para mim, mudou minha vida para melhor. E eu estou bem, estou estudando para o vestibular, não estou? Vou passar, vou ser uma profissional competente, igual a você. Tudo isso graças ao meu namorado querido, que me estimula sempre. Fica tranquilo.

Você está muito magra.

Você gosta de mulher magra.

Promete que vai fazer aqueles exames.

Eu estou bem. Não sou nenhuma viciada.

Vou marcar o médico. Ele é amigo meu, fomos colegas na faculdade. É o Jorge, acho que já te falei dele.

Está bem, está bem, marca o médico. Mas diga a ele que eu não quero que faça a minha cabeça. Já tenho a cabeça feita. Eu estou bonita?

Parece uma árvore de natal, com todo esse glitter no rosto.

Eu te amo. Só não te dou um beijo na boca porque já me pinteí. Desculpe ter te chamado de múmia. Você é o homem mais lindo do mundo. Na volta cuido de você. Eu te acordo, quando chegar. Tchau.

Beto voltou a pegar o livro. Mas não conseguia ler, apenas olhava as páginas. Ele era o culpado, tinha que fazer alguma coisa. Casar com Milí, ter um filho? Um filho causa profundas modificações numa mulher. Mas ele estaria mesmo disposto a fazer esse sacrifício? Ouviu barulho de chuva e foi à janela, olhar a rua. As luzes dos postes brilhavam no asfalto molhado. De manhã ia correr em volta da lagoa, com chuva seria até melhor.

PAZ

O nome era Lutetia, mas as pessoas escreviam Lutécia, até o sujeito do registro civil fizera isso. Mas antes de soldarem o nome sobre o mármore polido, ela verificaria todas as letrinhas de metal, uma por uma, para não haver erro. Há coisas que se você não faz, os outros fazem errado por você. Por isso ela tivera o cuidado de tomar todas as providências necessárias.

Era um lugar bom para passear, cheio de aleias arborizadas, vazias e silenciosas. Naquele dia, numa das alamedas, surgiu um cortejo de pessoas caminhando caladas. Lutetia se afastou para longe, não queria assistir à cerimônia que ia se realizar. As pompas que envolviam aquela solenidade, por mais modestas e discretas que fossem, não a interessavam. Ela preferia contemplar as esculturas, dois anjos, um contrito, outro de asas abertas como se fosse levantar voo, o busto de um homem engravatado, um avião, daqueles antigos com hélices, uma lira, uma partitura com notas musicais.

Ao voltar para casa Lutetia teve, outra vez, a sensação de que aquele não era mais o seu lugar. Como se estivesse num quarto de hotel, um espaço ocupado provisoriamente, que não era dela. As cortinas, os móveis, os quadros, os objetos, a cama com a colcha, o armário de roupas, eram coisas estranhas, desconhecidas, que aumentavam sua vontade de partir. Mas pensou na bailarina clássica de bronze, dançando com os braços abertos, que mandara esculpir para soldar sobre o mármore polido, o que lhe deu paciência e ânimo para esperar o que ia acontecer.

Numa quinta-feira, depois de tudo pronto, ela voltou ao cemitério. A bailarina já estava colocada sobre a lápide. E também as letras do seu nome, Lutetia, apenas o nome, ela não queria nenhuma data.

Olhou em torno. As sepulturas, do mesmo tamanho, apenas a cor do mármore variava, estavam dispostas com bela simetria ao

longo da aleia. Perto havia uma árvore que projetava uma sombra sob a qual Lutetia se abrigou.

MEU AVÔ

Fui criado pelo meu avô desde pequeno, não sei bem como os meus pais morreram, meu avô nunca me disse, nem tenho certeza de se morreram ou me abandonaram por qualquer outra razão, mas isso não me interessa.

Meu avô saía toda noite para trabalhar e chegava muito tarde, cansado, quando o dia amanhecia, mas não ia para a cama, fazia o café da manhã, arrumava e limpava a casa e preparava o almoço, dizia que eu não sabia fazer essas coisas direito, talvez se fosse uma menina eu soubesse.

Almoçávamos juntos, quando eu voltava do colégio. Depois do almoço ele não tirava uma soneca, acho que não precisava dormir. Saía para encontrar pessoas com quem fazia negócios, ou para passear comigo, ou vermos um filme em série no cinema. No domingo, eu ia à igreja com ele, meu avô era muito católico, e muitas vezes entrava naquela cabine para confessar seus pecados para um padre, mas eu nunca fiz isso. Meu avô dizia que eu não precisava.

Naquela época eu era um garoto de onze anos, e um garoto de onze anos, se for normal, acha um saco ir para o colégio. Eu matava aula quase todo dia, ficava na rua jogando pelada, chapinha, trocando figurinha, lendo revistinha de sacanagem com fotos de mulheres gordas nuas de máscara e meias pretas. Eu tinha coisa melhor para fazer do que ir para o colégio. Ano sim, ano não eu era reprovado.

O cinema aonde íamos era um poeira perto de casa, na Praça Onze, esse cinema já acabou, passava três filmes seriados, filme seriado também acabou. Depois tomávamos cerveja preta com tremoços. Meu avô bebia cerveja preta com tremoços, eu comia os tremoços com um refresco de groselha. Tremoço acabou e aquela cerveja preta acabou, o refresco de groselha também não existe

mais, puta que pariu, acabou tudo, até a profissão do meu avô acabou.

Um dia resolvi que não ia mais ao colégio. Um garoto da minha sala tinha uma caneta-tinteiro Parker, eu já tinha ouvido falar dessa caneta, mas nunca tinha visto uma, até que o garoto me mostrou, contando vantagem. Eu já conhecia caneta-tinteiro, mas eram todas uma merda, sujavam a mão da gente de tinta, não funcionavam, a pena estragava em pouco tempo, uma porcaria. O garoto disse que a pena da caneta dele era de ouro de dezoito quilates, que durava a vida toda. Tinha um traço grosso, a letra ficava bonita e a tinta não apagava, você escrevia num papel e durava a vida toda. Então eu roubei a caneta do garoto e desapareci do colégio. Se descobrissem que eu tinha roubado aquela caneta Parker, nem sei o que ia acontecer comigo.

O colégio mandou uma carta para o meu avô dizendo que eu estava matando aula, para ele ir ao colégio conversar com o diretor. Meu avô pediu explicações, eu disse que o colégio era muito chato, ele perguntou se batiam em mim. Eu podia dar essa desculpa, mas não ia passar por medroso na frente do meu avô, ninguém batia em mim, eu é que de vez em quando dava uns cascudos num garoto mais metido. Respondi que tinha aprendido com ele a não levar desaforo pra casa. Meu avô era um homem muito bom, tinha muita paciência comigo. Quando saíamos juntos de tarde, ele ficava me vendo jogar bola, comprava sorvete, bola de borracha, tinha garoto que jogava com bola de meia, ele me comprava a melhor bola de borracha, e quando ela furava comprava outra, mas nem sempre tinha dinheiro para me comprar uma bola nova, porque ganhava pouco no emprego dele. Como disse, meu avô era muito bom mas não era bobo, depois de conversarmos dez minutos sobre o assunto da carta do diretor do colégio, ele disse que sabia que eu estava escondendo alguma coisa, que eu podia contar, não ia brigar comigo, ele nunca brigava comigo. Então eu disse que tinha roubado a caneta Parker do meu colega de sala. Meu avô pediu para ver a caneta e eu mostrei para ele. Depois de mexer na caneta, disse que ela era boa mas havia melhores, umas que eram todas de ouro, e eu perguntei se ele já tinha visto uma caneta assim e ele sorriu, como

se uma lembrança boa passasse pela sua cabeça. Meu avô sacou que o diretor estava querendo falar com ele não apenas sobre o meu sumiço, mas também sobre a caneta e perguntou como foi que eu tinha roubado a Parker e eu respondi que passei perto da carteira do garoto quando ele estava distraído, peguei a caneta, saí da sala, saí do colégio e não voltei mais, ninguém viu, eu sabia que ninguém tinha visto. Meu avô disse que o meu sumiço do colégio fizera suspeitarem de mim. Pegou a caneta, disse que ia devolver, assim as coisas não iam ficar pretas para o meu lado, e que ia pedir para não me expulsarem. E foi o que ele fez, limpou a minha barra, mas pediram para eu sair do colégio. No ano seguinte ele me matriculou numa outra escola pública e eu continuei matando aula. Mesmo assim acabei terminando isso que chamam de primeiro grau. Então, perguntei ao meu avô se eu não podia trabalhar com ele, não queria mais estudar. Ele respondeu que o seu trabalho estava deixando de existir.

Fui trabalhar num armazém, o português entre muitas coisas vendia biscoitos a granel e de vez em quando eu botava um monte no bolso e levava para casa. Nunca soube qual era o trabalho do meu avô, mas acho que cada vez rendia menos, nem sempre podíamos ir ao boteco da Praça Onze. Eu já tinha quinze anos, quando fomos pela última vez tomar a cerveja preta e comer tremoços juntos, eu já tinha idade para tomar cerveja com ele. O dono dava uma festa, ia fechar o botequim, e todo mundo encheu a cara porque a cerveja era de graça e os velhos fregueses estavam tristes. Um sujeito de porre discutiu com o meu avô, chamou ele de velho ventanista e meu avô se levantou para dar uma porrada no cara, mas felizmente se meteram no meio e não teve briga, o que foi bom porque o meu avô já estava muito velho pra brigar, o outro sujeito também era velho, mas menos, e talvez levasse a melhor, e eu não podia entrar na briga e dar uns bifes no safado, era covardia.

Quando voltamos para casa, perguntei ao meu avô o que era ventanista, que profissão era essa, que ele tinha antigamente. Meu avô respondeu que estranhava um moleque esperto como eu não conhecer essa palavra, e explicou que vinha de ventana, que significava janela em outra língua. E continuou dizendo que já estava

na hora de eu saber o que ele fazia quando trabalhava de noite. Ele andava pelas ruas procurando casas com uma janela aberta e entrava pela janela para apanhar coisas, que depois vendia. Disse ainda que o trabalho dele havia acabado quando as pessoas deixaram de dormir com as janelas abertas até no verão mais quente, daqueles de fritar ovo no asfalto. Só ficavam abertas aquelas que eram gradeadas, até isso tinha acontecido, grades nas janelas. Ele estava sem trabalho, não sabia bater carteiras, não gostava de arrombar portas ele não era um grosso desse tipo, e muito menos queria assaltar as pessoas, não apenas porque assim o sujeito um dia acaba indo em cana, como principalmente porque usar de violência contra os outros era um pecado e quando morresse ele não queria ir para o inferno.

O mundo estava mudando, os ventanistas tinham acabado, como os poeiras e seus filmes em série, o boteco com tremoços e cerveja preta, e as casas, que viravam apartamentos, a cidade estava mudando, estava tudo diferente. Acho que foi por isso que meu avô morreu, apesar de ele dizer que já tinha mais de noventa anos quando isso aconteceu, e devia ser verdade, meu avô não mentia. Ele falava que não podia mais sair de casa, que estava muito doente, mas não se queixava de dores nem de nada, velhice é isso, o sujeito fica doente sem ter doença nenhuma e morre.

Quando morreu, meu avô foi enterrado no cemitério do Caju, eu tinha dinheiro para o caixão e para o enterro. Ele foi para o céu, era um ventanista, nunca fez mal a ninguém, não iria para o inferno. Eu gostaria de ser também ventanista, adorava o meu avô e queria ser um homem bom como ele, mas o trabalho dele não existia mais. Então, para entrar numa casa eu era obrigado a arrombar a porta, não tinha outra maneira. A vida tinha ficado assim, cada vez era mais difícil um sujeito viver do seu trabalho. Um ventanista precisava apenas ser silencioso e cuidadoso, entrar sem fazer barulho para não acordar as pessoas que dormiam, e a qualquer movimento dentro da casa o ventanista tinha que pular fora e ir trabalhar em outra freguesia. Para arrombar uma porta eu precisava de ferramentas, e havia portas duras de arrombar, mesmo com o melhor pé-de-cabra. É claro que eu ganhava muito mais do que o

meu avô. Depois de entrar numa casa vazia, era uma sopa fazer a limpeza, encher até duas malas, nunca faltava mala na casa. Meu avô tinha me dado o nome dos receptadores, os sujeitos com quem ele fazia negócios nas tardes em que não saía comigo, mas acabei conhecendo muitos outros, existia todo tipo de receptador, uns compravam ouro, joias, relógios, outros, eletrodomésticos, outros compravam qualquer objeto, fosse o que fosse, talheres de prata Wolf, garrafas de uísque, aparelhos telefônicos, até roupas, mas por uma ninharia, eu só levava roupas, ternos ou vestidos novos quando não tinha coisa melhor para levar. Trabalhei muitos anos nisso.

Falei que o mundo mudava constantemente, e quanto mais o tempo passava, mais complicado era arrombar portas, as casas que valiam a pena passaram a ter alarmes ou ficavam dentro de condomínios fechados e guardados por seguranças, e aconteceu comigo o que aconteceu com o meu avô, quer dizer, ganhar a vida com o meu trabalho começou a ficar muito difícil. Assaltar casas passou a ser coisa de quadrilha, se tivesse gente dentro da casa, invadiam do mesmo jeito, amarravam quem estava lá, ou faziam coisa pior, usavam artilharia pesada, e eu não gostava de andar armado meu avô sempre dizia que não se devia fazer violência contra as pessoas, e além de tudo eu não gostava de trabalhar com comparsas, nunca tive nem tenho amigos.

Tinha que mudar de ramo, o meu trabalho não me agradava mais. Existiam outros. Podia ser salivante, tinha bossa para isso, mas salivante havia muito tempo não dava dinheiro, ainda que o mundo estivesse cada vez mais cheio de otários, mas eles não eram tão facilmente enrolados como antigamente. Um dia eu passava perto do Hospital dos Servidores, quando um sujeito de calça branca, camisa polo branca, tênis branco, se aproximou de mim e disse, como se me conhecesse havia muito tempo, meu amigo, eu agora sou cardiologista aqui do hospital, e fez um gesto apontando com o polegar, se precisar de alguma coisa me procura, atendo na hora, sou o doutor Marques, cardiologista. Em seguida quis enfiar na minha mão duas canetas bojudas e chinfrins, dizendo, o amigo dá quanto quiser. Fiquei com pena do salivante. O babaca achava que alguém ia cair naquele golpe, dando a ele grana pelas canetas, mais

reles que essas bics que os camelôs vendem a dez por um tostão. E ainda por cima, ele usava uma roupa branca que precisava ser lavada e passada, foi-se o tempo em que o golpe do bilhete premiado colava, não tem mais vigário caindo no conto, a vigarice hoje é feita por camaradas que usam computador e vendem imóveis e ações, não ficam em pé no meio da rua esperando o otário passar.

Droga dava dinheiro, mas eu não tinha nem capital nem os contatos, de qualquer maneira estava velho para entrar no ramo sem ser o banqueiro, o mesmo valia para o contrabando, não falo de muambeiro barato, isso é coisa de um tipo de pilantra que sabe onde encontrar a muamba, no Paraguai ou Miami, coisas de farmácia, eletrodomésticos de pequeno porte, lingerie, eu não saberia que merda comprar nem onde vender.

Graças a Deus não me casei nem tive filhos. Andei com um monte de mulheres, mas não morava com elas, nunca engravidei nenhuma, sempre tomei muito cuidado, pensando bem nem sempre, mas nenhuma delas emprenhou, talvez eu fosse estéril, devia ter ido ao médico ver se era, mas se por um lado isso ia me tirar as preocupações de ter um filho que eu não queria, por outro ia me deixar meio chateado, o cara estéril não é inteiro. Eu não queria saber, podia me fazer broxar na hora.

Acabei encontrando um novo trabalho. Sou um coroa grande e parrudo, com mão grande, cara grande, pescoço grosso. Estou um pouco gordo, como muito biscoito, mas isso só me faz parecer mais forte ainda, impor mais respeito. O primeiro sujeito que assaltei, quando ele saía de um desses caixas eletrônicos, ao me ouvir mandar ele me dar o dinheiro ou então levar um tiro nos cornos, olhou para mim, não disse nem sim nem sopas, e me passou a grana. Usei a maneira correta, qualquer um sabe como esse trabalho tem que ser feito. Não tinha ninguém por perto, aproximei o meu corpo do dele, a mão com o revólver dentro do bolso do blusão, de maneira que ele visse o volume, se alguém olhasse em nossa direção, de longe, ia pensar que estávamos conversando. Normalmente eu pegava a grana e me mandava. Mas se as condições fossem boas eu fazia o cara voltar comigo para a cabina e limpava o limite dele, aquela merda de saque tem um limite, mas eu

não gostava de fazer isso, pode dar bolo, sei que quem não arrisca não petisca, mas sei também que quem tudo quer tudo perde, e pela minha experiência quanto mais rápido é o trabalho que você faz, menos chance tem de dar cagada.

Eu levava um revólver dentro do bolso do blusão, mas nunca precisei mostrar, meu avô não tinha revólver, era contra, dizia para eu nunca usar uma arma, mas ele não precisava, era ventanista. Eu também não usava arma quando arrombava casas vazias, com o dono passando o fim de semana fora. Mas se eu estava assaltando na rua, um dia podia ter que mostrar a ferramenta, não era preciso mais do que isso, eu sabia que os caras iam se borrar de medo se vissem o revólver.

Apesar da concorrência, eu estava me dando bem. Muitos dos assaltantes de caixa eletrônico eram uns drogados de merda, descabelados, outros eram crioulos mal-encarados, eu era branco, andava sempre bem vestido, blusão fino, sapato de couro que eu mesmo engraxava, cabelo grisalho, parecia um cara legal, apesar do tamanho, quem olhasse para mim não sentia medo, eu só queria que tivessem medo na hora da onça beber água, quando eu dava o xeque-mate nos caras com a mão dentro do bolso do blusão, mostrando o volume.

Um dia eu acostei um cara que saía do caixa, era no início da noite, eu só fazia isso de noite, mas o sujeito estava armado e sacou um revólver da cintura, talvez não tenha acreditado no volume do meu bolso, talvez tenha pensado que era mais rápido do que eu, ou não tenha pensado coisa nenhuma, estava apenas apavorado e sacou o revólver. Dei um tiro no sujeito, que caiu no chão, e fui em frente sem olhar para trás, não saí correndo não, que isso chamava a atenção, atravessei a rua, entrei na primeira esquina e peguei um ônibus.

Deu no jornal que eu matei o cara, que ele era um pai de família, deixava viúva e dois filhos pequenos, mas de cada dez homens adultos pelo menos cinco eram pais de família, e pai de família não devia andar armado, pai de família tinha que dar a grana para o assaltante, porra, e ir para perto da mulher e dos dois filhos

pequenos e contar que foi assaltado, porra, e depois tomar uma cerveja e ir dormir.

Fui visitar o túmulo do meu avô, no São Francisco Xavier. Eu disse que sempre segui os conselhos dele, menos o de não fazer nada armado, mas se eu não estivesse armado o cara tinha me matado, um sujeito muito apavorado é perigoso. Pedi perdão ao meu avô, porque não ia me encontrar com ele no céu. Sentia muita falta dele, mesmo depois de tanto tempo.

Eu morava sozinho, não tinha nenhum amigo, passava o dia vendo televisão e comendo biscoito, triste, com saudade do meu avô. Eu precisava arranjar outro trabalho e ficava pensando em qual poderia ser. Até que um dia tive uma boa ideia. Mas ia ter que usar o revólver.

O inferno que se foda.

NATAL

Paula tem duas folhas de papel à sua frente. Uma de rascunho e outra para passar a limpo. Sempre se prepara assim, para qualquer encontro com ela. Esse roteiro é para amanhã, dia 25.

Escreve, na folha de rascunho:

“Oi, como vai?”

Não, não está bom para uma primeira frase. Corrige.

“Tenho sentido saudade de você. ”

A outra vai perceber que é falso. E os outros também. Risca tudo.

Começar com beijinhos?

Escreve, no rascunho: “Beijinhos.”

Mas nunca se deram beijinhos. Nunca. Risca.

Escreve: “Como vai, está tudo bem?”

Isso é melhor. Então esta vai ser a primeira coisa que Paula vai dizer. “Como vai, está tudo bem?” Não vai perguntar sobre a saúde dela, saúde é uma palavra tabu. E depois do “como vai, está tudo bem?” o que deverá dizer? Vai depender da resposta dela. Mas não haverá resposta, Paula sabe disso.

“Fui promovida, sou gerente de marketing.”

Como ela não está interessada na minha carreira, pensa Paula, será bom dizer isso. Vou gostar de ver a expressão do seu rosto. Paula decide que vai falar da sua promoção.

Escreve no papel as frases aprovadas:

Como vai, está tudo bem?

Fui promovida, sou gerente de marketing.

Paula dirá isso, de saída, preparada para o silêncio que certamente irá enfrentar.

“Soube que vai fazer uma viagem”, escreve Paula na folha de rascunho.

Ela terá que responder alguma coisa. Mas poderá continuar calada, ou apenas assentir.

Está escrito, na folha limpa de papel:

Como vai, está tudo bem?

Fui promovida, sou gerente de marketing.

Soube que vai fazer uma viagem.

Se ela nada responder sobre a viagem, Paula dirá algo.

Paula escreve no rascunho: "Gramado é uma cidade muito interessante. Fazem um chocolate muito gostoso lá."

Paula risca a última frase. É capaz de ela, agora, gostar de chocolate. Talvez o único sentimento que ela mantém imutável seja o desprezo por mim.

E o que ela pode responder? Poderá dizer a verdade, o Syllas me convidou para viajar, ela gosta do Syllas. Mas mesmo que o Syllas a tenha convidado, ela não dirá isso, ela não dirá coisa alguma. E Paula continuará: "Vai ser muito bom fugir do calor do Rio. A temperatura em Gramado, nesta época do ano, é muito amena."

Paula nada sabe sobre Gramado, mas certamente o verão lá não é pior do que o do Rio. E Paula não pode deixar a conversa unilateral morrer.

Paula relê o que está escrito na folha, em que passa as frases a limpo:

Como vai, está tudo bem?

Fui promovida, sou gerente de marketing.

Soube que vai fazer uma viagem.

Gramado é uma cidade muito interessante.

Vai ser muito bom fugir do calor do Rio, a temperatura em Gramado, nesta época do ano, é muito amena.

Paula sabe que não é suficiente, é preciso mais um pouco antes de a conversa morrer. Sabe que, após cada pergunta, comentário, observação que fizer, o rosto da outra irá mudando. Ela não gosta de falar com Paula, não sabe o que dizer, então Paula se apraz em preencher os silêncios entre ambas.

Paula escreve no rascunho: "Estou gostando do seu aspecto." Esse termo parece não ter ligação com saúde, a palavra tabu, mas tem. Aspecto não está incluído nas proibições — não fale em saúde com ela, Paula foi inúmeras vezes advertida —, mas esses termos,

aspecto e aparência, felizmente não estavam interditados. Paula sabia como o rosto da outra ia se modificar quando dissesse isso.

Escreve na folha limpa, onde ficarão os diálogos que vai decorar:

Estou gostando da sua aparência.

Paula fecha os olhos e imagina o rosto da outra ao ouvir essa frase. O que responderá? “São os seus olhos”? Não, ela não é uma mulher de chavões gentis, ela é diferente de qualquer outra mulher. Pode existir alguém parecido, muito superficialmente apenas, mas exatamente como ela não há ninguém. Ninguém. É preciso dar um bom arremate à frase da aparência.

Paula, no rascunho: “Você está um pouco mais magra. Mas que mulher não quer ficar mais magra?”

No papel com o roteiro para decorar, Paula escreve:

Estou gostando da sua aparência. Está um pouco mais magra, mas que mulher não quer ficar mais magra?

É suficiente. Agora resta apenas o trabalho de decorar as frases. Paula é muito articulada e falante com todo mundo, mas quando está com a outra não sabe o que dizer. E quer falar sem titubear, sem hesitações, as frases que preparou.

Começa a decorar:

Como vai, está tudo bem?

Fui promovida, sou gerente de marketing.

Soube que vai fazer uma viagem.

Gramado é uma cidade muito interessante. Vai ser muito bom fugir do calor do Rio, a temperatura em Gramado, nesta época do ano, é muito amena.

Estou gostando da sua aparência. Está um pouco mais magra, mas que mulher não quer ficar mais magra?

Não consigo deixar de odiá-la, pensa Paula enquanto decora o texto, e isso ainda é pouco para compensar toda a angústia que ela me causou, por ter feito de mim uma pessoa amarga, infeliz, depressiva, incapaz de amar.

No dia 25, dia de Natal, a família se reúne na casa da mãe, para o almoço. Uma das raras ocasiões em que todos estão presentes.

Paula chega. Já estão na casa a mãe, a irmã Beatriz, o irmão Syllas, a tia Emerenciana, o tio Jonas, que logo ficará embriagado. Até mesmo o pai está lá, o único dia do ano em que ele se encontra com a família. O pai também é culpado, pensa Paula, mas o seu ódio foi centralizado, para ser bem forte e inextinguível.

Paula entra, fala com todos. A última é a mãe, que, quando viu Paula, afastou-se para um canto da sala.

Paula vai ao seu encontro.

“Como vai? Está tudo bem? Agora sou gerente de marketing. Soube que vai...”

TRATADO DO USO DAS MULHERES

“Foi tudo uma coincidência.”

“Coincidências não existem.”

“Não existem?”

“Vá lá, existem. Mas não resultam em nada.”

“Um amigo meu estava andando numa rua da cidade e um infeliz resolveu se matar, pulou da janela de um prédio e caiu em cima do meu amigo que passava. Os dois morreram. Não foi uma coincidência? Com resultado, trágico, aliás.”

“E você se chamar Francisco Nunes Correia é a importante coincidência que levou você a querer escrever esse livro?”

“É.”

“O nome do sujeito é Francisco Nunes Oria. Não é Nunes Correia. E ele nasceu em mil quinhentos e tantos, na Espanha.”

“As coincidências podem ser plenas ou parciais. Eu também sou médico, como ele era. O tratado que ele escreveu é de 1572, o final do número do meu telefone.”

“Que coisa mais boba.”

“Coincidências parciais são muitas vezes mais importantes do que as plenas. E não se esqueça de que o tratado dele, como o que eu pretendo escrever, é um guia prático e higiênico sobre o coito. E isso hoje em dia é mais necessário do que em 1572.”

“E você tem que usar o mesmo título: *Tratado sobre o uso das mulheres*? Uso? Uso das mulheres?”

“Não sejamos hipócritas. O que os homens fazem com as mulheres na cama senão usá-las?”

“Então você me usa?”

“Digamos que eu me sirva de você, como se fosse uma iguaria. Ao praticar com você a *introductio penis intra vas*, eu te como, como dizemos muito apropriadamente em nossa bela língua.”

“Eu também te como. Você devia chamar o seu livro de *Tratado do uso das mulheres e dos homens*.”

“Vocês mulheres dizerem que nos comem é um emprego novo desse vocábulo. Que digam. Mas a metáfora não é perfeita.”

“Quais são os temas que você pretende abordar?”

“Assim como o meu quase xará, farei inicialmente um levantamento dos estudos realizados no período compreendido entre o começo do século V e meados do século XV e de antes mesmo, pois os medievos se basearam muito em Galeno. Mas você quer saber quais são os tópicos. São variados. Por exemplo: de que maneira o uso das mulheres pode ser danoso ou proveitoso; como resistir às tentações da carne; os riscos higiênicos, os riscos dos excessos; o coito como uma atividade imprescindível para assegurar a saúde do corpo e da mente humanos. Tenho aqui cópias desses velhos tratados sobre o assunto. Por incrível que pareça ainda existem nos dias de hoje, não tão repressivos quanto na Idade Média, preconceitos puritanos que condenam o prazer sexual.”

“Você vai perder muito tempo para fazer isso.”

“Já perdi tempo e dinheiro. Acha que foi fácil conseguir esse material? Olha aqui, em cima da mesa do escritório, o *Liber minor de coitu*, do século XV, escrito em latim. O *El speculum al foderi*, século XV, escrito em catalão. Este outro é a obra básica, de Constantino, o Africano, *De coitu*, do século XI, referência de todos os tratados de medicina da Idade Média, que desenvolveram as teses de Galeno sobre a necessidade higiênica de expulsar com regularidade o sêmen do corpo humano...”

“Velharias.”

“Tenho coisas novas. Este estudo de Joan de Cadden, *Meanings of sex difference in the Middle Ages*, de mil novecentos e noventa e três. As teses medievais sobre a natureza patológica, fisiológica e terapêutica do coito...”

“Um livro novo sobre velharias ultrapassadas...”

“A igreja, no século XXI, ainda se prende, de certa maneira, aos ditames bíblicos sobre a necessidade de reproduzir, como está no Gênesis, 1,28. Para esses fanáticos indiferentes ao fato de vivermos num mundo em que existe gente em excesso, o objetivo do coito seria a geração de novos seres. Mas a finalidade do coito deve ser o

prazer. Não vou, portanto, ao contrário do meu antecessor, ensinar também a usar as mulheres para fazer filhos. Exatamente o oposto.”

“Porém, um dos tópicos mencionados por você é como resistir à tentação da carne. Não é um apelo à castidade?”

“Não, claro que não. Eu estou numa festa e uma mulher extremamente atraente me leva para o banheiro para que eu a coma. Estou morrendo de tesão por ela, mas não tenho uma camisinha comigo. Então tenho que resistir à tentação da carne.”

“Que festas são essas que você frequenta?”

“É uma situação hipotética.”

“Fala a verdade. Já aconteceu isso com você? Confessa, diga: aconteceu antes de eu conhecer você.”

“Aconteceu antes de eu conhecer você.”

“E você resistiu?”

“Não. É por isso que eu sei que a carne é fraca.”

“A mulher confiou em você. Mas você me disse que a regra de ouro nas relações sexuais é: não coma quem confia em você.”

“Mas as tentações da carne são veementes. Por isso o meu tratado vai ensinar a como resistir a elas.”

“Você vai ensinar uma coisa que não sabe fazer.”

“Não sabia.”

“Esse episódio do banheiro foi há muito tempo?”

“Há quanto tempo nos conhecemos?”

“Um ano, dois meses e vinte e dois dias.”

“Esse detalhe me deixa emocionado. Vinte e dois dias?”

“E seis, não, sete horas.”

“Eu devia casar com você.”

“Que merda, anda, fala logo, há quanto tempo você comeu no banheiro essa vadia sem preconceitos puritanos?”

“Uns dois, três anos.”

“AIDS fica incubada muito tempo, sabia?”

“Depois daquele comportamento imprudente fiquei muito preocupado e fiz um monte de exames.”

“Quero ver a data e o resultado do último.”

“Está aqui em casa, em algum lugar. Você já viu, nós trocamos exames de sangue, eu e você, já se esqueceu? Odiamos camisinha.”

“Vamos fazer outros amanhã. Amanhã, viu? E você só me come sem camisinha depois de eu ver o resultado.”

“Heloísa, confia em mim.”

“Então você vai para a cama com uma mulher que confia em você?”

“Nós dois não estamos incluídos nessa precaução.”

“Esse tratado vai ser um monte de idiotices cavilosas. Eu não perderia tempo com ele. Escreve as coisas que você está habituado a escrever. Num banheiro, Puta que pariu.”

“Meu bem...”

“Não posso imaginar você fazendo uma coisa dessas...”

“Nós, os homens, somos diferentes das mulheres... Reconheço, como os velhos tratadistas, que as mulheres também têm apetites sexuais, mas não tão insaciáveis quanto os masculinos. Na verdade vocês não têm essa impulsão essencial de disseminar o sêmen, historicamente vital para a sobrevivência da espécie. Agora não mais difundimos o sêmen apenas por determinismo genético, mas por prazer, e a impulsão aumentou. Que diabo, nem sêmen vocês mulheres têm para plantar... É por isso, querida, que o título da minha obra tem que ser *Tratado do uso das mulheres*, quando muito podia trocar mulheres por fêmeas. Que é isso? Você está rasgando o compêndio do Johannes de Ketham, você está louca, pára, pelo amor de Deus...”

“Você não acredita em Deus, seu filho da puta...”

“Esse é o Bernardo de Gordonio, uma obra rara, não faça isso, meu amor...”

“Você também não acredita no amor, cachorro... Rasgo, não tente me impedir.”

“Não, não, por favor...”

“Pronto, destruí esse lixo todo.”

“Você aniquilou a minha vida, essas tiras de papel...”

“Você está chorando, querido?”

“De raiva. Quero matar você, mas não consigo...”

“Talvez a gente possa colar tudo... Me desculpe, deu uma coisa em mim... Por que você não consegue me matar?”

“Não sei.”

“Eu mereço, depois do que fiz. Quer que eu apanhe uma faca na cozinha? Aquela que uso para limpar a gordura do contrafilé?”

“Esquece.”

“Quer que eu vá embora?”

“Não.”

“Você me ama, Fernando.”

“Não adianta ficar me abraçando, Heloísa.”

“Anda, Fernando, me dá um beijo. Outro. Ah!... Já estou sentindo em você a tal impulsão vital. Eu vou usar isso, vamos para o quarto.”

O CADEADO

As mulheres se apaixonam por motivos fúteis e os homens também, Arminda sempre ouvira dizer isso, mas estava certa de que não era o caso dela, sempre se apaixonara por algum motivo significativo, não era nenhuma maluca, não obstante às vezes saísse com um homem por quem não estava entusiasmada, como ia acontecer naquele dia.

Arminda fazia mais uma viagem turística e estava hospedada num hotel. Tirou uma roupa da mala e voltou a trancá-la com o cadeado, já havia acontecido de pequenas peças como bijuterias e blusas terem desaparecido, certamente furtadas pela arrumadeira, e por isso mantinha essas roupas trancadas na sua mala, mesmo as calcinhas usadas que não tivera tempo de lavar, que enfiava numa das sacolas fornecidas pelas lojas onde fazia compras.

Nos cabides dos exíguos armários dos quartos — ela se alojava em hotéis modestos, a única maneira de poder viajar — apenas pendurava vestidos, capas, que nunca desapareciam, pois a ladrona sabia que isso seria notado e causaria uma reclamação junto à gerência. Então, naquele dia, depois de se vestir — tinha pressa estava atrasada para um encontro com um homem baixo e feio, mas ela sentia necessidade de companhia nas suas viagens —, ela, distraidamente, trancou a mala com o cadeado deixando a chave lá dentro.

Só percebeu o que fizera quando resolveu trocar a calcinha por uma de rendas que lhe trouxera sorte em outra ocasião, e ela estava disposta a ir para a cama com o homem com quem ia se encontrar, caso ele a motivasse a fazer isso, o que poderia ocorrer, ainda que Arminda não julgasse muito provável, mas havia cada vez menos homens no mundo e ela não podia desperdiçar as oportunidades que surgiam.

Aquele contratempo a deixou aflita, as mulheres se desesperam por motivos tolos, sempre ouvira isso também, mas não havia nada

de leviano na sua angústia. Ligou para a portaria pedindo ajuda e um empregado do hotel subiu ao seu quarto, olhou a mala, disse que o cadeado era muito forte, com aros muito grossos, e que teria que ser aberto por um chaveiro, talvez até mesmo um ferreiro, ele não conseguiria fazer aquilo. Arminda pediu-lhe que providenciasse alguém imediatamente para realizar esse trabalho e o empregado respondeu que como era domingo teriam que esperar até segunda-feira. Certamente a sua má vontade resultara da rispidez dela, mas Arminda estava irritada, agora certa de que perdia a oportunidade de um encontro feliz, o homem talvez desistisse de esperá-la no saguão do hotel, como haviam combinado.

A calcinha que usava se tornara ainda mais sem graça, e seria capaz de diminuir o desejo do sujeito e o dela também, pois precisava se sentir atraente para gostar de fazer amor. Quanto mais bonita se imaginava naquelas ocasiões, maior era a possibilidade de seu próprio ardor ser despertado, e ela odiava se entregar sem ter a consciência desse anseio, tinha a sensação de que o homem não teria vontade de possuí-la. Quando Arminda não se achava desejável, sempre provocava no parceiro uma triste frouxidão da carne que exigia dela um esforço que era frustrante e cansativo, provavelmente também para o homem. Não, não poderia ir ao encontro com aquela calcinha, os homens não gostam que a nudez feminina se revele instantânea, por isso adoram ir a esses inferninhos onde as mulheres se desnudam dançando lentamente, eles gostam de ver as peças íntimas das mulheres, pelo menos era isso que lia nas revistas que assinava, o que devia ser verdade, do contrário não haveria tantas lojas e anúncios com essa variedade infinita de lingerie, não obstante, em sua experiência, não tão vasta assim, houvesse certos homens que nem mesmo olhavam para o que ela usava sob o vestido quando se despia. Mas Arminda não podia ter certeza de que o homem com quem ia se encontrar fosse desse tipo.

Sem saber o que fazer, saiu do quarto e, angustiada desatenta, deu um esbarrão num sujeito que passava no corredor carregando uma pasta de papelão cheia de papéis que se espalharam pelo chão.

Arminda se desculpou, explicou que estava nervosa porque havia trancado a chave do cadeado dentro da mala.

O homem, enquanto apanhava as folhas no chão, olhou para Arminda como se não tivesse entendido as suas palavras, e ela prosseguiu explicando que não podia abrir a mala, tinha um encontro importante e as roupas dela estavam todas lá dentro, só na segunda-feira um chaveiro estaria disponível para abrir o cadeado.

O homem perguntou, posso dar uma olhada?

Era um estranho, de rosto comum e um pouco barrigudo, mas aquela pasta cheia de papéis com números e letras lhe atribuía uma certa confiabilidade.

Arminda respondeu que sim, que lhe mostraria o cadeado.

Abriu a porta do quarto para que o homem entrasse.

Ele se acorou ao lado da mala e examinou o cadeado.

Boa fechadura, aço dos mais resistentes, disse, e Arminda concluiu que ele logo em seguida lhe diria que era melhor esperar a chegada do chaveiro no dia seguinte e arrependeu-se de ter aceitado a ajuda daquele sujeito.

Ele mais uma vez olhou cuidadosamente o cadeado, abriu a sua pasta de papelão e tirou um clipe que prendia um maço de papéis. Sentou-se ao lado da mala e enfiou a ponta do clipe na fechadura do cadeado.

Não adianta, disse Arminda, esse cadeado é muito bom, comprei o melhor que havia, viajo muito e roubam as minhas roupas, muito obrigada pela sua boa vontade, eu tenho que sair.

Por favor, o homem disse, preciso de silêncio. Curvando-se para aproximar o ouvido do cadeado, começou a mexer lentamente com a ponta de metal do clipe no buraco da fechadura.

Arminda sentou-se desanimada, o mundo estava cheio de bobalhões e ali, debruçado sobre a mala, de costas para ela, havia um deles.

Mas logo o homem se levantou e virou-se para Arminda com o cadeado aberto na mão.

Da próxima vez tome mais cuidado, ele disse, pondo o cadeado sobre a mala.

Nunca mais vou fazer isso, Arminda respondeu, muito obrigada, notando então que ele era alto, bonito e nada barrigudo.

O homem pegou a sua pasta e foi embora fechando a porta do quarto, que deixara aberta o tempo todo em que estivera lá dentro.

Arminda ficou algum tempo paralisada olhando a porta, mas em seguida, num impulso, saiu do quarto correndo, aquele era o homem da sua vida, ela não sabia bem por que, talvez por ter aberto o cadeado com um clipe de papel ou por qualquer outro motivo, o certo é que não podia perdê-lo.

O corredor estava vazio, a luz indicadora do painel mostrava que o elevador descia com a sua paixão lá dentro. Arminda precipitou-se correndo pelas escadas, eram apenas três andares, talvez chegasse ao térreo junto com ele.

Mas o elevador já havia chegado e não havia ninguém no saguão.

ILHA

Saturnino Vieira não conseguia dormir, saiu da cama e foi à cozinha encher um copo com água para tomar o seu comprimido. Sentia-se infeliz, sabia que se não tomasse um comprimido seria dominado por pensamentos soturnos. Todo homem é uma ilha, você não vai ouvir sinos tocarem, ele pensava, olhando o copo em sua mão. Por alguma razão devia tomar o comprimido com água, ainda que eles, pequenos e cobertos por uma camada lisa e adocicada, não precisassem de ajuda para escorregar pela sua garganta. Ele era uma ilha, o resto era conversa fiada. Enquanto fosse vivo, ficaria sozinho na ilha. Morto, não sabia o que aconteceria. Provavelmente nada.

Claro que era melhor estar vivo que morto. Por enquanto. Mas sabia que seu insulamento não tinha fim, comprimidos e mulheres faziam efeito apenas por algum tempo. Todos os prazeres eram fugazes. Todo diálogo era de surdos. Ninguém entendia ninguém.

Passou pelo quarto, o copo com água na mão, para ir ao banheiro, onde os comprimidos estavam guardados, numa gaveta do armário sob a pia.

“Essa água é para mim, Saturnino?”

“Pensei que você estava dormindo.”

“Acordei quando você levantou. Tenho o sono muito leve. Essa água é para mim?”

“É.”

“Como é que você sabia que sempre ao acordar eu bebo um copo de água antes de sair da cama?”

“Sabendo.”

“Quando durmo fora de casa eu sempre esqueço de colocar o copo com água na mesinha de cabeceira. Obrigada.”

A moça estendeu a mão e pegou o copo. Bebeu a água toda.

“Você é danado. Nunca ninguém fez isso, me trazer um copo com água quando acordo de manhã. O que mais você sabe sobre

mim que eu não lhe contei?"

"Sei tudo sobre você."

"Mas eu não lhe contei nada. Só o meu nome."

"Mas eu sei."

"Diz uma coisa."

"O quê?"

"Quantos anos eu tenho?"

"Vinte e dois."

"Errou. Tenho vinte."

"Você tem vinte e dois. Não adianta mentir para mim."

"Está bem, tenho vinte e dois. Onde foi que eu nasci?"

"Tenho que botar a mão sobre a sua cabeça."

"Qual o problema? Você botou a mão em outros lugares piores. Anda, põe a mão na minha cabeça."

"Minas Gerais. Mas veio para o Rio muito pequena."

"Como é que você sabe onde eu nasci e que eu vim para aqui muito pequena?"

"Vi quando botei a mão na sua cabeça. E também que o seu nome verdadeiro não é Luana."

"Qual é o meu nome?"

"Maria da Conceição. É mais bonito que Luana."

"Você é um bruxo. Não quero saber mais nada."

"Está bem."

"Se tivesse esse dom eu ganhava toda semana na loteria."

"Loteria não tem cabeça para eu botar a mão."

"E café? Você também traz café na cama para as moças?"

"Não."

"Quer que eu faça o café? É só me mostrar onde estão as coisas."

"Eu tenho um encontro com um sujeito. Negócios. Tenho que sair logo."

"Hoje é domingo. Dia de descanso. Você não quer transar comigo outra vez? Não gostou?"

"Gostei. Mas vou ter que sair."

"Você me chama novamente?"

"Chamo."

“Não vai perder o meu telefone.”

“Não perco. É melhor você se vestir.”

A moça andou nua pelo quarto na frente de Saturnino, fingindo que procurava as suas roupas que estavam sobre uma cadeira. Saturnino olhava para ela pensando no comprimido que iria tomar.

“Você acha o meu corpo bonito?”

“Acho. É muito bonito. Mas eu tenho que sair. Anda, veste a sua roupa.”

“E eu não faço nada, nem regime, nem malho. Olha a minha barriga. Meu bumbum. Não parece que vivo fazendo exercício? Nunca entrei numa academia, como a maioria das minhas colegas. Ei! em que você está pensando? Está com um olhar muito estranho. De um homem perdido numa ilha deserta.”

“Olhar de quê?”

“De um homem perdido numa ilha deserta.”

“Como foi que você pensou nisso?”

“Você ficou chateado? Por favor, não fica chateado comigo.”

“Não estou chateado. Só quero saber como foi que você pensou nisso.”

“Não sei. Veio na minha cabeça.”

Saturnino ficou calado enquanto a moça, desapontada, se vestia.

“Desculpa qualquer coisa errada que eu fiz. Me telefona”, ela disse, dando um beijo de despedida no rosto de Saturnino.

“Fica”, disse Saturnino. “Vamos para a cozinha. Vou te mostrar onde estão as coisas para fazer café.”

“Você não tem que sair?”

“Não. O sujeito que ia se encontrar comigo não vai aparecer.”

“Como é que você sabe?”

“Sabendo.”

“Se um dia eu me casar, quero que seja com um homem mágico como você. Pode me chamar de Conceição, já estou gostando do nome.”

Saturnino contemplou o rosto desarmado da moça.

“Mágica é você”, ele disse.

Mas o sono dela não era tão leve como dissera. Saturnino levantara no meio da noite sem que Conceição acordasse, e espiara a carteira de identidade na sua bolsa. Mas isso ele não disse para a moça, ao tomarem café com torradas.

Nem depois, quando voltaram para a cama.

EU SERIA O HOMEM MAIS
FELIZ DO MUNDO SE
PUDESSE PASSAR UMA NOITE
COM VOCÊ

Meg saía de casa para ir trabalhar quando viu no chão da sala, próximo da porta, um envelope. Dentro havia um bilhete: *Eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse passar uma noite com você.* Meg pegou o bilhete, escrito em caracteres tipográficos, amassou e jogou na cesta de papéis.

Trancou com cuidado as duas fechaduras da porta, não obstante fosse pouco provável que alguém furtasse os seus bens, uma televisão colorida, um computador, uma impressora a jato de tinta. O síndico do prédio era um neurótico que policiava a conduta dos moradores, exigindo que os porteiros, que se revezavam dia e noite, anotassem o nome e o destino de qualquer visitante, com as horas de entrada e de saída. Isso causava constrangimentos e reclamações, mas talvez o síndico estivesse agindo com judiciosa prudência, o edifício tinha quinze andares com dez apartamentos de quarto e sala em cada pavimento, condições propícias para se tornar um cortiço gigantesco. Segundo sua vizinha Telma, o síndico fora reformado por invalidez devido a um acidente com uma granada que lhe tirara completamente a virilidade quando era um jovem tenente da Marinha de Guerra. "Ele é durão porque tem aquela coisa mole."

Meg precisava tomar um ônibus até a loja de cosméticos onde trabalhava, em Copacabana, não muito distante da sua casa, mas era uma viagem incômoda, pois sempre carregava, além da bolsa, uma pequena maleta com o seu sapato preto de salto alto, as meias pretas de náilon e o vestido, também preto, que usava na loja. A dona do estabelecimento, uma senhora chamada dona Gigi, que fora garota de programa quando jovem, exigia que as balconistas se vestissem daquela maneira. Dona Gigi fornecia os vestidos e os sapatos, mas as moças eram encarregadas de cuidar do bom estado das peças. Quando um vestido, gasto pelo uso, precisava ser trocado, dona Gigi fazia uma admoestação demorada, que terminava

com a frase “no meu tempo as mulheres não eram assim desmazeladas”.

A loja abria às nove da manhã, mas o trabalho de se vestir e maquiarse demorava algum tempo, por isso Meg e as outras tinham que chegar uma hora antes. As três moças tinham estatura e compleição física parecidas, e depois de maquiadas ficavam com a mesma cara, como se fossem manequins feitos em série. Almoçavam na loja, saladas, legumes cozidos e carnes grelhadas. Dona Gigi ameaçava: “quem engordar vai para o olho da rua.” Meg odiava aquele emprego, gostaria de trabalhar em outra coisa, razão pela qual comprara o computador, a impressora e a cesta de papéis, mas não sabia o que fazer com eles.

No fim do dia, os pés de Meg, cheios de calos, doíam muito. Logo que a loja fechava, a primeira coisa que fazia era arrancar os sapatos e calçar uma sandália. Depois tirava o vestido, que colocava cuidadosamente na maleta, junto com os sapatos. Lulu era a primeira a sair, o namorado costumava esperar por ela do lado de fora da loja. Sissy, a outra moça, sempre convidava Meg para tomarem um cafezinho juntas depois do trabalho. As duas, durante o café, conversavam muito, mas nada pessoal. Sissy era a mais bonita de todas.

Naquele dia, logo ao chegar em casa, Meg apanhou na cesta de papéis o bilhete. Releu: *Eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse passar uma noite com você.* Quem teria escrito aquele bilhete? Certamente algum morador do prédio, um bobalhão metido a engraçadinho. Além de Telma, ela conhecia de vista apenas alguns moradores. Havia um sujeito desgrenhado no seu andar, que olhava para o chão quando passava por ela. Sujeitos tímidos eram capazes de audácias anônimas daquele tipo.

Melhor esquecer o assunto. Meg jogou novamente o bilhete amassado na cesta de papéis. Tomou um banho demorado, com água muito quente, para se livrar do cheiro da loja, fez um sanduíche de pão integral com uma fatia de ricota e duas folhas de alface, pegou um refrigerante light, foi para o quarto, ligou a televisão e deitou-se apenas de calcinha, pois era uma noite quente.

Mais uma vez, dormiu com a televisão ligada e sem escovar os dentes.

Acordou, como sempre, muito cedo, e foi correndo escovar os dentes, jurando que não dormiria mais na frente da televisão. Em seguida tomou um banho quente pensando nas longas horas que teria que ficar empoleirada em cima dos sapatos, decidida a mudar de vida nem que fosse preciso dar um tiro na cabeça. Não aguentava mais mostrar dezenas de tipos de batons, esmaltes de unhas e outros cosméticos, ou perfumar pulsos de mulheres que nunca sabiam o que queriam. O odor de todo e qualquer perfume estava começando a lhe dar náuseas.

Meg notou o novo envelope ao lavar a xícara em que tomara o café da manhã. Sem enxugar as mãos, apanhou o envelope e leu o bilhete: *Eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse passar uma noite com você.* A umidade dos seus dedos manchou algumas das palavras. Porcaria de tinta, ela pensou, reles como o autor dos bilhetes.

O novo bilhete teve o destino do antigo, a cesta de papéis.

Depois de mais um longo dia de trabalho, de roupa trocada, agora de jeans e sandália de dedo, ela foi tomar um cafezinho com Sissy que estava vestida como se fosse uma freira.

“Posso dizer uma coisa? Você vai ter paciência comigo?”

“Claro, Sissy”

“Você vai ter, mesmo, paciência comigo?”

“Você me acha impaciente?”

“Acho. Com as outras moças, com os clientes. Você vive mal-humorada.”

“Eu vivo mal-humorada? E você? Sempre emburrada. Aliás, você é uma chata, sabia? Insuportável.”

“Você tem razão.”

“Ainda bem que você reconhece. Que é isso? Você está chorando?”

“Caiu um cisco no meu olho.”

“Desculpe, Sissy. O que você queria me dizer?”

“Não era nada. Até amanhã.”

“Deixa que eu pago o cafezinho.”

“Hoje é o meu dia. Até amanhã.”

Sissy saiu apressada. Meg ficou mais algum tempo em pé no balcão, pensando naquela conversa. Chegou em casa mais infeliz do que nos outros dias. Comeu o sanduíche de ricota com alface, escovou os dentes. Deitou para ver televisão e dormiu.

De manhã encontrou outro bilhete com a mesma frase e sentiu que alguma coisa precisava ser feita, sabia que o síndico já devia estar no seu pequeno escritório, ao lado da portaria. Ligou para ele.

“É um assunto urgente? Se não for urgente a senhora tem que marcar uma hora comigo. Certo?”

“É urgente.”

“Então posso recebê-la agora. Por quinze minutos. Certo?”

Meg apanhou na cesta de papéis os dois bilhetes amassados, botou-os na bolsa junto com o que recebera naquele dia, se vestiu correndo, fez a mala e desceu pelo elevador ao andar térreo. Bateu na porta do escritório do síndico. Ele abriu a porta.

“Favor entrar. Sente-se.”

Era um escritório pequeno, com uma mesa sobre a qual havia um computador e uma impressora, parecida com a dela, e duas cadeiras.

“Como é mesmo o seu nome?”

“Margaret. Moro no apartamento mil e doze.”

“Certo. Qual é o problema?”

Meg tirou os bilhetes da bolsa e entregou-os ao síndico. Ele leu os bilhetes.

“Certo.”

“Certo como?”

“Não estou entendendo a senhora.”

“O senhor falou certo e eu perguntei, certo como?”

“É um vício de linguagem. Certo?”

“E os bilhetes?”

“Foram escritos numa impressora a jato de tinta. Dá para ver pelas letras borradas, neste aqui. Jato de tinta, borra. O tipo usado é o Times New Roman, 14.”

“E o que eu faço?”

“Nada.”

“Um sujeito está me enviando bilhetes pornográficos e o senhor me manda ficar sem fazer nada?”

“Mas eu não vou ficar sem fazer nada, certo?”

“Enquanto isso eu fico recebendo os bilhetes pornográficos?”

“Os termos do bilhete não são propriamente pornográficos.”

“São o quê?”

“Grosseiros, talvez, mas não pornográficos, certo?”

“O senhor devia fazer alguma coisa para se livrar desse vício de linguagem.”

“Estou tentando, minha senhora. Passe bem”, disse o síndico se levantando.

Não houve nenhum acidente na Marinha, jogaram a granada em cima dele de propósito para fazer o idiota calar a boca, pensou Meg, retirando-se irritada. O dia começou perturbador para Meg e transcorreu doloroso, os sapatos machucando muito os seus pés. E no cafezinho Sissy deixou-a ainda mais abalada.

“Eu te amo” disse Sissy.

“Como assim?”

“Eu quero ser sua namorada. Era isso que eu queria te dizer, ontem.”

“Minha namorada?”

“Sei que você não gosta de homem. Você não tem namorado, como a Lulu.”

“Você tem razão. Eu não gosto de homem. Mas isso não quer dizer que eu goste de mulher.”

“Não sente desejo por ninguém?”

“Por ninguém.”

“Eu morro de desejo por você.”

“Sissy, por favor, vamos mudar de assunto, você está me constrangendo.”

“E você está me fazendo sentir vergonha.”

“Não quero que você fique envergonhada. Só quero mudar de assunto.”

“Me desculpe”, disse Sissy.

“Eu é que peço desculpas. Somos diferentes, azar o nosso.”

Sissy ficou calada, com um ar deprimido. Meg quase disse a ela que não gostava de homem porque havia sido estuprada aos quinze anos, mas era melhor dizer boa-noite e ir embora antes que outro cisco caísse no olho de Sissy.

Foi o que ela fez. O dia fora horrível e a noite continuou péssima, Meg ficou vendo televisão até tarde, sem conseguir dormir, e comeu um pacote de biscoitos cujas calorias iriam certamente engrossar a sua cintura.

No dia seguinte outro envelope havia sido enfiado por debaixo da porta. Meg nem abriu. Amassou e jogou na cesta.

No trabalho, ela e Sissy não trocaram uma palavra sequer. Meg, dissimuladamente, observou, pela primeira vez, o corpo de Sissy. A outra não tinha apenas um rosto bonito, o seu corpo era perfeito, mas não lhe despertava o menor erotismo, como o que sentia quando sonhava com um homem desconhecido que a acariciava de maneira excitante e acordava molhada e nervosa. Quando a loja fechou, Sissy arrumou-se com rapidez e saiu, antes mesmo da Lulu.

No dia seguinte, logo que acordou, Meg foi à porta da sala. Havia outro envelope no chão. Ela se aprontou e desceu para falar com o síndico.

“O senhor tem alguma novidade para mim?”, perguntou, entregando o novo envelope ao síndico.

Ele pegou o envelope.

“Os mesmos dizeres?”

“Acho que sim. Nemabri.”

“A que horas a senhora acordou hoje?”

“Seis horas.”

“E o bilhete já estava lá?”

“Estava.”

“Eu fiquei vigiando o seu andar até as três horas da madrugada. Isso significa que esse indivíduo enfia o envelope na sua porta entre três e seis horas. Certo?”

“Certo.” Estou pegando o vício do sujeito, pensou Meg.

Quando chegou à loja, dona Gigi comunicou que Sissy havia pedido demissão e que não iria admitir outra balconista, Lulu e Meg fariam todo o trabalho.

Tenho que mudar de vida, pensou Meg, sentindo dores nos pés. À tarde, Lulu lhe perguntou:

“Você não está sentindo falta da Sissy?”

“Estou”, respondeu Meg. Era verdade, sem Sissy a loja ficava mais triste.

Naquela noite, Meg colocou o despertador para acordá-la às três horas. Ela não acreditava no síndico. Quando acordou, ao primeiro toque do relógio, Meg se levantou e ficou espiando o corredor pelo olho mágico. Eram quatro horas quando notou o sujeito desgrehado que morava no seu andar e o síndico caminhando pelo corredor, discutindo. Mas ela não ouviu o que diziam. Cansada, puxou sua única poltrona para perto da porta e sentou-se, para ver o que aconteceria. Acabou dormindo. Quando acordou, verificou que não havia envelope no chão. Eram sete horas.

Telefonou para o síndico.

“Hoje não apareceu nenhum envelope.”

“Precisamos fazer uma reunião. Terá que ser às dez horas.”

Meg não falou do que vira pelo olho mágico.

“O problema está solucionado?”

“Sabemos às dez horas. Certo?”

“Certo.”

Às oito e meia Meg telefonou para a loja. Dona Gigi atendeu.

“Dona Gigi, hoje eu não posso ir trabalhar, não estou me sentindo bem. Estou de cama.”

Antes que dona Gigi pudesse responder, Meg desligou o telefone.

Na hora marcada, desceu ao escritório do síndico. Meg notou sobre a mesa um pacote de biscoitos.

“Vamos esperar o senhor Walter chegar.”

“Senhor Walter?”

“É um indivíduo que mora no seu andar.”

“Um sujeito que está sempre desgrehado?”

“E sujo. Ele diz que é cineasta. Mas ainda não terminou o filme dele. Talvez seja o autor das cartas anônimas.”

“Talvez?”

“Eu o encontrei no corredor do seu apartamento por volta das quatro da manhã. É tudo o que posso dizer por enquanto.”

Uma batida na porta.

“Eu pedi que ele viesse aqui para conversarmos todos”, disse o síndico abrindo a porta.

Walter, quando viu Meg, parou, surpreso.

“Entre”, disse o síndico.

Walter entrou.

“O senhor terá que ficar de pé. Só existem duas cadeiras aqui, uma é a minha, a outra é da dona Margaret. Certo? Não vou perder tempo. É o senhor que está enfiando bilhetes debaixo da porta de dona Margaret?”

“Enfiando bilhetes?”

“O que o senhor fazia às quatro da manhã andando pelo corredor do andar da dona Margaret?”

“Eu ia para o meu apartamento. Moro naquele andar. Eu lhe disse isso ontem. Chego tarde da noite. Pergunte aos porteiros.”

Enquanto falava, nem por um momento Walter olhou para Margaret.

“Acho que não foi o senhor Walter quem fez os bilhetes, dona Margaret. O senhor pode ir embora, seu Walter, desculpe o incômodo. Mas eu vou descobrir o patife...”

“Pensando bem”, disse Margaret, “acho que o assunto devia ser encerrado. Não interessa quem colocou os bilhetes debaixo da minha porta. E pensando bem, um homem dizer que seria o mais feliz do mundo se fosse para a cama comigo pode ser uma coisa grosseira, como o senhor disse muito bem, mas de certa maneira é um elogio.”

“A senhora acha?”

“Acho. Qualquer mulher se sentiria lisonjeada ao saber que desperta desejos num homem.”

“Acha mesmo?”, perguntou o síndico, num tom de voz diferente.

“Mesmo. Não sei por que me senti ofendida. Eu ando muito nervosa ultimamente, deve ser isso.”

“Fui eu sim”, disse Walter, que, apesar de dispensado pelo síndico, permanecera na sala.

“O quê?”, gritou o síndico.

“Coloquei o bilhete, fui eu, sempre gostei dessa moça.”

O síndico levantou-se furioso da cadeira e agarrou Walter pelos ombros, sacudindo-o.

“Cretino. Quantos bilhetes você colocou?”

“Coloquei um, dois...”

“Que fonte tipográfica usou no seu bilhete?”

“Fonte o quê?”

“Seu mentiroso nojento. Não sabe nem quantos bilhetes foram. Foram cinco. Times New Roman 14, em itálico. Você tem um computador? Não tem. Tem uma impressora a jato de tinta? Não tem. Não sei onde estou que não lhe parto a cara. Ponha-se daqui para fora.”

Walter saiu correndo. A fúria do síndico era assustadora.

“A senhora foi dizer que gostou do bilhete e o cachorro logo se declarou o autor.”

“Por que fez essa palhaçada toda, chamando aqui aquele desgrenhado?”

“Palhaçada?”

“Eu sei quem é o autor dos bilhetes”, disse Meg.

“Sabe?”

“O senhor. A impressora é essa sobre a sua mesa. Tenho uma igual. Só não sei usar.”

O síndico baixou os olhos. Ela nunca tinha visto, ou não quisera ver, um homem ficar ruborizado. No fundo, deve ser uma pessoa tímida, delicada, pensou Meg, não é feio, deve ter uns quarenta anos, mãos limpas, rosto bem barbeado.

“Eu não tinha coragem de assumir os sentimentos torpes que sentia pela senhora. Fiz uma loucura, peço que me perdoe”, o síndico murmurou.

“Vivo cercado de pobres-diabos infelizes, a Sissy, o senhor.... Como quer encontrar a felicidade na cama com uma mulher, se foi aleijado por uma granada?”

“Foi a dona Telma, uma mulher carente despeitada, quem espalhou isso. Não fui aposentado por invalidez. Dei baixa da

Marinha por vontade própria. A história da granada é uma grossa mentira. Posso provar.”

“Não precisa provar nada. Estou tão cansada”, disse Meg, suspirando, “esta noite quase não dormi.”

Meg pegou o pacote de biscoitos sobre a mesa.

“Posso comer um?”

O síndico assentiu, com meneios afirmativos da cabeça.

“Compra daqueles recheados de chocolate.”

“Hoje mesmo, hoje mesmo.”

SOMA ZERO

“Sei que temos esse jantar, não se preocupe, estou vendo se encontro aquele vestido... Vou a outras lojas, depois... Tchau.”

A mulher desliga o celular, voltam a se abraçar na cama, esquecem a vida.

“Esse coração batendo forte é o meu ou o seu?”

“O nosso, o suor também é nosso, mas esses fios de cabelo na sua mão são meus.”

Silêncio.

“Não fica olhando para o teto, olha para mim.”

O homem olha para a mulher.

“Estou muito feliz. Sabe quanto tempo vou ficar feliz?”

Silêncio.

“Até entrar no meu carro e chegar em casa. Às vezes tenho vontade de me drogar, mas sou muito medrosa para fazer isso.”

“Não ia resolver nada.”

“Quando cheguei em casa ontem ele perguntou, Você foi ao cabeleireiro para fazer um penteado desses? Inventei uma resposta... Estou andando sobre carvões em brasa... Você não entende, você sai de casa e bate a porta, eu tenho que deixar instruções com empregadas, dar explicações, criar cenários, dizer mentiras, e na volta tudo se repete, novas determinações, providências, desempenhos, embustes. O lar é um monstro que nunca tem as suas exigências saciadas, está sempre pedindo mais. À noite tenho que ir a festas e jantares com ele e os nossos amigos, onde me mostro alegre, e sou a que ri mais alto, a que fala com mais entusiasmo, mas quando chego em casa estou com vontade de vomitar e preciso tomar um tranquilizante para poder dormir.”

“Eu te amo.”

“Não precisa fazer essa cara de cachorro sem dono, esquece o que eu disse.”

Ela o beija. Fodem novamente.

“Você puxa os meus cabelos com força. Você é sádico e maluco. Um pouco sádico e muito maluco.”

“É sem querer.”

“Mas eu gosto, se nós tivéssemos um jogo de dominó você jogaria comigo?”

“Acho que sim. Quer ouvir uma música? Aquela de que você gosta.”

“Me deixa triste. Não fica olhando para o teto.”

“Estou deitado de barriga para cima.”

“Também estou deitada de barriga para cima e estou olhando para você. Quer que eu diga o que estou vendo?”

“Não.”

“E você, agora que está olhando para mim e o seu pescoço está doendo, vê o quê?”

“A mulher mais bonita do mundo.”

“Quer que eu chore?”

“Não.”

Ela chora, sem soluçar, mas as lágrimas brilham tanto que ele as vê, mesmo olhando para o teto.

“Meu marido está desconfiado.”

“A vida é um jogo de soma zero.”

“O que quer dizer isso?”

“Um jogo em que a soma dos ganhos e das perdas dos jogadores é sempre zero.”

“E o que acabamos de ganhar é zero? O que ganhamos todos os dias é zero?”

“Só quando formos somar com as perdas, as perdas nunca são zero.”

“Isso é uma coisa horrível, não é? Olha para mim.”

“Estou olhando.”

“Você está com medo. Medo de que eu me mude para cá. De que eu me torne um peso para você.”

“Não diga isso.”

“Eu vivo com medo o tempo todo, mas o meu medo não é maior do que o meu amor. Diga, o seu medo é maior do que o seu amor?”

“Não estou com medo.”

“Mas esse seu medo de eu me mudar para cá só acontece às vezes, se acontecer sempre, o seu amor vai diminuir. E acaba, é isso?”

“Temos que ser lúcidos.”

“A razão sobre os sentimentos, que coisa mais árida, você não respondeu.”

“Não sei responder.”

“Você não sofre por saber que eu, eu...”

“Você?”

“Durmo toda noite com outro.”

“Prefiro não falar sobre isso.”

“Você não sabe fazer nada para ganhar dinheiro, e se formos morar debaixo da ponte o nosso amor acaba, só podemos viver dentro de um certo esquema. É isso que você não sabe responder?”

“Já estive internado. Coisas da cabeça, não é contagioso.”

“Você nunca me disse isso.”

“Estou dizendo agora. Já trabalhei numa loja de discos e numa livraria, mas me mandaram embora.”

“Também nunca me disse isso.”

“Estou dizendo agora.”

“Nunca trabalhei, nem escrevi, nem pinte, nem coisa nenhuma, saí da faculdade para casar, não terminei o curso, estudava biologia, uma órfã de pai e mãe estudando biologia, você acredita?”

“O que uma órfã deve estudar?”

“Talvez contabilidade, informática. Mas você sofre ou não? Por eu dormir toda noite com outro.”

“Fico infeliz.”

“Fica infeliz mas não chora, eu choro sempre.”

“Minha mãe não me ensinou a chorar.”

“Ela já morreu, não morreu? E o que ela dizia? Homem não chora?”

“Ela não chorava.”

“Mas tinha um marido e amava outro homem? Um artista, um intelectual incapaz de ganhar dinheiro com o seu trabalho? Desculpe o intelectual, sei que você não gosta dessa palavra.”

“Às vezes, sinto vontade de chorar, quando você vai embora e fico sozinho, mas não consigo.”

“E quando a dor é física? Nem assim?”

“Tomo analgésico. Enxugue o seu rosto com o lençol.”

“Você não acha que temos que fazer alguma coisa? Ou vamos esperar a vida corromper os nossos sentimentos?”

“Que coisa?”

“Já pensei em me matar, depois de matar você. Pára de olhar para o teto, não estou brincando.”

“Daqui a pouco o meu pescoço vai doer.”

“E eu?”

“Você o quê?”

“O que significa para você?”

“Alegria, deleite, companhia, amor.”

“Mas a arte é mais importante que tudo... E se quando você morrer de velho, tudo o que você fez for esquecido, jogado no lixo? Você não tem coragem nem de cortar a sua orelha.”

“Se você quiser, eu corto.”

“Então corta agora.”

Ele se levanta da cama. Depois de algum tempo, volta com um pano apertado de encontro à face, sangue escorre do seu pescoço, ele estende a outra mão fechada para ela, abre a mão. Dentro está a orelha decepada.

“Um presente para você.”

“Meu Deus, você tem que ir para um hospital.”

“Esterilizei a faca antes e limpei o ferimento com um antisséptico, a hemorragia passa logo.”

“Sua mãe, onde quer que ela esteja, deve estar muito orgulhosa de você.”

“Estou contando com isso.”

“Sabia que ia ter que cortar uma orelha para mim?”

“Comprei uma faca afiada.”

“E eu tenho que fazer o quê, por você?”

“Não sei, mas não é cortar os pulsos.”

“Acho que estamos enlouquecendo.”

“Eu já cheguei no meu ponto. Não passo disso.”

“Posso te contar uma coisa? Meu analista anda preocupado comigo. Ele não sabe, mas acho que ainda não cheguei no meu ponto. Tenho que ir embora. Posso levar a orelha comigo?”

“É sua, chegando em casa, põe num frasco com formol, a farmácia vende.”

“Mas o que eu gostaria mesmo é que você também chorasse.”

“Isso é mais difícil.”

“Nunca deixarei de te amar.”

“Nem eu.”

“Amanhã é sábado.”

“Eu sei, a gente não vai se ver, nem no domingo.”

“Talvez você chore, neste fim de semana.”

“Vou tentar.”

“Pinta uns girassóis.”

“Não sei pintar aqueles girassóis. Talvez se sofresse de glaucoma.”

“Escreve um soneto.”

“Não sei escrever sonetos.”

Ela se veste, percorre o quarto e a sala para ver se não está esquecendo alguma coisa, abre a porta da rua.

“Soma zero?”

Fecha a porta, sai.

O PIOR DOS VENENOS

Todos os homens gostam de ser colocados ao meu lado, nos grandes jantares que frequento. Sou inteligente, bonita, atraente, irônica, tenho imaginação, cultura, sou capaz de manter um diálogo expressivo com um banqueiro importante ou com um professor de filosofia, caso convidem um professor de filosofia para um desses jantares elegantes. Pareço uma presunçosa egocêntrica? Devo mentir, só para aparentar modéstia?

Os homens que se aproximam de mim querem sempre me seduzir. Uma mulher, qualquer mulher, até a mais obtusa, percebe quando o homem tem segundas intenções. Há uns ridiculamente óbvios, outros mais sutis, lidar com qualquer um deles exige talento. Esquivo-me das investidas, mas sem desestimulá-los totalmente; a atenção masculina galante, desde que respeitosa, é muito agradável, para mim ou qualquer outra mulher. Sou virtuosa, sei como me comportar adequadamente. O único homem que conheci, no sentido bíblico, foi o meu marido, um homem rico, influente. Não quero de maneira alguma prejudicar minha confortável situação familiar.

Antes dos jantares com lugares marcados, sempre encontro uma maneira de verificar, na mesa em que ficarei, os nomes dos outros comensais, manuscritos com rebuscada caligrafia nos cartões colocados em frente aos pratos. Em várias ocasiões troquei os cartões, quase sempre de acordo com a anfitriã, mudando de *placement* algum chato indicado para ficar ao meu lado. Há homens ricos, importantes, famosos, mas insuportavelmente aborrecidos. Meu marido, aliás, é um desses, todos o consideram desprovido de charme, o que é verdade. Felizmente não existe o risco de tê-lo junto a mim, nesses jantares. A etiqueta não permite.

Dizem que eu podia ter escolhido outro homem para casar, mais atraente e espirituoso. Em primeiro lugar, não existem tantos homens ricos, influentes, espirituosos e, principalmente, generosos, que sejam disponíveis. Minhas amigas se queixam da mesquinhez

dos seus maridos ricos e eu cheguei à conclusão de que assim é a maioria dos maridos, ricos ou pobres, todos reclamam das despesas que as mulheres fazem. Casei-me porque de alguma maneira gostava dele, mas reconheço que com o passar do tempo meu marido se tornou enfadonho. Além de chato, é baixo e gorducho, sei que não devo pensar nele dessa maneira, um homem que me dá tudo o que peço. Mas que outro termo pode ser aplicado ao aspecto físico dele? Rechonchudo? É pior.

Estou neste momento nua, na frente do espelho do meu quarto, feliz, meu corpo é bonito para a minha idade, afinal já passei dos quarenta. E a lipo, que fiz recentemente, deu um retoque final perfeito à malhação que pratico na academia. Relutei um pouco em fazer a lipo, mas todas as minhas amigas estavam fazendo, e não somente lipo, mas o serviço completo, cortando com bisturi ou enfiando silicone, inclusive algumas enchendo o lábio superior, creio que acham esse beicinho saliente sensual, sei lá, eu não preciso disso, tenho lábios carnudos. É verdade que uma delas tinha o lábio superior tão fino e reto que parecia um traço feito com uma régua.

Também faço dieta, é claro, o que às vezes me deixa histérica, mas é importante para manter a silhueta esbelta. É uma tortura, comer constantemente salada, peixe cozido e coisas do gênero sem poder dar uma bicada num chocolate, numa torta cremosa ou até mesmo numa baguete torradinha. Não acredito em quem diz que há dietas saborosas, isso não passa de um daqueles raciocínios que a pessoa faz para se autoenganar e sofrer menos.

Sou uns quinze centímetros mais alta do que meu marido. Ele não sabe dançar, não tem ritmo nem para essas músicas em que as pessoas apenas sacodem o corpo, uma para cada lado. Mas sempre que surge uma oportunidade ele quer bailar. Um dia, convidou a Gabriela para dançar um tango. A infeliz, que é argentina e dança como uma profissional, aceitou o convite. Foi uma coisa grotesca, a Gabriela foi um anjo, depois dei um beijo nela e pedi desculpas pelo meu marido. Coitado, eu sei, eu sei que não devia pensar assim de um homem tão bom, que me dá tudo o que peço, mas naquele dia eu fiquei com ódio dele.

Ideias surgem na minha cabeça constantemente, como agora, olhando gulosamente o reflexo da minha nudez no espelho. Mas não devemos ter medo de pensar, já tememos tanta coisa, se tivermos medo de pensar nem sequer existimos como pessoa. Gostaria que meu marido olhasse para o meu corpo nu, como eu estou olhando, e dissesse, estou com vontade de te morder. Estarei me tornando uma lésbica? Acontece com mulheres casadas. Lembro-me do Carlinhos Varela dizendo num jantar, “você tem braços lindos, estou me contendo para não mordê-los agora mesmo.” Um arrepio passou pelo meu corpo. Respondi, “Carlinhos, você é muito engraçado, mas diz muita besteira.” Usei essa palavra forte, besteira, e acintosamente evitei conversar com ele durante o resto do jantar. Aquela coisa da mulher de César.

Meu marido nunca me deu uma dentada. Confesso que detesto ficar a sós com ele, e quando não consigo evitar que isso aconteça, sou paciente, amável, sem demonstrar o desgosto que sinto. Se ele quer ficar calado, faço o mesmo, se quer ir a um leilão — meu marido coleciona vasos antigos —, eu o acompanho; às vezes até assistimos juntos aos noticiários financeiros da TV a cabo. Felizmente dormimos em quartos separados, o que é comum entre os casais do nosso nível socioeconômico. À noite, na cama, insone, suspiro, rolo de um lado para o outro sem querer saber bem por quê. Na verdade sei a razão, mas não quero falar nisso.

No jantar de hoje tenho a sorte de ser colocada ao lado do Dudu Meirelles. Ele é engraçado, um homem interessante mas metido a conquistador, se você der um dedo ele quer o braço todo. Lá para as tantas ele diz no meu ouvido: “Por você faço qualquer loucura, abandono minha mulher, vendo meus cavalos, meu apartamento em Paris, deixo de jogar pingue-pongue.”

Tomo um gole de vinho, ganhando tempo para achar uma boa resposta.

“Esse pingue-pongue foi uma metáfora inconsciente? As bolas simbolizam as mulheres que, segundo dizem, você joga de um lado para o outro?”

Ele fica indeciso, sem saber o que dizer, surpreso por descobrir que sou inteligente e espirituosa, talvez um pouco ofendido. Os

homens são muito tolos, muito mais vaidosos do que as mulheres. A média das mulheres é mais inteligente do que a média dos homens, e não estou falando de intuição, é preciso acabar com essa bobagem de que somos muito intuitivas, com isso eles querem sugerir que pensamos com os ovários.

Minhas amigas invejam o interesse que os homens demonstram por mim, sejam eles solteiros ou casados, os maridos delas inclusive. O Chico Mattos Soares, considerado o melhor partido da cidade, rico, bonito, quarentão, um solteirão empedernido, disputado por todas, me disse à mesa, com uma ponta de tristeza na voz "Se você não fosse mulher de um amigo meu, eu a pediria em casamento" E olhou nos meus olhos como quem diz, "leia, sinta o meu olhar, estou falando a verdade". Notei, nos seus olhos castanho-claros, que não estava mentindo. Foi um momento mágico, que Chico tentou romper dizendo, "desculpe ter sido tão inconveniente". Mas essa delicadeza me deixou ainda mais comovida.

À noite sonho com Chico. Ele segura minha mão e rimos felizes. Chico tem lábios bonitos, dentes perfeitos, é mais alto do que eu, creio que não existe homem mais elegante e distinto, e não é às custas do Armani, ele se veste de maneira casual, usa camisas polo da Hering, o relógio dele é um Seiko. Dinheiro não compra elegância, compra a sua simulação.

Eu e o meu marido estamos tomando café juntos. Ele lê o jornal e responde a tudo o que eu digo ou pergunto com monossilábicos hum-huns. Num impulso, que me surpreende, arranco o jornal da mão dele.

"Quero me separar de você", digo.

"Não acho a menor graça", ele responde.

Não acredita que eu esteja falando seriamente, falta-lhe senso de humor, não sabe quando alguém está brincando e portanto também não percebe o contrário.

"Temos que ir falar com o seu advogado, ou o quê?"

"Que bobagem é essa?"

"Vou falar bem devagar. Não quero mais viver com você."

Pelo meu tom de voz ele compreende afinal o que está acontecendo. A sua boca fica aberta, como alguém em estado de

choque.

“O que foi que eu fiz?”, pergunta.

“Nada”, respondo.

“Existe outro homem?”

“Não, é uma coisa só minha. Pode achar que é loucura, talvez seja, mas não tem remédio, quero me separar de você.”

Ele telefona para o escritório, avisa que não vai trabalhar, deve ter surpreendido a secretária e os assessores, ele nunca deixa de ir ao escritório. Sei que pretende me dissuadir. Durante o resto do dia tenta demover-me, de maneira extenuante, o coitado. Pede-me para esperar um pouco, deixar passar um tempo, sugere consultarmos um psicólogo, fazermos uma viagem, ele não pode se ausentar, a situação econômica do país exige sua presença à frente dos negócios, mas fará uma viagem comigo para onde eu quiser. Se eu preferir, posso fazer a viagem sozinha. Tudo para ganhar tempo.

“Sem você, a minha vida acaba.”

Mantenho-me firme, apesar de sentir pena do seu ar infeliz e desgraçado. Quero separar-me imediatamente.

Ele sai de casa, da nossa casa, dizendo, “a casa é sua, e tudo o que tem nela, e mais o que você pedir.” O infeliz, o pobre-diabo generoso e bom, me ama. Mas eu não podia mais ficar presa a ele, sentia-me carente, irrealizada, não queria envelhecer ao seu lado. E se ia me separar, que fosse enquanto ainda podia recomeçar a minha vida.

É uma maravilha, a liberdade. Você fazer o que bem entende sem ter que dar satisfações a ninguém, que coisa boa. Estou separada há seis meses e cada dia é melhor do que o outro. Meu marido queria tudo nos seus lugares, cadeiras, livros, telefones sem fio, blocos de papel, copos, CDs, roupas, revistas, cinzeiros, como se existisse um lugar certo para cada objeto. Não gostava que eu fumasse, afirmava que fazia mal a mim e a ele, como fumante passivo. Dizem que as mulheres têm essa mania de arrumação, mas na minha casa o maníaco era ele. Desde pequena sou desorganizada, minha mãe vivia brigando comigo. Reconheço que perco meus óculos constantemente, nunca acho uma caneta quando preciso, ou uma determinada peça de roupa, o que às vezes me leva

ao desespero, e minha irritação acaba sobrando para as empregadas.

Mas esses são ínfimos contratempos, se comparados com os leilões de vasos antigos, o canal Bloomberg, a chatice da presença do meu marido, que me privava da solidão sem me fazer companhia — essa frase é de um escritor francês, não sei onde botei o livro.

Uma mulher desquitada bonita é muito requestada. Mas eu não queria uma aventura passageira e, fazendo uma confissão íntima e até mesmo de mau gosto, posso afirmar que não estava acostumada a uma vida sexual intensa e portanto não tinha muita urgência de arranjar alguém.

Logo me vi cercada de lobos que queriam me devorar. Eu sabia que isso ia acontecer. Rechacei todas as investidas. Mas quando o Dudu Meirelles me procurou, eu, tolamente, flertei um pouco com ele. Logo percebi que Dudu não iria deixar de jogar pingue-pongue, e muito menos abandonar a sua mulherzinha por mim. Felizmente não tivemos nenhuma intimidade, apesar da insistência dele. Os homens só pensam em sexo. Deixei de atender aos telefonemas do Dudu. Ele percebeu que eu não era uma mulher para ser levada para a cama e logo descartada.

Encontro novamente o Carlinhos Varela num jantar. Ele, como já disse, vive arrastando a asa para mim. Sempre ouvi essa expressão “arrastar a asa”, mas só descobri a sua origem quando vi um pombo dando em cima de uma pombinha na praça Antero de Quental. Eu passava pela praça para ir ao cabeleireiro e notei os pombos. Um pombo macho perseguia a fêmea arrastando a asa pelo chão. O pombo acabou conseguindo o que queria, depois de muito tempo. Uma coisa sem graça muito rápida, não sei se valeu a pena ficar tanto tempo na praça olhando os pombos.

Estou usando um vestido que deixa os meus braços inteiramente nus, meus braços são bonitos e gosto de exibí-los. O Carlinhos se aproxima, sei que vai arrastar a asa para mim, dirá que quer morder os meus braços, certo de que agora, divorciada, sou mais acessível.

Estou preparada para dar um passa-fora nele. Carlinhos, depois de me cumprimentar, diz:

“Você não acha que hoje está sendo o dia mais quente do verão?” Respondo que sim, espero o resto, a minha deixa. Mas não tem resto.

Carlinhos logo procura um pretexto para se afastar. E o idiota não mais me procura, me evita o resto da festa. Confesso que senti uma certa frustração, talvez eu não fosse dar nenhum fora nele, não obstante o Carlinhos fosse um cretino. O dia mais quente do verão! Imbecil.

Não tenho ido a muitos jantares. Agora sei que muitos dos convites que recebia eram na verdade dirigidos ao meu marido. Senhor e senhora, o senhor é que importava. Por mais que eu enfeitasse a festa, minha contribuição era secundária. Negócios, o mundo é assim. A princípio isso me incomodou um pouco, mas minha amiga Lulu, uma cínica amargurada, já me havia alertado sobre isso.

Hoje é um dia glorioso. Depois de tanto tempo — dois, três anos? — recebo um telefonema do Chico Mattos Soares. Ele me diz para eu ir até a janela do meu apartamento para ver a lua. Fico tão emocionada que nem consigo falar direito, quanto mais ver a lua. “Vamos dar uma volta ao luar, no calçadão da praia e tomar uma água de coco?”

Andamos no calçadão conversando, meu coração disparado, sou abalada pela presença forte daquele homem viril, confiável, lindo. Sinto uma grande felicidade por tudo, outro homem, menos sensível, teria sugerido o encontro num lugar sofisticado ou no apartamento dele. Sentamos num dos quiosques da praia. Quando ele sorri, tenho vontade de beijá-lo, mas contenho-me, Chico precisa saber que não sou uma mulher fácil. Depois de conversarmos, não foi por muito tempo, gostaria que o nosso encontro tivesse durado mais, ele leva-me para casa, na porta do meu prédio segura a minha mão e se despede dizendo “Eu telefono para você”.

Passo o resto da noite acordada, horas na frente do espelho passando o creme hidratante que uso no corpo antes de deitar, ando pela casa, ligo a televisão, tento ler, mas estou muito inquieta, não paro de pensar nele, lembro o seu olhar carinhoso, cheio de presságios, não consigo me deitar, quero que a noite acabe e o dia

chegue logo para ele ligar para mim. Creio que sempre gostei do Chico, apenas não tinha coragem de sonhar que podia amá-lo. Mas agora não estou mais, como antes, possuída por uma fantasia romântica. Nós seremos um do outro. Sou a mulher mais feliz do mundo.

Chico não me telefona, no fundo deve ser uma pessoa tímida. Quando tomávamos a água de coco no quiosque, ele, nem por um breve momento, agiu de maneira sedutora. Creio que alguma coisa o preocupava, cheguei a pensar que havia se decepcionado com a minha aparência, engordei um pouco nestes três anos, mas felizmente afastei da cabeça esse pensamento tolo, tenho que preservar minha autoestima. Ele agia assim por timidez.

Espero alguns dias e telefono para ele. Não podemos, os dois, ficar inertes, sem coragem de tomar a iniciativa. Convido-o para tomar um drinque na minha casa. Ele chega na hora marcada, de calça jeans, tênis e camisa polo. Adoro sua maneira de se vestir. Pergunto se quer um uísque. Responde que sim. Enquanto bebemos, as primeiras palavras que trocamos deixam-me confusa.

“O Rui não levou os vasos?”

“Ele saiu com a roupa do corpo.”

“Uma coleção que ele demorou tanto a fazer... O Rui é um bom sujeito.”

“É sim.”

“Gosto dele. É um cara honesto.”

“Não quero ficar falando do Rui. Vamos falar de nós.”

“Devolve os vasos para ele.”

Minha roupa é provocante, meus seios podem ser notados através do tecido, estou sentada na frente de Chico, de pernas cruzadas, mostrando um pouco das minhas coxas, e ele fala dos vasos raros do meu marido.

“Está bem, vou devolver os vasos, vamos mudar de assunto, por favor.”

Ficamos calados algum tempo.

“Você nunca teve vontade de me beijar?”, pergunto.

“Quem não teria?”

“Então por que não me beija?”

Sei que estou sendo ousada, não ajo como uma mulher recatada, mas preciso quebrar o gelo.

“Esperava um incentivo seu.”

Sou ousada, beijo-o na boca. Trocamos beijos apaixonados e pouco depois estamos na cama. Uma maravilha, pela primeira vez sinto um prazer embriagador, uma grande felicidade, seguidos de uma deliciosa sensação de repouso. O dia mais feliz de toda a minha vida. Não fui com outro homem para a cama desde que me separei do meu marido.

Permaneço abraçada, a ele, na cama, sonolenta. Quando olho para Chico, ele parece pensativo. Meu marido virava para o outro lado e dormia. Chico está de olhos arregalados.

“Você está pensando em quê? Eu também gosto de pensar, mas neste momento não penso em nada, só sinto uma preguiça gostosa.”

“É que ouvi o meu celular, enquanto nós... Estou esperando um telefonema urgente, um negócio complicado que tenho que resolver ainda hoje.”

“À noite?”

“Negócios importantes não têm hora para ser resolvidos.”

“Não ouvi a campainha.”

“Toca muito baixo.”

“Então vai lá ver.”

Ele se levanta. Nu, de costas, não é tão bonito quanto de frente. Retira o celular do bolso da calça, que jogara displicentemente no chão. Olha o mostrador.

“Eu sabia, que azar.” Chico aperta algumas teclas do celular. “Qual é o problema? Já estou indo para aí, convoca o pessoal, você sabe quem.”

Desliga o aparelho. Abre os braços, desconsolado.

“Tenho que ir. Infelizmente.”

Veste-se apressado.

“Eu telefono”, diz ao sair, depois de me dar um rápido beijo.

“Vou devolver os vasos”, digo.

“O Rui vai apreciar esse gesto.”

Essas foram as últimas palavras que ouvi dele. Chico não me procurou mais, sumiu. O telefonema do celular foi uma farsa, Chico inventou aquele pretexto, queria se livrar logo de mim, devia ter me achado um lixo, na cama. Como foi que eu não entendi todos os sinais, no calçadão e, depois, na minha casa? Seu ar reservado não era de timidez, ele não sentiu atração por mim quando do nosso reencontro. E eu o forcei a ir para a cama comigo. Como fui estúpida.

Ainda estou deprimida com o que aconteceu. Tive vontade de quebrar os vasos raros, mas meu ex-marido não tinha culpa de nada. Enviei os vasos para ele, que nem sequer me telefonou para agradecer. Meu ex-marido se casou novamente. Lembrei-me dele dizendo, com lágrimas nos olhos, que sem mim a sua vida ia acabar.

Estou no cabeleireiro com minha amiga Lulu, a cínica desbocada.

“Peruas balzacas, como nós, os homens só querem para uma trepada. São todos frouxos, precisam de moçoilas para dar uma segunda.”

“Eu não sou uma perua balzaca.”

“Seja como eu, realista, não adianta a gente ficar se iludindo. Olha o teu rosto no espelho. Que merda estamos fazendo aqui?”

“Vim fazer uma escova, Lulu.”

“Você veio pintar o cabelo. Você já esticou o braço para o lado e sacudiu? Faz isso, anda, aproveita que está com um vestido sem mangas.”

“Você andou bebendo?”

“Se alguém quiser casar com você ou comigo vai ser pelo dinheiro que os nossos ex-maridos nos deram, pela nossa casa, o carro com motorista, os empregados, a comida de graça, o conforto. E esse sujeito depois de algum tempo não vai mais foder você, vai foder moçoilas debiloides, putinhas de carne tenra.”

“Lulu, você é a pessoa mais vulgar e cínica que eu conheço.”

“Fiquei assim, os homens me fizeram assim.”

“Comigo isso jamais acontecerá, você vai ver. Não vou virar uma bruxa amargurada como você.”

À noite, em casa, fico nua na frente do espelho, estico um braço para o lado e balanço, e depois o outro. Como é que eu nunca havia visto essa pelanca frouxa, que cai do meu braço como uma carne morta? E as rugas do rosto? E os tornozelos grossos? E a flacidez que cobre meu corpo, como uma tripa nojenta? Eu não era assim.

Meu Deus, é melhor morrer logo.

VIRTUDES TEOLOGAIS

No domingo pela manhã, antes de ir para a missa, como sempre fazia, Maria de Lourdes colocou na bolsa as cinco notas de um real que separara e prendera com um clipe durante a semana.

Quando a missa acabou, Maria de Lourdes repartiu o seu dinheiro, um real para cada um dos escolhidos, entre os mendigos que se aglomeravam na porta da igreja: o mutilado que se locomovia num carrinho de rolimã usando as mãos calejadas como se fossem remos, a preta gorda que carregava todos os seus pertences num saco grande, o aleijado de perna retorcida como um parafuso horrendo de carne e osso, a mulher jovem, cercada de filhos, um deles um bebê de colo que ainda mamava, e finalmente o velho magro cego, que provavelmente passava muita fome ou sofria de uma grave doença.

Sua vizinha Eduiges, também viúva sem filhos, que em geral ia à missa mais cedo, assistiu à distribuição das esmolas realizada por Maria de Lourdes mas não seguiu o seu exemplo.

“Reparou que o número de mendigos está aumentando?”, disse Eduiges, ao caminharem juntas para casa.

“Acho que está na mesma.”

“Está aumentando. É por isso que eu não frequento a missa das onze e meia, é a preferida pelos mendigos. A das sete tem muito menos.”

“Eles vêm de longe, Eduiges.”

“Não, acho que os mendigos também gostam de acordar tarde.”

“Você tem alguma coisa contra os mendigos?”

“Por que você pergunta isso? Só porque eu disse que eles gostam de acordar tarde?”

“Mendigo tem que acordar cedo?”

“Eu, se fosse mendiga, acordava cedo.”

“Mas você não é mendiga, não tem a menor ideia do que é ser mendiga. Tem até automóvel.”

“Aquele fusca velho?”

“É um automóvel, não é? Não gostei do jeito como você falou que os mendigos também gostam de acordar tarde.”

“Não gostou por quê?”

“Você sabe que acordo tarde, eu contei para você. Mas acordo tarde porque tenho insônia. Desde que o meu marido morreu, eu sofro de insônia. Eu contei para você.”

“Não me lembro disso, sinceramente.”

“E também não gostei da maneira como você balançava a cabeça quando eu dava as esmolas. Você é contra dar esmolas?”

“Sou.”

Maria de Lourdes apressou o passo.

“Estou atrasada, desculpe se não acompanho você sei que o seu reumatismo não deixa você andar direito, mas estou com pressa.”

“Não é reumatismo”, disse Eduiges, mas Maria de Lourdes continuou andando na frente sem virar o rosto.

Maria de Lourdes chegou cansada ao prédio em que as duas moravam. Havia muito tempo não se sentia tão esgotada, mas praticamente correria pela rua para não ter que subir com Eduiges no elevador. Mulher desalmada e egoísta, a Eduiges, não dava esmolas mas no supermercado enchia o carrinho de filé mignon, biscoitinhos importados e latas de cerveja. Era por causa de pessoas como Eduiges que o mundo andava daquela maneira.

Maria de Lourdes almoçou a comida que sobrara do jantar da véspera, um pedaço de frango grelhado, uma concha de feijão, que cozinhara em uma panela de pressão em quantidade que durava a semana toda, arroz e uma salada de alface e cebola. Uma comida sem sal, pois sofria de pressão alta. Maria de Lourdes comia pouco. Como para viver, não vivo para comer, ela gostava de dizer, repetindo o que o falecido marido dizia. O marido morreria de câncer, mas ela não gostava de pensar nisso. Todo ano, no dia de Finados ia ao cemitério e colocava umas flores na sepultura dele.

Já se preparava para deitar quando ouviu a campainha da porta tocar. Olhou pelo olho mágico viu que era Eduiges. Não vou deixar essa mulher entrar, não quero falar com ela, pensou Maria de Lourdes.

“Por favor, abra a porta, quero fazer as pazes”, disse Eduiges. Maria de Lourdes abriu a porta.

“Vim pedir desculpas”, disse Eduiges. “Posso entrar?”

“Entra.”

As duas ficaram frente a frente, constrangidas.

“Não vamos brigar, somos amigas há muito tempo. Você ia sair?”

“Você sabe que eu ia dormir. Sempre tiro uma soneca depois do almoço. Você sabe muito bem.”

“Estou pedindo desculpas. Me dá um abraço. Não podemos virar duas implicantes, como a Cidinha.”

A Cidinha era uma solteirona que morava no sexto andar, mais nova do que elas e detestada por ambas.

“Está desculpada” disse Maria de Lourdes, mas não deu o abraço pedido por Eduiges. “Eu também peço desculpas, sei que você não tem reumatismo e sim uma artrose no joelho.”

Reumatismo era um nome feio, coisa de gente velha. Artrite também não era uma boa palavra, surge na deformação, outro sinal de velhice. Já artrose, porém, entre elas, não tinha essa conotação, jogadores de futebol tinham artrose, segundo Eduiges. As duas detestavam ser chamadas de velhas, afinal tinham apenas setenta anos, o cinema estava cheio de atores e atrizes com setenta anos.

“Essa artrose está acabando comigo, dirigir está cada vez mais difícil, acho que vou vender meu carro”, disse Eduiges. Ela estava exagerando um pouco e não pretendia vender o carro, mas achou que contando aquilo Maria de Lourdes amansava um pouco mais. O que na verdade aconteceu. Maria de Lourdes ficou amável e serviu um cafezinho da garrafa térmica enquanto as duas conversavam sentadas nas poltronas da sala. Eduiges tomou o café, que estava morno e quase intragável, sem fazer careta. Não falaram de esmolas nem de mendigos, conversaram sobre a novela das oito. As novelas estavam ficando cada vez piores, só falavam em sexo, até incesto havia. A opinião das duas era idêntica, a conversa foi longa e animada, ainda que Maria de Lourdes tivesse sido privada da sua soneca da tarde.

No domingo seguinte, depois de dar as suas esmolas, Maria de Lourdes foi para casa notando que o número de pedintes havia mesmo aumentado, não apenas em torno da igreja. Eles agora se espalhavam ao longo da rua, sentados ou deitados na porta das lojas comerciais, fechadas naquele dia dedicado ao descanso e à oração. Enquanto caminhava pela rua, passou em frente a muitos mendigos que lhe pediam uma caridade, alguns imploravam, estendendo-lhe as mãos, outros apenas pediam com uma voz sumida sem fazer nenhum gesto, como se soubessem que sua súplica não seria atendida. Seu coração doía de tristeza por não poder ajudar mais aqueles infelizes. Quando chegou em casa, apesar de estar em jejum, pois havia comungado naquele domingo, Maria de Lourdes não conseguiu almoçar.

Seu marido, modesto funcionário público, lhe deixara uma pequena pensão, além do apartamento de quarto e sala onde morava. Mas durante a semana, em vez de cinco, Maria de Lourdes separou dez notas de um real para levar para a igreja no domingo seguinte.

No meio da semana, Maria de Lourdes e Eduiges se encontraram no elevador.

“Mandei uma carta para o jornal pedindo providências às autoridades” disse Eduiges. “O número de mendigos na rua aumenta todo dia, cada quarteirão tem um monte deles, você não dá um passo sem aparecer alguém pedindo uma esmola. As autoridades ficam de braços cruzados, a gente paga imposto, o IPTU aumenta todo ano, não sei para onde vai esse dinheiro, o governo não faz nada. E quem tem que fazer é o governo. Não adianta a gente ficar dando esmolas.”

“Vou continuar dando” disse Maria de Lourdes. “Eu faço a minha parte.”

“Mas isso não adianta nada. E tem mendigo que explora a boa-fé dos outros. Sabe aquela mulher cheia de filhos, uma que tem sempre um bebê no colo e que só coloca o bebê no peito fingindo que dá de mamar na hora em que as pessoas saem da missa com o coração mole, sabe qual é? Me garantiram que as crianças são todas alugadas.”

“Não quero conversar sobre isso, Eduiges. A gente vai acabar brigando novamente.”

Na missa de domingo, as dez notas de Maria de Lourdes esgotaram-se rapidamente. Na volta para casa ela se sentiu impotente ante o rogo de tantos infelizes. Felizmente Eduiges não apareceu naquele dia.

Mas vizinhos sempre acabam se encontrando.

“Olha, não quero chatear você, mas eu estava conversando com a Cidinha e ela também acha que dar esmolas só faz aumentar o número de mendigos aqui no bairro.”

“Mas você detesta a Cidinha. Agora está de trancinha com ela? Falando mal de mim?”

“Nós não estávamos falando de você. Falávamos dos mendigos que invadem o bairro no domingo. Você não é nenhuma boba, devia olhar com mais atenção para os mendigos, muitos deles, homens e mulheres, são fortes, mas não querem trabalhar, é mais fácil ganhar a vida pedindo esmolas. E aqueles garotos que vivem em volta deles são assaltantes, um dia vão levar sua bolsa.”

“O que carrego na bolsa quando vou à missa é para eles mesmos, são uns miseráveis.”

“Claro que existem pessoas que são pobres e não podem trabalhar ou não conseguem arranjar emprego, mas há outras maneiras de ajudar essa gente. Dar esmola é mais fácil e a gente fica com a consciência em paz, mas isso não adianta nada.”

“Você odiava a Cidinha.”

“Eu nunca disse que odiava a Cidinha.”

“E agora bastou essa idiota dizer que dar esmola não é uma coisa boa para você jogar isso na minha cara, sabendo que eu dou esmolas.”

“Sempre fui contra esse tipo de caridade. E a Cidinha não é nenhuma idiota, é professora aposentada. Ela pode ser um pouco presunçosa, mas sabe o que diz.”

“Pois eu nunca ouvi burrice tão grande na minha vida. Você e sua nova amiguinha, aquela nojenta, querem dizer que eu sou culpada pelo aumento de mendigos na rua? Você vai fazer o quê, na igreja? Devia pedir perdão pelos seus maus pensamentos. Porque

“você só tem maus pensamentos na cabeça e no coração, você despreza os pobres. Você é uma pessoa má. Por favor, não fala mais comigo, não me dirija mais a palavra.”

As duas mulheres, depois disso, evitavam se encontrar e não se cumprimentavam quando isso ocorria.

Maria de Lourdes gostaria de levar para a igreja, em vez de dez notas, umas vinte ou trinta, mas realmente não tinha dinheiro para isso, o condomínio aumentava todo mês, o IPTU, a taxa de incêndio, o telefone, a luz elétrica, tudo aumentava.

No domingo, levou as dez notas de um real para a igreja. Teria que economizar na segunda-feira, quando fosse ao supermercado, aquele tinha sido um mês difícil, mas não ia deixar de dar as suas esmolas.

Depois da missa, Maria de Lourdes distribuiu na rua as notas entre os mendigos. Sim, eles eram cada vez em maior número e ela se sentiu desanimada ao novamente constatar aquela situação. Depois, num impulso súbito, resolveu ficar de longe observando dissimuladamente a mulher cheia de filhos, aquela que carregava o bebê no colo. Maria de Lourdes percebeu então que as crianças não podiam ser todas dela, nem sequer eram parecidas umas com as outras. Antes, por pudor, como as outras pessoas que frequentavam a igreja, evitava observar a mendiga dando de mamar, mas agora percebia que tudo era fingimento. A sua irmã, que era mãe solteira, morara com ela durante algum tempo, naquela época o seu marido ainda estava vivo, e Maria de Lourdes, que não tivera filhos apesar de desejar tanto, sempre observava, fascinada, a irmã dando de mamar. Nunca esquecera aqueles momentos, o ar de felicidade na cara da irmã, a maneira de ela segurar o bebê, o rosto sôfrego da criança sugando o peito, lembrava de tudo como se tivesse sido ontem. E aquela mulher não estava amamentando o bebê, a criança nem era um bebê em idade de mamar, devia estar com a barriga cheia, apenas encostava o rosto no peito que lhe era oferecido.

E outra coisa a incomodou: sempre que punham uma esmola na cesta que mantinha à sua frente, a mendiga sorria, agradecendo, um sorriso largo que mostrava todos os dentes, e naquele dia Maria de Lourdes notou que os dentes dela eram limpos, como os de

alguém que os escovava sempre depois das refeições. Se havia uma coisa que Maria de Lourdes observava nos outros era os dentes, sempre tivera uma grande preocupação com os seus dentes, mas eles nunca haviam ficado brancos e brilhantes como os daquela mendiga, nem mesmo quando os escovava furiosamente com bicarbonato de sódio. E aquela mendiga exibia uma dentadura deslumbrante de artista de cinema.

Foi para casa andando lentamente, infeliz. Naquele dia horrível, percebeu o cego olhando de esguelha para dentro da lata que sacudia pedindo as esmolas. E a preta gorda era forte e saudável, podia trabalhar de faxineira, emprego de faxineira não faltava. Talvez a Eduiges tivesse razão, eram todos uns farsantes. A raiva que sentiu pelos mendigos que a enganavam e por ela mesma sufocou de tristeza o seu coração. Tenho que pedir perdão a Deus por esses maus pensamentos, murmurou, infeliz.

Na porta do prédio onde morava, deparou com Eduiges, que sorriu, como se quisesse fazer as pazes.

“Sai da minha frente, sua desgraçada. Eu te odeio, ouviu, eu te odeio” disse Maria de Lourdes, empurrando Eduiges.

Foi para a escada, apressada, não queria que Eduiges entrasse com ela no elevador, a proximidade da outra lhe faria mal. Subiu os degraus correndo, pedindo perdão a Deus, mas antes de chegar ao andar do seu apartamento desmaiou e rolou pelas escadas abaixo.

ESCURIDÃO E LUCIDEZ

Roberta Cunha, ao ser convidada para o réveillon na casa de sua amiga Luciana Picoli, respondeu que festa de fim de ano era pior que baile de debutante. Mas Luciana garantiu que não seria permitido a ninguém ir de branco, não haveria queima de fogos, não seria servido Prosecco e antes da chegada da meia-noite não entoariam o coro "cinco! quatro! três! dois! um!" seguido de gritadas e abraços etílicos.

"Não vou fazer a festa no apartamento da Vieira Souto, corremos o risco de alguém sugerir um conagraçamento com a rafameia supersticiosa na areia da praia infestada por macumbeiros, que chegam aos magotes da Baixada, em ônibus especiais. Vamos nos reunir na minha casa de Araras. Se te der uma daquelas crises, pode ir embora que eu não fico triste. Você precisa sair mais, uma mulher linda como você, sempre enfiada dentro de casa."

"Em Araras?"

"Você já foi lá, bem no alto, no meio da floresta. Quer um mapinha para te orientar?"

"Sei onde é, mas me dá o mapa, é um caminho complicado, não quero me perder."

Ficar sozinha em casa no último dia do ano, por algum motivo, sempre deixava Roberta Cunha infeliz. A solidão de sua vida a incomodava, mas todos os homens lhe causavam uma espécie de aversão e suas amigas eram umas idiotas fúteis. Nada esperava da festa da Luciana, a não ser passar algumas horas que a distraíssem um pouco. E se isso não fosse possível, o que provavelmente ocorreria, ela sairia à francesa, na hora em que o tédio a dominasse.

Apesar de ter o mapa para se orientar, Roberta Cunha se perdeu várias vezes pelo caminho. Afinal conseguiu chegar, arrependida de ter ido.

"Eu talvez saia mais cedo, coloque o meu carro numa posição favorável", disse ao manobrista.

Luciana Picoli recebeu-a com um abraço apertado. Roberta gostava de Luciana, não obstante ela fosse tão frívola quanto as suas outras amigas.

“Creio que você conhece muitas das pessoas que estão aqui. Qualquer coisa que precisar, me fala.”

Havia vários homens solteiros e atraentes na festa, mas Luciana não se atreveu a apresentá-los a Roberta. Certa ocasião, ao tentar fazer algo parecido, Roberta, irritada, a chamara de alcoviteira.

Garçons serviam bebidas e iguarias. Mais tarde seria servido um bufê quente. Roberta, com uma taça de vinho tinto na mão, ficou observando os convivas. As mulheres eram magras, elegantes, as mais jovens exibindo os abdômes nus esculpados nas academias de ginástica, alguns enfeitados com piercings de ouro ou platina, incrustados com pequenas pedras preciosas. A forma física dos homens não era tão boa, ganhar dinheiro e ser rico bastava para satisfazer-lhes a vaidade. Roberta observou como as pessoas se sentavam, conversavam, bebiam e falavam umas com as outras, exalando consumismo e sucesso. Não se aproximou para ouvir o que diziam, certamente novidades veiculadas pelos jornais e pela televisão a cabo. Aquele tipo de gente lhe causava uma forte antipatia. Estava na hora de ir embora.

Começou a sua retirada estratégica indo até uma das varandas da casa, fingindo que observava a floresta escura. Era assim que ela fugia das festas, evitando ser notada durante algum tempo, antes de sair dissimuladamente.

“Você gosta da escuridão?”

Um homem surgiu ao seu lado fumando um charuto.

“O quê?”

“O fumo do charuto a incomoda?”

“Não, meu pai fumava charuto.”

“Tem gente que não gosta da fragrância do charuto. Por isso vim fumar aqui nesta varanda isolada. Como não há nada para ver desta varanda escura, ninguém vem aqui. Você contemplava a escuridão. Era isso que você estava procurando? Notei, lá dentro, que você procurava alguma coisa.”

“Procurava uma maneira de ir embora sem ser notada.”

“Você procurava outra coisa.”

“Mas não era nenhuma escuridão.”

“A escuridão é uma forma de encontrar a lucidez. Mas é difícil encontrá-la.”

“A lucidez?”

“A escuridão. Já fui para o meio da floresta fugindo da luz da cidade, mas não consegui encontrar a verdadeira treva. Descia do céu, por entre a copa das árvores, mesmo nas noites nubladas ou chuvosas, uma palescência, um *chiaroscuro* de percepções distorcidas, um banquete de visões fantasmagóricas para imaginações primitivas. Ver para crer, crer para ver, sempre a mesma ilusão. Esqueci de falar dos mosquitos e dos pirilampos da floresta, que punham minha pele e minhas retinas. Deixei a floresta para os insetos e voltei para minha casa.”

“Você fugiu de algum hospício?”

“Ainda não fui internado. Internar um advogado num hospício não é uma tarefa fácil.”

“Você é advogado?”

“Sou. E você, já foi internada?”

“Eu não gosto de escuridão. Quando era pequena, o meu pai me trancava no porão da nossa casa quando eu fazia alguma coisa errada. O porão era escuro como breu, eu morria de medo.”

“Mas continua gostando do cheiro de charuto.”

“Meu pai era um bom homem. Eu não tinha mãe e era muito endiabrada.”

“Quantos anos você tinha?”

“Seis, sete, oito anos.”

“Um bom homem... Trancada no porão: sua internação é questão de tempo. A não ser que você vença esse medo.”

“Um advogado entende dessas coisas, também?”

“Eu entendo dessas coisas. Você faz o quê?”

“Desenho industrial.”

Na varanda escura, Roberta não conseguia ver muito bem o seu interlocutor. Não queria encará-lo, para observar como ele era exatamente, mas gostava do som da sua voz e também dos seus pensamentos insólitos, ainda que provavelmente tudo não passasse

de um estratagema, dizia coisas incomuns para mostrar que era um homem diferente. Algumas mulheres eram seduzidas por esse artifício. Mas não ela.

“Já fez o desenho de uma cadeira?”

“Torradeira de pão, calendário eletrônico, relógio de parede, coisas mais fáceis. Nunca me pediram uma cadeira.”

“Por que você não está com o umbigo de fora?”

“Digamos que o meu umbigo é feio.”

“Não existe umbigo feio. Todos possuem um transcendente significado pré-autonômico. Uma parte significativa do corpo, além de ser atraente, fascinante, misterioso, na mulher. Umbigo é vida.”

“E os umbigos dos homens?”

“Não são atraentes.”

“Pré-autonômico?”

“O corte do cordão é o início da autonomia do ser. Vamos dar o fora daqui?”

“Você vai na frente. Vou encontrar dificuldade para achar o caminho de volta.”

O homem esperava por Roberta no estacionamento. Ela seguiu o carro dele pela estrada escura de Araras. Quando o homem parou ao chegar à rodovia, os carros ficaram emparelhados.

“Vamos para o Rio?”

“Eu não vou seguir você sem saber o seu nome.”

“Inácio Vieira.”

“Roberta Cunha.”

Ele fez um gesto, como se a cumprimentasse. Roberta imitou-o.

“Acho melhor eu ir agora na frente. Sei o caminho e você corre muito” disse Roberta.

Quando chegaram à cidade, Roberta parou o carro na porta de um edifício de apartamentos. Inácio saltou do seu carro. Ela continuou sentada ao volante.

“Eu moro aqui.”

Ele abriu a porta do carro para Roberta sair.

Então Roberta pôde olhar bem para o homem.

“Você quer subir?”

“Só se você me oferecer um cafezinho.”

“Combinado.”

Subiram para o apartamento.

Inácio ficou na sala enquanto Roberta ia fazer o cafezinho. Quando voltou, ele estava olhando a prancheta de desenhos dela.

“Eu trabalho em casa. Frila. Você é casado?”

“Não.”

“Tem namorada?”

“Não. E você?”

“Nem marido nem namorado.”

“Eu devia perguntar como é que uma moça bonita dessas não tem namorado, mas não vou fazer isso.”

“É uma pena que eu não possa dizer a mesma coisa. Você não é um homem bonito.”

“Minha mãe me achava bonito.”

“É mesmo?”

“Não. Ela achava o meu irmão bonito. Mas ele já morreu, livrei-me desse peso.”

“Sua internação também é questão de tempo. Ah, esqueci que é difícil internar um advogado.”

“Até matar um advogado é difícil.”

“Você quer ver o meu umbigo?” .

“Quero.”

Roberta levantou a blusa, revelando a barriga. Inácio, com a língua, acariciou o umbigo de Roberta.

“Tenho que limpar o meu umbigo com um cotonete, ele é muito fundo, enfia o dedo nele, para ver. Não é engraçado?”

“Você já fez amor com um homem feio?”

“Não, hoje vai ser a primeira vez.”

Foi assim que tudo começou. Roberta nunca fora para a cama com um homem no primeiro encontro, algo vulgar, deselegante. Mas o último dia do ano predispõe as pessoas a cometerem atos intempestivos.

No dia seguinte, Roberta ligou para Luciana, em Araras.

“Conheci um homem muito... estranho, na sua casa, ontem.”

“Então foi por isso que você sumiu de repente? Pensei que estava achando a festa chata. Chegou a provar o bufê? Estava uma

maravilha. E o vinho era o Bordeaux que você tanto aprecia.”

“Os bufês da sua casa são sempre uma maravilha. Tomei apenas um cálice do vinho, que estava excelente. Porém nós decidimos ir embora, não que o ambiente estivesse desagradável. Queríamos conversar tranquilamente.”

“E quem é essa figura tão fascinante que fez você abandonar a minha festa?”

“O nome dele é Inácio Vieira.”

“Inácio Vieira? Como é que ele é?”

“É um advogado, inteligente, não é bonito nem feio, parece um cão.”

“Um cão? Nossa Senhora!”

“Um daqueles cães grandes de olhar doce. Ele é encantador.”

“Não conheço nenhum Inácio Vieira, ainda mais com cara de cão.”

“Não é cara de cão, lembra um cão.”

“Provavelmente ele veio com algum dos convidados. Onde é que ele mora?”

“Não sei.”

“Vocês, quando saíram daqui, foram para onde?”

“Ele me levou até a minha casa.”

Roberta não ia contar o que realmente acontecera para Luciana. Não tinha coragem.

“Só isso?”

“Só. Conversamos um pouco na porta do edifício e ele foi embora.”

“Esse cara de cão deve ser muito interessante, para tê-la impressionado tanto, em tão pouco tempo. Faço questão de que você me apresente o personagem.”

Quando desligou o telefone, Roberta sentiu vontade de ligar para Inácio e procurou o nome dele na lista telefônica. Não achou. Ele era mesmo o tipo de homem que não deixava o nome constar da lista. Não lhe dera o número do telefone, dizendo que ligaria para ela. “Tem um papel, para anotar o meu número?”, ela perguntara, e ele respondera, batendo com o dedo na cabeça: “Pode dizer, eu guardo aqui.”

Roberta esperou, ansiosa, durante três dias, um telefonema de Inácio. A secretária eletrônica permaneceu muda. O maluco deve ter esquecido o meu número, pensou.

No quarto dia, Inácio ligou.

“Quero que você conheça a minha casa. Posso passar aí para te pegar? São oito horas, passo às nove horas. É muito tarde para você?”

“Não, não e não.”

Roberta morava no Leblon. A viagem até a casa de Inácio foi demorada. Roberta nunca fora para aquele lado da cidade, as ruas eram todas desconhecidas. A casa ficava num lugar isolado, no meio de um grande e denso arvoredo, uma casa grande, antiga, com dois andares e um sótão com uma pequena janela.

“Que lugar é este?”

“Pode chamar de Alto da Boa Vista.”

As luzes da casa estavam todas acesas. A porta principal, de madeira maciça, com altos relevos, abria para um salão enorme, decorado com móveis e quadros antigos, além de uma grande estante cheia de livros. Roberta leu a lombada de alguns. Nenhum era de Direito ou assunto semelhante.

“Gosta da minha casa? Está com a minha família desde o tempo do meu bisavô.”

Inácio levou-a até uma das janelas. Apontou com a mão: “Um dia vamos subir juntos por essa floresta até o pico do Papagaio.”

“Então é essa a floresta onde você se mete em busca da escuridão?”

“Uma delas. Mas as trevas não existem mais na natureza.”

Inácio levou Roberta para visitar os inúmeros cômodos da casa.

“Uma casa grande dessas deve exigir uma porção de empregados.”

“Dois faxineiros, duas arrumadeiras, dois jardineiros e uma cozinheira. Todos trabalham durante o dia. Não gosto de empregados dormindo na casa.”

“E o jantar?”

“Janto fora. Mas tenho alimentos para satisfazer uma fome inesperada. Queijos, frutas, biscoitos, latas... E o vinho de que você

gosta. Vou apanhar na adega.”

Voltou com dois copos e uma garrafa.

“Como é que você sabe que eu gosto desse vinho?”

“Naquela festa você bebia vinho tinto. E o melhor vinho tinto é o Bordeaux.”

“A Luciana disse que não conhece você. Como foi parar naquela festa?”

“Penetrei. Soube que havia aquela festa no meio do mato. Você viu o meu carro?”

“O que tem o seu carro?”

“É um carro novo. Você chega com um carro novo em qualquer festa de fim de ano na serra e os seguranças do estacionamento acham que é um dos convidados. Difícil é penetrar numa festa de forró.”

“Já foi numa festa de forró?”

“Não consegui penetrar.”

“Com carro novo e tudo?”

“Festa de forró não tem estacionamento. Agora vou apagar as luzes da casa.”

“Apagar as luzes?”

“É uma experiência.”

Inácio apagou todas as luzes.

Roberta ficou um pouco assustada, no escuro. Lembrou-se do porão onde era trancada quando criança.

“Como você pode perceber, depois de algum tempo, também não existe escuridão em minha casa, mesmo com as luzes todas apagadas. As cortinas da janela não impedem que entre alguma claridade da rua distante, de uma casa isolada no meio do mato, ou aquela que desce do céu noturno. A escuridão no mundo acabou. Você pode ver o meu vulto, não vê? Agora, fecha os olhos, por favor.”

Roberta, nervosa, fechou os olhos.

“Ficou mais escuro, com os olhos fechados? Não, não ficou mais escuro. Os olhos fechados criam uma pseudo-escuridão cheia de manchas de um marrom latejante, a visão do interior das suas

pálpebras. A escuridão perfeita só pode ser vista plenamente com os olhos abertos. Mas tenho um lugar onde isso pode ocorrer.”

Inácio acendeu as luzes da casa.

Voltaram a beber. O vinho e as luzes acesas dissiparam a aflição de Roberta.

Foram para a cama com as luzes acesas. O prazer que Roberta sentira da primeira vez foi ainda maior. Inácio sabia que partes do seu corpo eram mais sensíveis e não tinha pressa, e as sensações se sucediam até que ela novamente se entregava a um langoroso orgasmo.

“Gostaria de não ter que ir embora. Posso dormir aqui?”

“Infelizmente, não. Vou te levar para casa.”

“Posso voltar amanhã?”

“Pode. À noite.”

“Mas eu não sei vir aqui.”

“Eu pego você. Mesma hora?”

No dia seguinte Roberta ficou olhando para a prancheta sem conseguir trabalhar, pensando no encontro com Inácio.

Durante um mês eles se viram todas as noites. Inácio sempre ia buscá-la em casa. Ela mal conseguia fazer o seu trabalho.

Uma noite, quando entrou no carro de Inácio, ela perguntou:

“Você acredita no amor? Diga que acredita, porque eu te amo.”

“Assim de repente?”

“Já existe o amor-assim-de-repente. Você me ama? Nunca amei nenhum homem, antes.”

“Antes de responder, quero que você prove que me ama realmente.”

“Faço o que for preciso.”

Chegaram à casa de Inácio, comeram queijos, tomaram vinho e fizeram amor, Roberta de maneira mais ardente ainda que das outras vezes.

“Essa prova é suficiente?”

“A prova é outra. Lembra que eu falei que há um lugar onde existe a escuridão perfeita?”

“Lembro.”

“Eu quero que você frua o inefável prazer da escuridão plena.”

“Está bem. Fecho os olhos, ou o quê?”

“Quero que você venha comigo ao porão da minha casa.”

“Porão? Eu tenho medo de qualquer porão. Sei que é um sentimento infantil...”

“O seu amor não é maior do que isso?”

“Posso entrar em pânico, ou outra reação pior.”

“Não quero pressionar você. Mas a prova é essa.”

“Mas você me ama?”

“Respondo depois da prova.”

“Você é maluco.”

“Você já me disse isso. O porão é limpo, não tem bichos nem odores desagradáveis, um ar-condicionado central refresca o ambiente. Só apago as luzes quando você disser que pode.”

“Está bem”, disse Roberta, hesitante.

Desceram por uma comprida escada de pedra e chegaram a uma porta de metal.

“Mandei fazer esta porta. Fecha hermeticamente. O porão é também à prova de som.”

Inácio tirou uma chave do bolso e abriu a porta, que era grossa como a de um cofre forte de banco.

“Para que essa chave?”

“Não gosto que os empregados entrem aqui sem minha licença.”

As paredes do porão eram lisas, cobertas por um material escuro que parecia absorver a luz que vinha do corredor. Num canto, uma cama, com um lençol que parecia de linho. No meio do recinto, o ar-condicionado.

“Vamos ficar no escuro fazendo amor naquela cama?”

“Hoje não. Hoje você vai ficar sozinha aqui, durante algum tempo.”

“No escuro? Você vai me trancar no escuro, sozinha?”

“No escuro, sozinha.”

“Não aguento. Tenho medo. Não me obriga a fazer isso.”

“Não estou obrigando. Estou colocando à prova seu amor por mim, ao mesmo tempo que lhe darei a oportunidade de fruir da maior de todas as experiências negada ao ser humano — a

escuridão absoluta. Se você sentir então o que eu sinto, saberei se a amo.”

“Você é mesmo doido, sabia? Quero ir embora.”

“Então vai. As chaves do meu carro estão na ignição. Vou ficar um pouco aqui.”

Roberta saiu, correndo. Ouviu a porta sendo trancada, o barulho da lingueta da fechadura. Subiu as escadas de pedra, sempre correndo, até que chegou ao pátio onde estava o carro de Inácio. Entrou, sentou-se em frente ao volante, notando com um suspiro de alívio as chaves na ignição. Esperou, algum tempo, que o seu coração sossegasse.

Meia hora depois, saiu do carro e entrou novamente na casa. Desceu as escadas de pedra e foi até à porta do porão.

Bateu na porta, gritando. “Inácio, me deixa entrar.”

Durante algum tempo gritou, bateu na porta com força, ferindo as mãos. Ele não pode ouvir, pensou, lembrando-se de que o porão era à prova de som.

Sentou-se no chão, com as costas apoiadas na porta. Inácio ia ter que sair dali, ela ia esperar. Estava tão cansada que dormiu e sonhou com o seu pai, mas não foi um pesadelo.

SUCCESSO

Ele sai da cama dizendo, filhos da puta. Filhos da puta são as pessoas, é o dia que está raiando, o café que não vai tomar, o jornal que não vai ler, o trabalho, o sucesso, a cidade, o mundo inteiro.

Ele sabe que não está sofrendo de nenhuma depressão. Um deprimido não sente ódio, ele está sentindo ódio, de pessoas e coisas. Mais das pessoas do que das coisas.

O carro é uma coisa desprezível, mas qualquer pessoa é ainda mais repulsiva do que essa máquina estúpida. Está falando com ele mesmo, mas é maluco por isso? Não tomou banho nem fez a barba. É maluco por isso? Na semana passada saiu para fazer análise, mas para tanto é preciso ter fé, acreditar em bruxas e quejandos, mas se até Deus está incluído entre os filhos da puta, o que dizer do analista? Não era um neurótico precisando de muletas. Quem precisa disso é o palhaço do analista, suas muletas são os parlapatões, os vomitadores que vão lá pedir socorro. Pagou o filho da puta e voltou para casa.

Tem êxito no que faz, ganha dinheiro. É perfeito o conjunto de suas funções orgânicas, que distanciam a morte e o ajudam a pensar, esportar quando é preciso e a defecar diariamente — e a carregar malas sem esforço. Mas não pretende fazer mais viagens; não importa aonde vá, é tudo a mesma porcaria. O sucesso é repulsivo, quase tanto quanto as pessoas. Cada vez tem mais sucesso e é cercado por mais pessoas nojentas e cretinas. Há a música, a poesia. Saem na urina. As coisas boas saem na urina.

E a mulher que perguntou você me ama e ele respondeu sim?

Infelizmente a vida não é uma anedota com final feliz.

“Ei, Roberto, abre a porta.”

“Vai se foder.”

“Angélica está aqui comigo.”

“Quero ficar só.”

“Abre a porta.”

“Vai se foder.”

“Angélica está aqui comigo.”

“É mentira. Você disse isso ontem e era mentira. Vai se foder”

“Estou aqui, sim, Roberto.”

“Vocês estão pensando que eu estou drogado. Não estou drogado. Não tomei nem água.”

“Eu sei. Abre a porta, querido.”

“Não me chama de querido. Você perguntou, você me ama, e eu respondi sim, mas você não me ama. Você disse eu não te amo mais.”

“Foi aquilo das mulheres...”

“Eram duas vadias enviadas por uma cafetina. Eu nem sabia o nome delas.”

“Eu fiquei magoada, mas agora não estou mais.”

“Não sei se você é mesmo a Angélica. O mundo está cheio de filhos da puta que imitam vozes. E eu não tenho a porra de um olho mágico na porta.”

“Você não conhece a minha voz?”

“Como é que eu te chamo quando estamos na cama?”

“Branquela. Abre a porta.”

“Manda embora esse bunda-suja que está com você.”

“Vai embora, Artur. Me deixa, vai embora. Roberto, o Artur foi embora, estou só eu aqui, não tem mais ninguém. Abre a porta. Eu te amo. Abre a porta, por favor. Você precisa de mim. Abre a porta.”

“O que foi que eu lhe dei de presente no dia do seu aniversário?”

“Um carro.”

“Eu te dei essa bosta de presente?”

“Deu.”

“Qual a marca?”

“Um Peugeot.”

“Porra, um carro francês. Os franceses são uns putos.”

“Abre a porta. Você já viu que sou eu mesma. Eu te amo. Sei que você me ama também. Abre a porta.”

Ele abre a porta. Dois homens de branco entram agarram-no, lutam.

“Angélica”, grita, olhando para todos os lados, sem vê-la.

Os putos pensam que ele é maluco? Está cansado de rolar no chão. Os homens lhe dão uma injeção no braço.

NOVE HORAS E TRINTA
MINUTOS

Nove horas e trinta minutos. Estou vendo os ponteiros parados, no relógio de pulso. Quando deito, ele fica sobre a mesinha de cabeceira, pois acordo no meio da noite e olho o mostrador, nove e trinta. Quando levanto, ponho o relógio no bolso, de onde posso tirá-lo para ver as horas, nove e trinta. Foi a hora em que o relógio parou. Na esquina de Joaquim Nabuco com Vieira Souto.

Fico remoendo estupidamente o meu sofrimento, meu ódio sem objetivo, minha frustração. Não existe nada pior do que a pessoa ficar se lamentando, ou então dizendo que Deus assim quis, ou o Diabo — o que é a mesma coisa. Vou passar o resto da minha vida olhando a hora no relógio, nove e trinta, e me sentindo um miserável.

O advogado de Luciana me telefona. Quer me falar, um assunto importante, tem que ser pessoalmente. Vou ao seu escritório.

Não esperava encontrar a minha ex-mulher. Quando me vê, Luciana pergunta:

“Já voltou ao local do crime, assassino?”

“Dona Luciana, por favor...”, diz o advogado.

“Não é isso o que todo assassino faz?”

Ela já me odiava antes, e o seu rancor, depois das nove horas e trinta minutos daquele dia, aumentou ainda mais.

“Com licença, doutor, não aguento ficar perto desse monstro. Ele fez aquilo para se vingar de mim”, diz Luciana saindo da sala.

O advogado vai atrás dela. Volta algum tempo depois.

“Ela está muito abalada com o que aconteceu.”

“Eu sei. Vamos deixar o assunto que você queria discutir comigo para outra ocasião?”, pergunto.

“Na próxima semana?”

Concordo com o advogado. Marcamos uma data, que anoto na agenda de bolso.

Quando nos separamos, seis meses antes de aquela desgraça acontecer, Luciana ficou com o apartamento, o sítio, o carro, a guarda da minha filha, nove horas e trinta minutos, obteve uma pensão que é a metade dos meus rendimentos mensais. O que mais Luciana quer? Quer me destruir.

Mas a reunião no escritório do advogado teve um lado bom. Tiro o relógio do bolso e olho para o mostrador. Nove e trinta. Luciana, com as suas ofensas sórdidas.

“Já voltou ao local do crime, assassino?”, fez-me entender, pela primeira vez, o que o relógio me diz, com aquela hora que nunca muda. Agora sei por que olho constantemente para aquele mostrador de relógio. Eu tinha tudo à minha disposição, a hora e o local, todos os trunfos, só não sabia usá-los.

Fico acordado a noite inteira, tomando café, excitado. Saio de casa logo que o dia nasce, quero chegar na esquina de Joaquim Nabuco com Vieira Souto antes das sete, quando a mão das duas pistas da praia passa a ser na direção da cidade, e esperar que chegue a hora que o relógio parado marca. Mas constato, desesperado, que preciso comprar óculos novos para levar adiante o meu plano.

Vou ao oculista, mando fazer os óculos, fico irritado com a demora. Não posso, agora que tenho planos, desperdiçar tempo.

Volto, com os óculos novos, à esquina de Vieira Souto com Joaquim Nabuco. Consigo ver com nitidez os automóveis e suas placas. Não sai da minha mente o carro cinza ultrapassando, na curva, o outro que vinha por dentro. Eu reconhecerei o automóvel cinza, dirigido por um homem de cabelos curtos castanho-claros, de camisa social e gravata, que segura o volante com os braços estendidos, quando ele passar por ali novamente, às nove e trinta. O assassino sempre volta ao local do crime.

Fico na esquina com lápis e papel na mão, para anotar a chapa do carro e dar prosseguimento ao meu plano. Mas o carro não aparece. Às dez horas o trânsito volta ao normal, agora a pista de dentro não dá mão para a cidade, os carros não podem mais entrar à esquerda na Joaquim Nabuco em direção à cidade.

O homem usava camisa social e gravata, devia ter um paletó ao lado, no banco, é assim que faço quando vou para o meu escritório dirigindo o meu carro.

No dia seguinte, novamente me posto na esquina, com lápis e papel na mão, muito antes do sentido do trânsito ser invertido, e só vou embora quando o tráfego volta ao normal. O carro não aparece, sei que não passou por mim.

Chego em casa deprimido. E se o horário e o trajeto dele são outros, se naquele dia ele estivesse indo pegar um avião no aeroporto Santos Dumont?

Um homem de cabelos curtos dirigindo um carro cinza. “O senhor não pode me dar mais algum esclarecimento?” perguntou o policial, “a marca do veículo, a placa?” Respondi que não sabia mais nada, só que o carro era cinza e a placa era do Rio. Esqueci de dizer que o homem usava gravata com camisa social e dirigia com os braços estendidos, mas o policial ia achar que isso também era pouco. Eu estava confuso, ainda atônito, sofrendo muito com o que aconteceu. Foi muito rápido, o carro abriu seu trajeto para fazer uma ultrapassagem e pegou a minha filha, atirando-a longe. Eu me sentia culpado por ter ficado aguardando, com ela ao meu lado, no asfalto da rua, ainda que junto da calçada, uma oportunidade para atravessar a Joaquim Nabuco. “Minha filha passava a semana comigo. O motorista nos viu, não podia deixar de nos ver.” O policial escutou calado. “Foi ela quem pediu para ir ao Arpoador de manhã”, acrescentei, como se coubesse ao policial me perdoar, inconscientemente tentando repartir minha culpa com a filha morta.

Agora sei por que me curvei sobre ela e tirei o seu relógio do pulso com o vidro partido. Foi um gesto mecânico, mas algo me fizera pegar o relógio ordinário que minha filha usava e não o cordão com uma medalhinha em torno do seu pescoço. O relógio era a pista para achar o criminoso. Demorei a descobrir isso, mas, agora que sei, preciso concentrar minhas forças, preservar minha lucidez para atingir meu objetivo, encontrar o assassino. Certamente ele não passou ainda naquela esquina porque o carro deve estar numa oficina, a sua lataria foi afetada com o choque. Nove horas e trinta minutos.

Dois dias mais tarde o carro aparece, já passa um pouco das nove e trinta, sinto uma espécie de euforia quando o vejo surgir, abrindo na curva da mesma maneira imprudente. Ao volante, o homem de cabelos curtos, camisa social e gravata, dirige com os braços estendidos, ele tem pressa, vejo o seu rosto, será que ainda se lembra que foi ali que matou uma criança? Não consigo anotar a placa, quis ver bem o homem, cometi um erro. Mas sei que ele vai voltar ao local do crime.

No dia seguinte, consigo anotar a placa do carro. Mas não vou dar essa informação à polícia. Vou descobrir, eu mesmo, o nome e endereço do dono do carro junto ao Departamento de Trânsito.

Não é difícil obter essas informações. O nome dele é Paulo Ramos. Mora na Barra. Quando ele chega na Joaquim Nabuco a sua pressa em chegar à cidade deve aumentar, está impaciente com o trânsito pesado daquela hora, quer aproveitar, além das duas pistas ao longo das praias do Leblon e de Ipanema, as pistas de Copacabana, no sentido da cidade, antes que uma delas feche, às dez horas. Se for preciso, mata alguém pelo caminho.

Pego o meu carro e vou para a porta do condomínio onde ele mora. Para chegar à avenida Sernambetiba ele tem que dirigir por uma estrada particular, sem habitações, com cerca de quinhentos metros. Vejo-o sair e tento segui-lo, mas ele corre muito, logo o perco de vista, na avenida. Isso não importa, sei a hora em que ele sai de casa.

Nunca matei ninguém. A maneira mais fácil é com uma arma de fogo. Sei como usá-las, já tive um revólver, dei para o caseiro do meu sítio, que agora é só da Luciana. Onde posso comprar uma arma? Alguém, no meu escritório, sabe? Estou de férias e apareço no trabalho para perguntar onde posso comprar um revólver. Perguntar a quem? São todos, como eu, burgueses pacatos que só pensam em ganhar dinheiro de uma maneira considerada honesta pela sociedade.

Talvez o Vlamir possa me ajudar. Vlamir era um profissional competente, as drogas acabaram com ele, deve conhecer gente do baixo mundo, seus fornecedores Encontrei-o recentemente, ele me disse que estava desempregado, perguntou se eu podia ajudá-lo.

Tenho o seu telefone. Está na agenda. Marco um encontro com ele na minha casa.

“Estou mal”, diz Vlamir, quando pergunto como vão as coisas.

Vê-se, pela sua cara, que está doente. Mas não posso perder tempo com comiserações.

“Preciso de um favor seu.”

“Você? Favor meu? Se puder eu faço. Estou lhe devendo, mas vou pagar aquela grana que me emprestou.”

“Esquece isso. O favor que vou lhe pedir tem uma grande urgência. Preciso de um revólver. Em bom estado. Com os projéteis.”

“Um revólver? Para que você quer um revólver?”

“Isso não lhe interessa. Você pode ou não pode? Com um dos seus amigos? Pago qualquer preço.”

“Vou ver.”

“Quero que você responda agora.”

“Conheço um cara...”

“Fala com ele. Hoje. Tenho muita pressa.”

“Você pode me adiantar algum?”

“Posso.”

Dou a ele uma boa quantia. “Não me interessa o que vai custar. Pago a diferença quando você me entregar a arma.”

“Pode confiar em mim. Não vou, não vou...”

“Sei que você não vai gastar esse dinheiro de maneira errada... Você não é burro, sabe que depois terá bem mais.”

“Eu não sou burro” ele repete, “sou tudo, menos burro.”

No dia seguinte, Vlamir volta a se encontrar comigo. Minha encomenda está embrulhada num papel pardo. É uma arma pequena, em bom estado, parece nova, e os projéteis também. Calibre 22, mas serve, é até melhor, faz menos barulho. Vlamir menciona o valor total da transação. Sei que uma parte do dinheiro que estou lhe dando será gasto com drogas, mas não me importo, ele merece a sua gratificação.

“Se você se meter em alguma encrenca me deixa de fora, já estou muito ferrado”, ele diz.

“Eu confiei em você, é a sua vez de confiar em mim, não se preocupe.”

“Você vai matar alguém?”

“Um cachorro.”

“Isso não é nada.”

“Não, não é nada.”

“Mas eu não mataria um cachorro”, Vlamir diz, se despedindo de mim.

Nem eu mataria um cachorro, digo em voz alta, enquanto carrego o tambor do revólver. Ultimamente dei para falar sozinho.

Estou no meu carro, de paletó e gravata, óculos sem aro, com uma caixa na mão, na estrada por onde Paulo Ramos tem que passar, depois que sai do condomínio. Quando o carro dele surge, buzino, fazendo um gesto para ele parar o carro. Salto, carregando a caixa comigo.

“O nome do senhor é Paulo Ramos?”

“Sim.”

Jamais esquecerei aquela cara de cabelos curtos castanho-claros, a camisa social com gravata. Noto o paletó no banco ao lado. Tranquilo, com as mãos no volante, ele olha a figura respeitável, prestativa e inofensiva ao lado do seu carro.

“Tenho uma encomenda para o senhor”, digo, abrindo a caixa.

Ele começa a dizer algo, mas é interrompido pelo primeiro tiro, dado no seu rosto. O estampido não é muito forte. Esvazio o tambor, mais dois tiros na cabeça, e três no peito.

Entro no meu carro e vou embora. Se alguém ouviu os tiros, não veio ver do que se tratava.

Estou dirigindo na Sernambetiba. A quantidade de carros vai aumentando, todo mundo correndo, querendo chegar logo, mas eu já cheguei aonde queria e não tenho pressa.

Ligo o rádio.

Depois de amanhã é dia de Natal. Jamais gostei desse dia, mas acho que neste ano vou gostar. Estou falando sozinho, no carro.

CADERNINHO DE NOMES

Depois que me separei, comprei um caderninho onde escrevia os nomes das mulheres que iam para a cama comigo.

Quando estava casado eu não tinha nenhum caderninho, a minha mulher era muito possessiva e as suas crises de ciúme, além de longas, eram muito teatrais. Ela rasgava as minhas roupas novas. Eu não dava a menor importância a isso.

Eu escondia de Nice a existência das outras mulheres que povoavam o meu mundo. Ainda não tinha caderninho naquela época, mas já ia para a cama com outras. O ciúme de Nice era sempre causado por um gesto inocente da minha parte, como olhar uma dona que passava perto da nossa mesa no restaurante. Às vezes, num mero exercício especulativo, eu imaginava o que ela faria se soubesse que eu comia outras mulheres. Mas eu não corria riscos. Caderninho de endereços, cartas, retratos, essas coisas clandestinas sempre são descobertas.

Por que me separei dela? Talvez porque não aguentasse mais ter que usar as roupas da "última moda" que Nice comprava para mim. Durante algum tempo eu achava graça em mim mesmo enfiado naqueles paramentos. Tenho senso de humor, como todo sujeito preguiçoso. Lembro-me de um jantar, presentes as habituais figurinhas que se enfeitam com esmero para essas ocasiões, quando uma das mulheres, uma ruiva bonita, elogiou os meus trajes.

Eu disse que Nice os havia escolhido. A ruiva virou-se para o marido, um advogado vestido formalmente que suava pelos cotovelos apesar do ar refrigerado, e lhe disse que ele devia seguir o meu exemplo. O resto da noite, os casais presentes — havia profissionais liberais, empresários, até mesmo uma artista plástica, a maioria trajada conforme os ditames estilísticos da época — discutiram se as mulheres deviam ou não escolher a roupa que os maridos usavam. Foi um debate acalorado e extenso, o advogado falastrão, que não gostava de mim, foi um dos mais eloquentes.

No dia seguinte, empacotei minhas roupas velhas e alguns livros, os de poesia, e mudei de casa. Minha ex-mulher era tão ingênua que rasgou todas as roupas novas, que eu deixara no apartamento, pensando que se vingava de mim, e contratou o advogado paspalhão que suava no jantar para tirar o meu couro, mas ele conseguiu menos do que ela queria. Minha união com Nice havia durado três anos, alimentada pela inércia, essa qualidade passiva que faz o sujeito resistir, não importa a magnitude da escala de Richter, aos rotineiros abalos sísmicos de todo casamento.

Sou um indolente. Mas minha preguiça nunca interferiu na minha motivação de conquistar e possuir as mulheres. Só não quero é casar novamente. Na vida tudo é motivação. É uma energia psíquica, como dizem os estudiosos, uma tensão que põe em movimento o organismo humano, determinando o nosso comportamento. Às vezes eu penso que, no meu caso, é também uma maldição.

Que mulheres eu queria conquistar? Famosas? Não me interessavam. Uma mulher famosa, não importa a origem da sua celebridade, costuma ter mais defeitos que atrativos, por mais bonita que seja. Ricas? Zero motivo. Cultas? Zero motivo. Elegantes? Isso é interessante, mas não basta — evidentemente não estou falando de roupas, elegância é outra coisa. Esportivas? Pra quê, pra correr comigo na praia com um daqueles medidores de ritmo cardíaco atado no peito? Zero, evidentemente. Eu queria mulheres bonitas e bem-humoradas. Só isso. É claro que se fosse um pouquinho feia mas tivesse um corpo muito bonito ela entrava no caderninho. Aliás, o corpo bonito era mais importante do que o rosto bonito.

Que dificuldades eu encontrava para conseguir o plantei registrado no meu caderninho? Eu queria mulheres bonitas, mas às vezes acontecia que a mulher bonita era também inteligente. Teoricamente, uma mulher inteligente perceberia logo que sou um mulherengo. Teoricamente. Mas, na prática, elas são ainda mais pacóvias do que as burras. Como, por exemplo, a penúltima, chamada Safira, que entrou no meu caderninho.

Antes de prosseguir, devo dizer que gosto de comer a mulher no dia seguinte àquele em que a conheço, já que no mesmo dia é um açodamento que deve ser evitado, a pressa é inimiga da perfeição. Este, aliás, é um dos meus clichês favoritos, não me incomoda usar lugares-comuns, são sempre a concepção clara de uma realidade, ainda que gastos pelo abuso. Mas, como dizia, no segundo encontro com Safira eu, como de costume, sugeri irmos para a cama.

“Você não acha que devemos esperar o tempo certo?”

Tenho sempre um bom clichê na manga.

“Boire sans soif et faire l’amour en tout temps, madame, il n’y a que ça qui nous distingue des autres bêtes. Beaumarchais, Mariage de Figaro”, respondi.

Esqueci de dizer, sei falar francês, qualquer mandrião consegue aprender francês. Safira era jovem, não conhecia esse chavão centenário nem o autor da peça, apenas a ópera de Mozart, sabia um pouco de francês, mas como era razoavelmente inteligente entendeu que eu dissera uma verdade: o que nos diferencia dos animais é que bebemos quando não sentimos sede e fazemos amor a qualquer momento. Faz parte da natureza humana, da nossa essência. Então, Safira percebeu que devia seguir seus mais puros instintos e foi para a cama comigo. Pude pôr o nome dela no caderninho, com uma breve nota sobre as suas características principais.

Podia contar outros casos, inúmeros, porém sinto que estou me tornando prolixo. Mas não posso deixar de falar de Andressa. Um exemplo de caso difícil.

Andressa era filha de novos-ricos — nessa esfera social ninguém dá a uma filha nomes como Maria. Ela evitou ir para a cama comigo no primeiro dia, no segundo, no terceiro e até mesmo — incrível, não? — no quarto dia.

“É assim que você vê as mulheres? Que você me vê? Como um objeto sexual?”, ela perguntou, quando da minha última tentativa.

Protestei com veemência, disse que era atraído pelos seus atributos físicos, morais e mentais, pela sua personalidade como um todo.

Senti que minha afirmativa categórica não a convencera. Ela ainda tinha fortes dúvidas a meu respeito, se eu merecia ou não a sua confiança.

Para um indolente como eu, essa dificuldade poderia ser desestimulante. Mas, como disse, a minha motivação, ou maldição, era tão forte quanto a de Sísifo.

Consegui, com muito esforço, convencê-la a se encontrar comigo, mais uma vez, no meu apartamento. Nesse dia crítico, esqueci sobre a mesa da sala o caderninho com os nomes das mulheres, em cuja capa vermelha estava escrito: As mulheres que amei.

E aconteceu o que não podia deixar de acontecer. Andressa achou o caderninho e pegou-o, estava aparente demais, com sua capa gritante. As mulheres são curiosas, como sabemos, e essas coisas clandestinas sempre são descobertas por elas. Azar de quem não sabe disso.

“As mulheres que amei”, disse Andressa, lendo a capa do caderninho.

Eu estava perto. Corri e arranquei o caderninho vermelho das suas mãos.

“Desculpe”, eu disse, nervoso, “mas este caderninho contém coisas que eu não gostaria que você lesse. Desculpe.”

“Por quê? O que tem nele, além dos nomes?”

“Bem...”

“O que mais?”

Coloquei o caderninho no bolso e juntei as mãos, como numa prece, no melhor estilo de um italiano suplicante:

“Por favor, não me peça para ler esse caderninho.”

“Nomes de mulheres...” repetiu Andressa, com desprezo na voz. “E o que mais contém essa coisa, que eu não posso ler?”

Passei as mãos sobre a cabeça e mantive-me calado. Além dos nomes, havia no caderninho uma breve anotação sobre as particularidades de cada mulher. Eu não conseguia esconder meu constrangimento, creio mesmo que fiquei ruborizado.

“Anda, fala logo. O que tem nele, além dos nomes?”

“As... ah... características... de cada uma delas.”

“Que coisa mais sórdida. Você anota num caderninho as obscenidades que pratica com as mulheres que diz ter amado?”

“Não é nada disso.”

Andressa pegou a sua bolsa, que deixara sobre uma cadeira.

“Nunca pensei que alguém pudesse ser tão canalha.”

Quando ela já estava na porta, para sair, eu a segurei. Tirei o caderninho do bolso.

“Pode ler. Por favor, não vá embora.”

Ela parou, indecisa...

“Não quero ler essa porcaria.”

“Agora você tem que ler. Depois de todas essas coisas horríveis que disse de mim, mereço que pelo menos este meu pedido seja aceito, me dá uma chance de provar que sou um homem de caráter. Eu te amo.”

Esfreguei os olhos, como alguém à beira das lágrimas.

“Assim como amou as dezenas de mulheres do seu caderninho?”

“Leia, estou implorando.” Entreguei o caderninho a Andressa. Ela hesitou um pouco. Começou a ler, e o seu rosto, aos poucos, foi demonstrando surpresa. Caminhou para o centro da sala e pôs a bolsa de volta sobre a cadeira.

“São apenas cinco nomes”, disse Andressa.

“Leia o que está escrito”, eu disse.

“Já li. Me desculpe”, disse Andressa.

“Só desculpo se você ler o que está aí em voz alta.”

Andressa leu:

“Marta, gosta de gatos e de assistir ao pôr do sol. Sílvia, preocupa-se com ecologia. Luíza, adora o lirismo de Florbela Espanca. Renata, canta as músicas de Cole Porter melhor do que ninguém. Lourdes, tem uma linda coleção de orquídeas. São apenas essas cinco?”

“Agora, seis, com você, que vai encerrar esse caderninho para sempre.”

“Quem é Florbela?”

“Poeta portuguesa.”

“Você me desculpa?”

“Claro. A culpa do mal-entendido foi toda minha.”

“O meu nome ainda não está no caderninho. Você vai escrever o quê?”

Tirei o caderninho da sua mão. Escrevi:

“Andressa. Sofisticada, generosa, inteligente, linda como uma princesa de histórias de fada.”

Andressa leu o que eu havia escrito para ela. Abraçou-me, carinhosamente. Fomos para a cama. Passou a noite comigo. Enquanto fazíamos sexo, me chamou de meu amor várias vezes.

De manhã, quando foi embora, peguei o caderninho de nomes que Andressa deixara sobre a mesa e coloquei-o numa gaveta fechada à chave onde estava o outro caderninho, o verdadeiro, de discreta capa cinza, o que continha, resumidamente, as peculiaridades reais e os nomes das dezenas de mulheres que eu comera. O de capa vermelha, que Andressa lera, era uma falsificação que eu astutamente preparara para aquela empreitada difícil. Cinco dias! Com a minha melhor caligrafia, escrevi, no caderninho verdadeiro:

“Andressa. Chupa. Anal. Celulite. Não sabe quem é Florbela Espanca.”

SHAKESPEARE

Emília era uma bela jovem com quem eu mantinha uma relação amorosa. Não morávamos na mesma casa. O casamento, ou outra coisa parecida, não faz bem aos amantes.

Um dia, Emília estava conversando comigo quando disse, inesperadamente:

“Você escreveu que o amor, como a borboleta, tem uma curta vida de esplendor. Nosso amor está acabando?”

Sem esperar a resposta, Emília, que sonhava casar comigo e, como todas as mulheres, ter filhos, perguntou:

“Gostaria de ter uma namorada escritora, doutora em Letras?”

“As que conheço são feias e chatas. Não possuem, como você, as necessárias virtudes físicas.”

“Físicas?”

“Do grego *physikós*”, soletrei a palavra. “As qualidades exteriores e materiais — aspecto, configurações, compleição.”

Emília respondeu:

“Você ainda vai encontrar uma.”

“É uma profecia?”

“Não, uma maldição.”

No dia seguinte, aconteceu o episódio da churrascaria. Emília era vegetariana e eu louco por carne. Pelo menos uma vez por semana jantava sozinho numa churrascaria. A própria Emília sugerira esse arranjo.

Estava devorando uma picanha com farofa quando uma mulher linda se aproximou da minha mesa.

“Você não é o Salustiano Gonçalo?”

Ela vai dizer que leu um dos meus livros, pensei. Larguei no prato o pedaço de picanha que ia enfiar na boca e levantei-me.

“Fomos apresentados na festa da Carmita, lembra?”

“Claro. Na festa da Carmita.”

“Está lembrado mesmo? Há uns três ou quatro meses?”

“Não, desculpe. Há três ou quatro meses eu ficava bêbado em todas as festas.”

“Eu notei.”

“Mas agora”, eu disse, olhando fixamente para a mulher, “não esqueço você nunca mais. Só tomo guaraná.”

“Soube, na festa da Carmita, que você era especialista em literatura elisabetana e como me doutorei nessa área fui lhe perguntar algo sobre o Webster. Você me respondeu de maneira muito rude.”

Eu estava perplexo. Encontrar uma mulher daquelas, doutora em Letras, numa churrascaria? Que coincidência mais diabólica.

Afinal, consegui falar. “O que foi que eu disse na festa? Já peço desculpas, antes mesmo de saber os detalhes da minha grosseria.”

“Você disse: eu quero que o Webster se foda.”

“Posso imaginar o choque que você teve.”

“Apenas um pouco surpresa, mas achei graça. Quem ficou muito constrangida foi a moça que estava ao seu lado. Haviam dito que você era um pernóstico que gostava de exibir erudição. Um homem pedante é pior do que um bêbado impaciente. O guaraná melhorou o seu pernosticismo?”

“Continuou igual. Quer conversar sobre o Webster?” Sentamos, comemos churrasco, e falamos sobre Webster, Shakespeare evidentemente, Marlowe, Peele, Dekker, Ford, Lyly e outros elisabetanos. Ela gostava muito de carne, o que era óbvio, pois a encontrei numa churrascaria, e também era escritora, e, como eu, havia publicado dois livros. Marcamos outro encontro, na churrascaria. A profecia de Emília se realizara.

Emília, ao contrário da doutora em Letras, era muito introvertida, mas a nossa relação era a melhor possível, sob todos os aspectos. Emília era meiga e sua bondade não tinha limites, deixei de beber graças a ela e sentia-me feliz ao seu lado. Mas me apaixonei pela mulher da churrascaria.

Não foi só Emília que sofreu, quando rompemos. Não vou entrar em detalhes, foi tudo muito doloroso para ambos. Quando penso nisso, sinto sempre um aperto no coração.

O nome da escritora doutora em Letras era Lucimar. Passei a me encontrar com ela diariamente. Lucimar era professora numa dessas faculdades de Letras. Eu não era empregado de ninguém, minha situação financeira permitia que eu me dedicasse apenas aos estudos e à literatura.

Uns quinze dias após irmos para a cama, Lucimar sugeriu que morássemos juntos, mas os meus livros não caberiam na sua casa, onde não havia lugar para novas estantes.

“Tenho livros até debaixo da cama”, ela disse.

Nunca pensei em morar com nenhuma mulher, mas Lucimar mudou-se para o meu apartamento e eu aceitei a situação. Também não me incomodei com as obras que ela mandou fazer, derrubar uma parede, reformar os banheiros e a cozinha. Nem com a compra de móveis novos, entre os quais uma grande estante de madeira maciça, o que era absolutamente necessário, pois ela também possuía muitos livros, era uma professora de Letras.

Eu gostava muito de conversar e fazer amor com Lucimar. Mas deixei claro para ela que não pretendia me casar ou coisa parecida, isto é, ter filhos, essa mania das mulheres. Odeio bebezinhos.

Estávamos juntos havia alguns meses, quando um dia, ao chegar em casa, encontrei Lucimar sentada no sofá com ar preocupado.

“Tudo bem?”, perguntei.

“Você leu? Shakespeare foi escolhido o homem do Milênio. Você não odeia essa coisa de o homem disso e o homem daquilo?”

“Você prefere a pessoa do ano, como fazem os americanos politicamente corretos?”

“A pessoa notável nunca é uma mulher.”

“A Musa do Verão nunca é um homem.”

“Estou falando sério. Você acha que não podiam escolher uma mulher do milênio? Em mil anos, não houve uma mulher que merecesse essa honraria?”

“Bem, acho que transcorridos os próximos mil anos vão eleger certamente a Mulher do Milênio. Quer dizer, a Pessoa do Milênio.”

“Estou falando sério.”

“Também estou falando sério. Acho isso mesmo. Mas, nesse milênio que passou, não dá para ser uma mulher.”

“Então não existe uma escritora, uma cientista, uma artista, uma filósofa, uma humanista, uma santa, uma mulher, enfim, digna do galardão?”

“Esse título é uma besteira.”

“Mas você gostaria de ser o Escritor do Ano.”

“Isso é invenção sua.”

“Ouvi você dizer várias vezes que é melhor escritor do que a grande maioria dos escolhidos, muitos dos quais não passam de imbecis rabiscadores de asneiras.”

“Eu disse isso?”

“Salustiano, eu não esqueço nada. Por isso me doutorei com a nota máxima. Para você, a escolha do Escritor do Ano é sempre produto de uma esperta manipulação da mídia, feita pelo editor e pelo autor.”

“Mas não é por ciúme ou inveja que digo isso. Não me interessa esse laurel ordinário.”

“Você sofre porque o seu nome nunca aparece nos suplementos literários dos jornais do eixo Rio-São Paulo.”

“Apenas comento que os nomes badalados nesses veículos são sempre os mesmos, páginas inteiras são dedicadas aos livrecos lançados por eles.”

“Também lamenta nunca ter saído nenhuma notícia sobre a publicação de um livro seu.”

“Saiu alguma, sobre os que você escreveu?” Lucimar estava me irritando.

“Não.”

“Eles estão nas livrarias?”

“E os seus, por acaso estão nas livrarias?”

“Meu editor diz que eu não sou conhecido, os livreiros só compram livros de autores conhecidos.”

“Não será porque você pagou pela edição dos livros e por isso o seu editor não se interessa como devia pela distribuição?”

“Está aborrecida comigo porque o Shakespeare foi escolhido o Homem do Milênio, e não a madame de Staël?”

“Salustiano, ironia não é o seu forte. Você não acha excessiva essa fúria encomiástica shakespeariana?”

“Não. Até me agrada que o nome escolhido seja o de um poeta, num milênio de grandes avanços da ciência e da tecnologia, em que surgiram grandes figuras no ensaísmo e nas artes em geral. Preciso defender o nosso homem para uma professora doutora em literatura elisabetana? Bastam cinco minutos.”

“O seu homem. Vai usar que argumentos? Dos autores mais recentes? Os fastidiosos, de Honan? Ou irá me repetir a lengalenga hagiográfica do Bloom, sobre Shakespeare-o-inventor-do humano e sua influência não apenas sobre a literatura, mas sobre a Vida? O homem que modificou o caráter e a personalidade humanas? Maior que Homero, Platão *et caetera*?”

A palavra homem era proferida por Lucimar como se fosse uma obscenidade repugnante.

“Nessa linha.”

“Vai me dizer, ainda, que o vocabulário de Shakespeare tem vinte mil palavras enquanto o de Milton, por exemplo, tem apenas seis mil?”

“Você sabe que isso é verdade.”

“Milton estava cego quando escreveu Paraíso perdido. E inúmeras das vinte mil palavras de Shakespeare são contribuições dos atores, improvisos que, introduzidos nas peças, passaram a fazer parte do texto do homem. Isso também não é uma verdade?”

“Concordo.”

“Vai citar também autores mais frívolos, como o Brode, e seus estudos sobre Shakespeare e o cinema?”

“Está chateada comigo por quê? Você me deu o livro do Brode, me fez assistir a versões cinematográficas com ambientação moderna de *Hamlet*, de *Romeu e Julieta*, de *Ricardo III*, dizendo que eram a prova da incomparável atualidade de Shakespeare, que nenhum outro autor...”

“Você está se evadindo do foco da nossa discussão. Madame de Staël... Que golpe baixo.”

“Lucimar, você parece um desses detratores furibundos de Shakespeare, felizmente poucos, que o chamam de verborrágico,

antifeminista, reacionário, um plagiário que teve a sorte de viver numa época propícia à sua astúcia criativa.”

“É isso mesmo. Agora, chega, cansei desse assunto.”

“Não vamos brigar por causa de Shakespeare.”

“Você não passa de um machista preconceituoso.”

“Vocês vão ser as donas deste milênio que está começando.”

“Agradeço em nome das mulheres.”

“Não está com fome? Vamos comer naquela churrascaria, lembra? Nunca mais voltamos lá.”

“Quer me comprar com um pedaço de churrasco?”

“Com farofa e outros acompanhamentos.”

“Vai à merda. Quem é Emília?”

“Sei lá quem é Emília. A do Monteiro Lobato?”

“Ontem uma moça veio aqui, queria apanhar um livro. Disse que o nome dela era Emília.”

“Não tenho a menor ideia de quem seja.”

“Sabe que livro era?”

“Não sei do que você está falando.”

“Eram os sonetos de Shakespeare.”

“É mesmo?”

“E você não sabe quem é essa moça? Vem aqui apanhar um livro dela e você não sabe quem é?”

“Não estou lembrado desse nome. Conheço um monte de gente. Minha memória não é tão boa quanto a sua, não tirei a nota máxima no meu exame final de doutorado.”

“Era uma moça muito bonita, tive a impressão de conhecê-la de algum lugar. Você é amiga do Salustiano?, perguntei, faça o favor de entrar. Ela respondeu que sim, mas que vocês não se veem há algum tempo, que se não fosse incômodo para mim, ela gostaria de apanhar o livro com o qual tinha uma ligação sentimental. Parecia uma pessoa muito romântica, aquela moça. Está calado? O gato comeu a sua língua? Não quer saber o resto da história?”

“Lucimar, não estou entendendo...”

“Ela entrou e disse, os livros de Shakespeare estão todos juntos, eu posso achar o meu. E foi procurar os sonetos do homem. Mas eu

fui mais rápida e achei o livro antes. Tinha uma dedicatória: Para Emília, meu amor para sempre, Salustiano.”

“Não existe amor para sempre, o amor tem a vida de uma borboleta...”

“Você chama a mulher de meu amor para sempre e não sabe quem ela é?”

“Ela levou o livro?”

“É isso o que você tem a dizer? Em vez de responder, faz uma pergunta? Além de mentiroso, maquiavélico?”

“Quando penso que tudo isso começou porque o Shakespeare foi escolhido o Homem do Milênio...”

“Isso apenas ajudou, seu idiota. Jura que não vai se encontrar com essa Emília. Odeio ser enganada.”

“Juramentos? Uma doutora em Letras falando em juramentos? E que entidade sagrada eu tomarei como testemunha?”

“Sabe de uma coisa, Salustiano Gonçalo?”

“Diga.”

“Você não passa de um idiota. Seus dois livros são um amontoado de besteiras. Como aqueles a quem critica, você também é um rabiscador de asneiras. O pior aluno do meu curso conhece mais literatura elisabetana do que você.”

Lucimar não mora mais comigo. Levou, junto com os seus livros, uma porção dos meus, os melhores e mais raros. Indenizou-se.

Não arranjei nenhuma nova namorada. Eu pensava constantemente em Emília. Era amor, o que eu sentia por ela. Incrível, só agora eu percebia o que havia perdido. Tentei uma reaproximação. Queria me casar com ela, teria filhos, me tornaria vegetariano, mas Emília nem sequer me deu a oportunidade de lhe dizer isso. A única coisa minha que Emília queria, eram os sonetos de Shakespeare que eu havia lhe dado.

O amor, a vida de uma borboleta ou de uma tartaruga?

Que frase cretina.

UMA MULHER DIFERENTE

Ele escorregava no piso da banheira ao tomar banho de chuveiro e tinha que se segurar em algum lugar para não cair. Por isso, às vezes, apenas limpava as axilas com uma esponja ensaboada, lavava cuidadosamente as partes pudendas no bidê e perfumava o corpo.

Para ir para a cama com uma mulher, além dessas preliminares higiênicas, outras medidas tinham que ser tomadas. O quarto de preferência devia ficar em penumbra, mas se a luz fosse acesa, como algumas pediam, isso não era problema, as mulheres adoravam o seu tórax musculoso. Para manter os peitorais, deltoides, bíceps e tríceps em sua rígida definição, ele realizava, todos os dias, vinte séries de mergulhos no chão, cada uma com trinta repetições, dez séries pela manhã, dez à tarde. Desenvolver a musculatura dos quadríceps era mais trabalhoso, pois os agachamentos com a barra nos ombros exigiam, além de perícia, um esforço muito grande.

Sempre esperava a mulher se desnudar primeiro. Depois, tirava apenas os sapatos, a camisa e, mantendo as calças, possuía a mulher com grande e demorado ardor. A coreografia dos corpos durante o ato era controlada cuidadosamente por ele, para que aquela sua peculiaridade não interferisse negativamente na fruição sexual recíproca. Era ajudado pelos seus braços musculosos, suas mãos hábeis e engenhosas, e uma genitália de grandes proporções.

Por que você não tirou as calças?

Minhas pernas são finas, ele dizia. Algumas respondiam, afagando-o, que as coxas dele eram grossas. Cada louco com a sua mania, ele explicava, afastando a mão da mulher, delicadamente, da sua coxa. Quando insistiam, nas vezes subsequentes, para que tirasse as calças largas que usava, solicitação nunca atendida, ele sabia o que afinal iria acontecer. Homens idiossincráticos, que agem e reagem de maneira que elas não entendem, perturbam e de certa forma assustam as mulheres.

Por esse motivo a relação sempre durava pouco tempo, mas perder as mulheres não era nenhum problema, ele nunca se apaixonara por nenhuma delas. Agradáveis, lhe davam um prazer aliviante, mas eram todas iguais. Arranjar outra era muito fácil.

Então conheceu Vivi e se apaixonou por ela. Vivi era diferente, não sabia como e por quê, por mais que pensasse, mas sem dúvida ela não era como as outras. Por isso se apaixonara, porque ela era diferente. O corpo de Vivi era bonito, ela movimentava-se com uma elegância natural, era esbelta, era perfeita. Mas já conhecera outras assim. A beleza física não era a diferença que o deixara arrebatado.

Demorou algum tempo, mas um dia Vivi também perguntou:

Por que você nunca tira as calças? O teu corpo é tão bonito.

Minhas pernas são feias.

Não parecem, dentro das calças.

São muito finas.

É uma esquisitice sua.

Cada louco com a sua mania.

Você não acha que isso, de certa maneira, torna você mais tenso? Não sei explicar como, uma tensão que não deixa você relaxar. Eu me entrego e depois relaxo. Você não, parece concentrado em outra coisa, o tempo todo. Mas não estou me queixando, querido, acho que não me expliquei direito.

Mas ele entendeu muito bem o que ela dizia.

Vivi gostava de ficar nua na frente dele, de andar pela casa, comer, ler no sofá, sem roupa. A nudez de Vivi fazia com que ele a agarrasse com insopitável desejo, estivesse deitada na cama ou no sofá, curvada sobre a mesa da copa, ou mesmo em pé no meio da sala, em qualquer lugar ou situação. Ela sentia-se incendiada por aquele ardor constante, que, segundo as suas amigas experientes, não era comum à maioria dos homens, depois da descoberta inicial.

Para não discrepar da nudez dela, ele andava pela casa sem camisa e descalço. Mas não era elegante como Vivi, sua passada era a de um vaqueiro do agreste andando de botas num salão de madeira escorregadia.

Um dia, Vivi voltou a falar das calças.

Essas calças me dão a impressão de que você não é meu, de que o seu corpo não é meu por inteiro, apenas metade dele, a outra pertencendo a alguém, uma mulher com quem você partilha um segredo.

Ele respondeu que não existia nenhuma outra mulher.

Vivi passou a olhar com atenção as calças que ele usava, pensativa, silenciosa. Um dia, surpreendeu-a contemplando as roupas dele no armário. Compreendeu que, se não tirasse as calças e ficasse inteiramente nu, iria perdê-la. Mas se as tirasse, também a perderia, a mulher diferente de todas as outras. Sentiu-se muito infeliz, pois estava num beco sem saída.

Um dia, depois de ficar nua, Vivi exigiu que ele tirasse as calças.

Tira hoje, ou está tudo acabado.

Ele a abraçou. Não posso, disse.

Você é um obstinado, disse Vivi se afastando, não quer se livrar dessa extravagância neurótica, nem eu implorando, como estou fazendo agora.

Se eu tirar as calças será o fim do nosso amor.

Estou suplicando!

Ele suspirou, um gemido, um lamento de animal ferido, perder aquela mulher, que era diferente de todas as outras, o tornaria um ser desgraçado pelo resto da vida.

Vivi se comoveu com a tristeza dele, mas sabia que estava prestes a conseguir o que ansiosamente queria e resistiu à emoção que tomara conta dela.

Anda, por favor, tira as calças.

Ele tirou as calças.

Está vendo? Uma parte desta perna, a inferior, é mecânica, aquilo que chamam de perna de pau. Mas não é de pau. É de titânio.

Vivi ficou calada algum tempo. Depois disse, como por acaso:

Não acho feia a sua perna. Ela lhe dá uma interessante aparência cibernética. Você tem também um olho de vidro?

Olho de vidro? Não, por quê? Talvez eu seja um pouco míope, mas não tenho olho de vidro.

Meu avô cantava uma música de Carnaval que era assim: eu sou o pirata da perna de pau, do olho de vidro, da cara de mau...

Também não tenho cara de mau, ele disse.

Vamos para a cama, cyborg, Vivi disse, rindo.

Não vou conseguir, ele disse.

Foram mais ardentes do que em todas as ocasiões anteriores. No dia seguinte mais ainda. A tensão dele acabara, não havia mais uma rígida disciplina de movimentos a ser seguida. Ele, afinal, podia experimentar a mesma voluptuosidade langorosa que ela sentia.

Vivi mudou-se para a casa dele. Juntos, passaram os dois, completamente nus, a tomar banho, a ler, ver filmes, cozinhar, arrumar a casa, dançar. Vivi só não o ensinou a dançar tango, alegando que também não sabia, e foi a única mentira que lhe disse. Vestiam-se apenas para trabalhar fora ou fazer compras. Quando iam dormir, Vivi o ajudava a tirar a perna mecânica, antes de fazerem amor.

MADRINHA DA BATERIA

O ano inteiro, Zira pensava no desfile de Carnaval. Não havia nada mais importante em sua vida, afinal ela era madrinha da bateria da escola de samba do morro. O Carnaval acontecia em fevereiro ou na primeira quinzena de março. Pouco depois, em abril, Zira começava a planejar a sua fantasia para o desfile do ano seguinte. O patrono da escola, que gostava de recitar versos e tinha sido docente de um colégio da prefeitura antes de se tornar um poderoso banqueiro do bicho, conhecido como Chico Professor, dava o dinheiro para ela comprar tecido, sapatos, enfeites, o que fosse preciso. O patrono era um mão-aberta.

Quem fazia a sua fantasia era a irmã, Das Dores, que trabalhava num importante ateliê de costura da zona sul, cujas freguesas eram madames ricas, daquelas que só andam de carro com motorista. Ganhava um bom dinheiro, tanto que mudou do morro para uma casa na Tijuca.

O Carnaval naquele ano ia ser em fevereiro, mas Zira já tinha a sua fantasia pronta no início de janeiro.

Ela não mostrava para ninguém antes do desfile, gostava de surpreender a turma, a sua fantasia era sempre a mais bonita. As outras, principalmente os destaques, que desfilavam em cima dos carros alegóricos, e as duas porta-bandeiras, pediam a Das Dores para bolar e costurar também os trajes delas, mas Das Dores se desculpava, dizia que trabalhava muito no ateliê da zona sul e não tinha tempo. Na verdade Das Dores fazia isso porque sabia que a irmã não gostaria que ela costurasse para as outras, queria ser a única a se apresentar daquela maneira deslumbrante.

Os ensaios, a preparação para o desfile, naquele ano tinham uma importância muito grande, pois a escola subira para o Grupo Especial. O barracão da escola fervilhava com a agitação de dezenas de costureiras, carpinteiros, eletricitas, bombeiros, artistas plásticos, técnicos em efeitos especiais, que trabalhavam fazendo as

fantasias das alas e construindo os carros alegóricos com suas figuras gigantescas. Josias, o carnavalesco que organizava o desfile, criara as fantasias das alas, as alegorias e o enredo da escola, cujo tema era a proteção da flora e da fauna do Brasil, não arredaria pé do barracão nem se sua mãe morresse. Dormia poucas horas durante a noite, numa cama de armar, e tinha pesadelos em que levava uma nota que rebaixaria a escola, num dos muitos quesitos avaliados pelos jurados. Acordava espavorido gritando frases como “a harmonia derrubou a gente, o enredo levou zero, a bateria se ferrou, o tucano se esborrachou no chão.” Um dos integrantes da escola, vestido de tucano, ia voar sobre a passarela no dia do desfile.

Na quadra, os ensaios aconteciam diariamente. O samba-enredo da escola, de autoria de Dedé, Zaqueu Boca Larga, Zé Crioulo e Alfinete, escolhido depois de uma renhida disputa entre quatro finalistas, era muito bonito, fácil de ser acompanhado em coro pela arquibancada. Coreógrafos exercitavam os movimentos da dança da comissão de frente, um grupo de bailarinos com fantasias de pássaros e animais selvagens.

Como sempre acontecia na época do Carnaval, grã-finas da zona sul frequentavam os ensaios. Naquele ano, como a escola subira para o Grupo Especial e ia desfilhar na Sapucaí, o número das granfas aumentara muito. Zira sabia que elas não estavam nem aí para o samba ou para a escola, queriam aparecer na televisão nem que fosse por um segundo, algumas desfilavam em várias escolas, era isso que elas queriam, aparecer na televisão, curtir a folia e cafungar pó do bom, para elas era barato.

Acabado o Carnaval, as vadias, com seus peitos de silicone, não dariam mais as caras na escola. E havia também as gringas, louras desengonçadas que saíam direto do avião para o desfile, um horror, mas o seu Chico Professor dizia que Mangueira, Portela, Imperatriz, Mocidade, Salgueiro, Beija-Flor e todas as outras grandes aceitavam as turistas, e que a escola dele ia jogar igual. Muitas escolas haviam subido para o Grupo Especial e sido rebaixadas logo no primeiro desfile. Seu Chico Professor queria de todas as maneiras evitar essa catástrofe.

A madrinha da bateria não tinha dúvidas de que as câmeras da TV iam notar a presença dela e já sonhava com isso. Ela assistia todos os anos ao desfile do Grupo Especial, era um espetáculo maravilhoso, a todo instante as madrinhas da bateria apareciam na tela, o corpo, os gestos, os passos, o rosto sorridente, o mundo inteiro via aquilo, era por isso que mulheres importantes, artistas e modelos famosas, se fosse preciso vendiam a própria mãe para serem madrinhas da bateria de uma grande escola.

Ela logo antipatizou com uma das paraquedistas granfas da zona sul que compareciam todos os dias aos ensaios da escola, uma dona alta que usava um short curto que deixava à mostra suas coxas lindas e sua bunda perfeita, redonda, durinha, e cobria os peitos empinados com um bustiê transparente que deslizava a todo instante, mostrando os biquinhos cor-de-rosa. A dona ostentava um corpo de marombeira de academia e ainda por cima bronzeara o corpo e sua pele irradiava um brilho de caramelo. Zira tinha que admitir, era a bunda mais bonita de todas e havia muitas outras bundas lindas rebolando na quadra, mas não tanto quanto a dela.

A marombeira ficava o tempo todo ensaiando com Cidinho, o principal passista da escola. Cidinho não era mais namorado de Zira, mas mesmo assim aquela situação a irritava, ainda mais quando soube que a vadia se chamava Daiana e tinha trabalhado na televisão, numa daquelas novelinhas da tarde, mas mesmo uma novelinha da tarde enche a dona de importância. Muitas dessas fulanas, durante o Carnaval, gostavam de se engraçar com um escurinho maneiro, e Cidinho era um mulato bonito e dançando ficava ainda mais.

É bem verdade que Cidinho não parecia interessado em namorar a granfa e sim em ensinar a dona a dançar direito. Talvez fosse protegida de Josias, o carnavalesco da escola, pois várias vezes Zira viu os três conversando nos intervalos dos ensaios, Josias gesticulando muito, como se estivesse dando instruções. Mas Josias era viado, não estava interessado naquela dona nem em nenhuma outra, nem mesmo em nenhum homem, só pensava no dia do desfile. Como todo mundo, ele queria que a escola permanecesse no Grupo Especial, a glória para o carnavalesco, para seu Chico

Professor, os compositores, o mestre da bateria, para todos os integrantes da escola, para toda a comunidade do morro.

Um dia, sua irmã Das Dores, que era muito escolada, vivia costurando para as bacanas e sabia das coisas, foi assistir ao ensaio. Num dos intervalos da bateria, chamou Zira para uma conversa.

“Não estou gostando dos salamaleques para a tal de Daiana. Acho que ela tem alguma cupincharia aqui na escola.”

“O Cidinho vive pajeando ela.”

“Cidinho? Alguém mandou ele fazer isso, ele não quer comer essa vadia, todo mundo sabe que Cidinho é tarado pela filha da Zuleide.”

“Tarado mesmo” disse Zira, “a menina tem só quatorze anos.”

“Homem gosta de carne fresca.”

“Eu tinha vinte e três anos quando ele me deixou. Minha carne não era mais fresca?”

“Você ficou muito bunduda. Essa mania de comer doce.”

“Bunduda? Eu fiquei bunduda, Das Dores? O Cidinho me deixou porque eu fiquei bunduda?”

“Os homens estão mudando. Eles não gostam mais de bunda muito grande. Continuam gostando de bunda, mas tem que ser uma bunda menor. Foram essas revistas de mulher que inventaram isso. E não pode ser mole.”

“Putá merda, Das Dores, minha bunda está grande e mole? Você é minha irmã e me diz uma coisa dessas? Quer me derrubar?”

“Quero que você abra o olho. Pára de comer Sonho de valsa, você tem mania de Sonho de valsa, chocolate é uma merda. Outro dia, quando estava experimentando a sua fantasia, você comeu uma caixa de Bis inteira.”

“Eu ando estressada, meu namoro com o Rubinho não está funcionando.”

O Rubinho não se chamava Rubinho, era um apelido que lhe haviam pespegado porque ele tinha a cara e o corpo do Barrichello dos carros de corrida.

“Claro, você namora um barbeiro que nem dançar sabe, que desfila marchando feito paulista.”

“Rubinho é muito bom para mim.”

“Um homem tem que ser mais que isso.”

Antes do ensaio recomeçar, ela foi falar com seu Vavá, o mestre da bateria. Seu Vavá tinha mais de sessenta anos, talvez mais de setenta, era daqueles crioulos de pele esticada que nunca ficam de cabelo branco, muito respeitado, entre outras coisas tinha inventado uma batida para o surdo repicador que as baterias de todas as escolas copiaram. Teve convite das grandes, mas seu Chico Professor cobriu as ofertas, mesmo sabendo que seu Vavá amava a escola e não mudaria de camisa. Ia ser enterrado com ela.

“Seu Vavá, eu estou indo bem?”

“Qual o problema?”

“Tenho minhas responsabilidades, como madrinha da bateria. Quero saber se estou bem.”

“Minha filha, não leve a mal, mas a madrinha da bateria tem uma responsabilidade relativa. Não se preocupe, a bateria está firme, nem a pior trovoadas cheia de raios pode atrapalhar. Faça o seu trabalho.”

O ensaio recomeçou e Zira foi para a frente da bateria. Mas enquanto dançava, pensava com amargura no que Das Dores lhe havia dito e também na conversa com seu Vavá.

Estava dançando quando Tiziu, o garçom que servia o seu Chico Professor, veio lhe dizer que o patrono queria falar com ela no camarote da quadra.

“Como é, Zira, tudo em cima?”

“Tudo em cima, seu Chico Professor.”

“Olha, Zira, eu gostaria de ver a sua fantasia.”

“Ela está muito bonita. Foi Das Dores que fez. Ninguém costura melhor do que a Das Dores.”

“Eu sei. É pena que ela seja tão difícil, a sua irmã. Eu pedi para ela fazer uma roupa para minha patroa e ela se desculpou dizendo que não tinha tempo. Você acredita?”

“É mesmo?”

“É. Não gostei, sabe? Mas deixa isso pra lá. Não pedi que você viesse aqui para falar disso. Foi para dizer que quero ver a sua fantasia.”

“Eu nunca mostro para ninguém antes do desfile, o senhor sabe disso, acho que dá azar.”

“Olha, minha filha, vai dar azar, e muito azar, se você não me mostrar. Amanhã de manhã. Só eu é que vou ver. Passa na minha casa de manhã, lá pelas dez, entendeu? Agora, volta para a frente da bateria.”

Ela ficou acordada o resto da noite, preocupada, pensando em tudo o que estava acontecendo, cheia de maus pressentimentos. Acendeu uma vela e rezou ajoelhada na frente da imagem de São Jorge sobre a cômoda do seu quarto.

De manhã, Zira embrulhou cuidadosamente a fantasia com um plástico e foi para a casa do patrono, que ficava longe de onde ela morava.

“A patroa não está” disse seu Chico Professor, “vamos lá para dentro, pro quarto.”

Foram para o quarto.

“Anda, veste a fantasia. Tem um espelho grande na porta desse armário.”

Hesitante, ela desembulhou a fantasia.

“Quando estiver pronta, me chame”, disse seu Chico Professor, saindo do quarto.

Zira se vestiu na frente do espelho. Era uma fantasia linda, a mais linda de todas as que Das Dores fizera para ela.

“Estou pronta”, disse ela, abrindo a porta.

Seu Chico Professor bebia uma cerveja, sentado numa poltrona da sala.

“Vem aqui, fica em pé na minha frente.”

Ela se postou na frente do patrono imóvel.

“Anda para lá e para cá”, disse ele.

Zira obedeceu.

Seu Chico Professor se levantou, foi à cozinha e voltou com outra lata de cerveja na mão.

“Minha filha, nós somos amigos, não somos?”

“Somos, sim.”

“E o que é que queremos, mais do que tudo no mundo?”

“Mais do que tudo?”

“Mais do que tudo.”

“Saúde?”

“Não, Zira, não. O que queremos mais do que tudo, tudo, tudo, é o bem da nossa escola.”

“Ah, é claro, eu estava pensando...”

“A nossa escola tem que crescer, chegar ao cume, ganhar um dia o desfile do Grupo Especial. Você concorda?”

“Sim, senhor.”

“O nosso Carnaval é o maior espetáculo do mundo, não existe nada igual, em lugar nenhum do planeta, quem diz isso não sou eu, são os estrangeiros, que assistem bestificados. E a cada ano os carros alegóricos são mais grandiosos, os efeitos especiais são mais rebuscados, consta que uma das grandes mandou buscar secretamente um especialista de um grande estúdio de Hollywood. Essa coisa tecnológica para mim não vale nada, mas deixa o público embasbacado, temos que fazer o mesmo. O importante, sei que pareço um cara da velha guarda dizendo isso, o importante são os trezentos percussionistas da bateria, são as alas com fantasias luxuosas desfilando harmonicamente, são os destaques e as passistas com sua nudez, é o samba cantado e no pé, isso é que empolga a avenida, influencia os jurados, deixa boquiaberta a galera das arquibancadas e também os que estão assistindo na televisão. O nosso desfile vai ser assistido por milhões na televisão, milhões, você sabia?”

“Sabia, sim senhor.”

“E já há algum tempo as madrinhas das baterias são mulheres que impressionam pela beleza, dançam com os seios, as coxas, o corpo aparecendo em todo o seu esplendor. Não leve a mal, mas a sua fantasia, minha querida, parece a de um daqueles destaques mais idosos que desfilam sobre os carros. Olha, nem os seus braços aparecem por inteiro. Só vemos a cor e o brilho do tecido e das pedrarias. A madrinha da bateria deve exibir a cintilância da sua nudez. Você está me entendendo? Todas as madrinhas do Grupo Especial desfilam assim. Você quer o bem da escola, não quer?”

“Sim”, murmurou Zira.

“Não leve a mal, mas você vai deixar de ser a madrinha da bateria.”

Lívica, Zira sentiu que ia desmaiar, mas conseguiu ficar de pé. Seu Chico Professor percebeu, levantou-se da poltrona e pôs carinhosamente o braço sobre o ombro da moça.

“Minha filha, você vai desfilas como destaque, todo mundo quer ser destaque, aparece na televisão quase tanto quanto a madrinha da bateria. O Brasil, de norte a sul, vai ver você, o mundo vai ver você em sua esplêndida fantasia.”

“O senhor já escolheu a nova madrinha?”, perguntou Zira, com a voz embargada. Seu coração doía, sua cabeça rodopiava.

“Já. Aquela moça, Daiana. Amanhã ela assume o seu lugar. O Josias disse que ela vai dar conta do recado.”

“E o mestre, o seu Vavá?”

“Seu Vavá acha que madrinha da bateria é uma firula. Sai na primeira página dos jornais, mas ele acha que é uma firula. Não está interessado. Você sabe como ele é, um velho turrão, eu não quero discutir com seu Vavá.”

“Essa moça não sabe dançar...” A voz de Zira quase não se ouvia.

“Minha filha, qualquer mulher na frente da bateria sabe dançar, o ritmo entra direto na veia. Você sabe disso. Quer tomar uma cerveja?”

“Não, senhor, muito obrigada.”

“O Josias foi instruído para colocar você num dos carros.”

“Sim, senhor. Posso ir?”

Seu Chico Professor levou-a até a porta.

“Sei que você ficou triste, mas, Zira, é para o bem da escola, estamos fazendo o que precisa ser feito e você será sempre um dos nossos destaques, vai desfilas sobre o carro alegórico mais bonito, prometo isso a você, e sempre pagarei a sua fantasia, a Das Dores pode fazer a fantasia mais cara do mundo que eu pago, eu prometo.”

Zira só foi chorar quando chegou na rua. Soluçava tão alto enquanto caminhava, abatida, que as pessoas que passavam olhavam curiosas para ela.

Foi diretamente para a barbearia do Rubinho. Não havia nenhum cliente e o namorado lia o *Jornal dos Sports* sentado na cadeira do barbeiro.

“Não, você está maluca, porra, de jeito nenhum”, disse Rubinho quando ouviu o pedido de Zira.

“Então eu vou me matar”, ela disse, entre soluços.

Rubinho abraçou-a, comovido.

Quando, no dia seguinte, Zira chegou na quadra, Daiana assumira o posto de madrinha da bateria e dançava, isolada, na frente dos percussionistas. A filha da puta aprendeu a dançar, pensou Zira. Ou então estava acontecendo aquela coisa sobre o poder do som da bateria, que seu Chico Professor dissera. Direto na veia.

Seja o que Deus quiser, pensou Zira, indo para junto de Daiana, que sorriu e continuou dançando, feliz. Então, tirou a navalha de dentro da blusa e deu duas navalhadas fundas em Daiana, uma no rosto e outra no pescoço.

Zira não ouviu os gritos nem sentiu as mãos das pessoas que a agarravam e arrastavam, nada, apenas o gosto do sangue que esguichara sobre a sua boca.

TODOS TEMOS UM POUCO

“Foi ali que mataram o filho da rainha da Inglaterra.”

“Posso tirar uma foto sua?”

“Sim, general.”

Tirei a câmera da pasta e bati uma foto de dona Romilda.

“O senhor vai ao churrasco que vou oferecer no fim de semana?”

“Se puder, vou.”

“Quantos bois devo matar? Dois?”

“Vai muita gente?”

“Umas duzentas pessoas.”

“Creio que dois é o suficiente.”

“O senhor está examinando o problema da minha casa na São Clemente? A casa é minha e eles não querem sair de lá.”

“Estou vendo. Tenho que ir.”

“Sábado. Na fazenda. Não é nesse, no outro sábado.”

“Eu irei, dona Romilda.”

Entre no prédio do meu escritório, peguei o elevador.

Cristina estava me esperando.

“Copia esta foto, por favor.”

“O senhor está gostando dessa digital?”

“É boa, pequena, fácil de carregar. Mas não vou me desfazer da minha Leica do tempo do Onça. Nem da Pentax.”

“Tem muita coisa na sua agenda”, disse Cristina, ao sair da minha sala.

Agenda. Coisas pendentes. A agenda sempre me deixava abatido, como se eu começasse o dia fazendo uma hemodiálise. Uma maneira de aliviar esse sofrimento era abrir a gaveta e consultar o meu extrato bancário. Dava um certo alívio ver meus fundos de investimento aumentando todo mês. O problema é que eu não sabia o que fazer com aquele dinheiro todo guardado num banco. Podia comprar imóveis, ações, ouro, mandar o dinheiro para

um paraíso fiscal, mas isso iria criar mais agendas. Não aguentava outra agenda.

“Quer marcar a reunião com a Ceteagá? É a única urgente”, Cristina perguntou, pelo interfone.

“Não, vê se eles podem amanhã. Ou outro dia.”

Eu precisava de umas férias.

Depois do almoço, Cristina entrou na minha sala.

“A foto está pronta, imprimir na laser nova. Ficou muito boa. É a dona Romilda, não é?”

“Você a conhece?”

“Ela me alertou outro dia para não ir ao Wagner. Cuidado, eles fazem tráfico de órgãos lá. Agora evito que a dona Romilda me veja entrando no Wagner, se ele souber o que ela anda dizendo vai ficar furioso, o senhor sabe como são os cabeleireiros. Mas eu gosto da dona Romilda, ela é a única pessoa bem-humorada que conheço. Sempre que me vê diz, bom dia, princesa.”

“Hoje ela me disse que mataram o filho da rainha da Inglaterra na frente do banco.”

“Para mim dona Romilda falou que o príncipe foi morto naquele prédio grande, com grades. Matar o príncipe na porta do banco não tem muita lógica. Mas o prédio tem muitos apartamentos, de todos os tamanhos, de quatro quartos, de dois, conjugados com kitchenette, entra e sai gente a toda hora, você se perde nos corredores, de tão grande. Um lugar melhor para matar o filho da rainha da Inglaterra. Posso dar o retrato para ela?”

“Acha uma boa ideia?”

“O retrato ficou tão bom... Quando fui almoçar, eu a encontrei e lhe disse que o meu chefe tinha tirado uma foto dela.”

“O que foi que ela disse?”

“Perguntou: uma foto nua?”

“Ela pensa que alguém ia tirar uma foto dela nua?”

“O senhor talvez fizesse uma foto dessas.”

“Dona Romilda disse isso?”

“Eu é que estou dizendo. O senhor gosta tanto de fotografia que isso não me parece impossível. E uma foto nua dela seria uma maravilha.”

“Mas eu não faço fotos de mulheres nuas.”

“A dela seria uma beleza. Um bom começo.”

“Ela iria gritar, quando eu passasse na rua: o general tirou minha foto nua.”

“Ela não grita nunca. Fala sempre num tom de voz educado. E além disso, ninguém ia acreditar. Outro dia ela me disse, estou com todas as minhas joias, meus diamantes, rubis neste saco. O Guilherme, ao meu lado, não acreditou. Ninguém acredita nela. A dona Romilda nos levou até a praça para mostrar os escargôs que criava e iam lhe dar muito dinheiro. Moça, o Guilherme disse, isso aí são lesmas.”

“É tudo da mesma família.”

“Eram só quatro lesmas, que estavam numa caixa com alface. Não eram suficientes para fazer uma criação. Ela tem esse lado sonhador. O Guilherme disse que essa coisa de comer escargô é um modismo burguês que vai passar.”

“Esse modismo tem pelo menos dois mil anos.”

“É mesmo?”

“No mínimo.”

“O senhor já comeu?”

“Já.”

“Gostou?”

“Sim.”

“Acho que eu ia ter nojo. Mas se um dia o senhor me levar para comer essa coisa, eu como.”

Abri a agenda.

“E a foto da dona Romilda nua?” perguntou Cristina.

Não respondi logo. A foto talvez valesse a pena, seria algo novo no meu acervo de amator.

“Onde é que eu posso fazer isso? Não tenho lugar, dona Cristina. Na minha casa não pode ser.”

“Pode ser na minha.”

“Onde a senhora mora?”

“No prédio cheio de corredores onde mataram o príncipe.”

“Foi em frente ao banco.”

“Dona Romilda inventou isso, tem cisma com o gerente, ele não gosta que ela durma na porta do banco.”

“Em que dia nós vamos fazer isso?”

“No sábado. De tarde. Se o senhor puder, é claro.”

“Me dá o número do seu apartamento.”

“Não, é uma kitchenette.”

“Tem uma cama, não tem? Uma foto nua dela, para ficar boa, tem que ser deitada. Quer dizer, vou fazer uma em pé, também. A senhora leva a dona Romilda para o seu apartamento e eu encontro vocês lá. Quatro horas, está bem?”

O ideal para fazer aquela foto seria lá pelas ou 7. Eu levaria também os flashes, caso não tivesse uma janela dando uma luz boa da rua. E como garantia, a Leica, que me dava mais mobilidade. A digital não era uma máquina para fotos artísticas.

O prédio era mesmo grande e cheio de corredores, mas acabei achando o apartamento.

Cristina e dona Romilda, com o enorme saco que sempre carregava, estavam na sala me esperando.

“General, que bom ver o senhor novamente.”

“Vamos fazer a foto?”

“Pelada?”

“A senhora se incomoda?”

“Já fiz foto pelada para a *Playboy*. O senhor não viu?”

“Eu não leio a *Playboy*!”

Dona Romilda tirou a roupa.

“A senhora sabe quantos quilos pesa, dona Romilda?”

“Não sei, princesa.”

“Deve ser uns cem quilos. Tenho uma balança no banheiro, vou trazer para cá.”

Pesamos dona Romilda.

“Errei por pouco. Cento e dez. Não dá uma fotografia deslumbrante, doutor?”

A cama estava arrumada, com uma colcha vermelha.

“Deita aí na cama, dona Romilda.”

“Eu não deito em colcha vermelha.”

“Por quê?”

“Não é bom. Maus espíritos atacam a gente.”

“A senhora tem outra colcha, dona Cristina?”

“Pode ser branca, dona Romilda?”

“Pode.”

“Acho que branca é até melhor, cria um bom contraste. Muda a colcha, por favor.”

Cristina trocou a colcha.

“Fico com as pernas abertas?”, perguntou dona Romilda, deitando na cama.

“Espera um pouco. Preciso colocar os filtros na máquina, fazer o enquadramento, ver a luz. Não demora muito.”

Pela janela entrava uma luz boa, de fim de tarde.

“General, eles não querem devolver a minha mansão da São Clemente. A Rosinha diz que a casa é dela. Mas a casa é minha, quem me deu a casa foi a rainha da Inglaterra, que morou lá.”

“Vou ver o que posso fazer”

“E fala com o Vítor para parar de fazer propostas indecentes para mim. Já estou com dois filhos dele na barriga.”

“Eu falo.”

Coloquei a Pentax num tripé.

“Fecha as pernas, por favor, e fica deitada quieta. Dona Cristina, põe uns travesseiros sob a cabeça e as costas dela, para o tórax ficar um pouquinho levantado. Me arranja um livro.”

“Qualquer livro?”

“A senhora tem um livro de arte?”

“Que arte?”

“Tem que ser um livro grande.”

“Este serve?”

“Serve. Põe, por favor, o livro sobre o púbis dela.”

“Para que esse livro, general?”

“É um toque artístico, dona Romilda.”

“Mas eu quero tirar uma foto com as pernas abertas.”

“As outras a gente tira como a senhora quiser. Mas primeiro esta, com o livro.”

Dona Romilda ficou imóvel na cama, pensativa, mas tranquila, com o livro sobre o púbis.

“Dá uma olhada aqui no visor, dona Cristina.”

“Que coisa linda”, disse Cristina. “Não pensei que ela tivesse tantas curvas. Vai ser uma foto de museu internacional.”

Bati outras fotos, dona Romilda de pernas abertas, de bruços, de lado, em posição fetal. Usei também a Leica.

“Está encerrada a sessão, sobrou apenas um filme. Muito obrigado, dona Romilda.”

“Vai sair na *Playboy*?”

“Não garanto.”

“Estou com fome.”

“Vou fazer um sanduíche para a senhora”, disse Cristina.

“Quero com cerveja.”

“O senhor também quer um sanduíche?”

“Não, dona Cristina, estou sem fome.”

“Dona Romilda, por favor, vista a sua roupa, aqui em casa ninguém come pelado.”

“É a sua religião?”

“É a minha religião.”

“Religião eu respeito”, disse dona Romilda se vestindo.

“Só tenho essa garrafa de cerveja.”

“Uma garrafa está bom.”

Dona Romilda comeu o sanduíche e bebeu a cerveja, em pequenos goles.

“Esse sanduíche era do quê?”

“Peito de peru defumado.”

“Roubaram também a minha criação de perus. Eram mais de mil. Foi a Rosinha.”

“Quanto estou lhe devendo pelo seu trabalho?”

“Não foi trabalho nenhum, general.”

“Leva isto aqui”, eu disse, colocando algum dinheiro na saca dela.

“Dá para pagar o advogado?”

“Não é para o advogado, é para a senhora. Deixa que eu falo com o advogado. Não fica mostrando o dinheiro para os outros, promete?”

“Prometo, general.”

“A senhora já pode ir. Muito obrigado, dona Romilda.”

“Vou levá-la até lá embaixo, para o porteiro não criar caso.”

Cristina saiu com dona Romilda. Quando voltou, eu estava tirando a Pentax do tripé.

“Acabaram as fotos?”

“Acabaram.”

“Não sobrou um filme? O senhor falou que sobrou um filme.”

Cristina trocou a colcha branca e colocou de volta a colcha vermelha. Então me olhou um longo tempo.

Depois, subitamente, tirou a sua roupa e ficou inteiramente nua.

“Agora é a minha vez. O senhor está ruborizado? Nunca pensei que você se ruborizasse. Posso chamá-lo de você? Quando estiver nua, é claro.”

“Não estou ruborizado.”

“Então? Vamos fazer as fotos, ou você prefere fazer outra coisa?”

“A senhora tem o corpo muito bonito.”

“Nunca percebeu antes? Também você não olhava direito para mim. Só olhava para a agenda. Só me chamava de senhora, dona Cristina, como se eu fosse uma velha. Vamos ou não vamos tirar as fotos? Ou você prefere fazer alguma coisa antes?”

“As fotos podem ficar para depois.”

Deitamos, nus, sobre a colcha vermelha.

“Estava me guardando para você, nenhum homem me toca há muito tempo” disse Cristina, além de outras palavras e gemidos.

Depois... depois não fiz as fotos, anoitecera e eu não ia estragar a imagem daquele corpo bonito usando os flashes medíocres da Pentax. Não existe nada pior para uma foto do que luz artificial deficiente.

“Eu sempre gostei muito de você. Espero que você agora também goste um pouco de mim.”

“Sem dúvida. Tenho de ir embora. Já está tarde.”

“Eu sei.”

“Vou me vestir, está bem?”

“Está mal, mas o que posso fazer?”

Cristina, que permanecera nua, me deu um beijo furioso na porta do apartamento quando saí.

Na rua peguei o carro, apreensivo. Nunca havia feito, em um só dia, tantas coisas das quais me arrependeria.

Pensei no meu extrato bancário. Mas continuei preocupado.

COMEÇO

Começar — o resto vem depois. Sábado e domingo fui a uma feira de livros na praça perto de minha casa, uma porção de quiosques com enorme quantidade de títulos, existem livros sobre qualquer assunto. Aproveitei e passei esses dois dias andando de uma barraca para a outra, lendo trechos de centenas de livros. Os encarregados desses quiosques são como os camaradas dos sebos, não se incomodam se você dá uma manuseada no volume. E havia pouca gente interessada.

Quero escrever um livro. Não penso em outra coisa. Li uma entrevista de um autor importante, não me lembro do nome, na qual ele dizia que sentava na frente do computador para escrever sem saber o quê, e à medida que escrevia, as ideias iam surgindo na sua cabeça, os personagens, a história, tudo. Se você quer escrever, aconselhava ele, comece — escrever é começar. Uma coisa simples, como todas as verdades. E a gente começa um livro dando-lhe um título, sem ele o livro não adquire o sopro inicial de vida necessário ao seu desenvolvimento, um livro é como uma pessoa, tem que ter logo um nome de batismo. Ontem comecei um livro, mas desisti. Fiquei horas na frente do papel, olhando para o título, e não saiu mais nada. Rasguei aquela folha e joguei no lixo. Hoje começo outro. Com título diferente, é claro, o primeiro abortou. Escrever é começar.

A VINGANÇA — “As pessoas que o conheciam não seriam capazes de imaginar que ele pudesse realizar alguma coisa grandiosa. Era um homem gordo e ninguém esperava que conseguisse aquela proeza admirável. Como não havia heróis gordos no cinema, na televisão e na História, eles também não podiam existir na vida real. Jesus era magro, o Demônio também era magro. Um Casanova gordo? Só se fosse um xeque. Sim, Buda era gordo, mas devia haver alguma misteriosa razão sanscrítica para ele ser representado por

uma imagem pachorrenta, sempre sentada, enquanto os outros, os magros, estão de pé ou a cavalo. Os gordos são vistos como pessoas tolas que suam muito, que sobem escadas bufando exaustos, cuja nudez, quando não é repulsiva, é cômica. Os caricaturistas adoram os gordos. São ridicularizados, humilhados e ofendidos de todas as maneiras. Além de gordo, ele era pobre. Sim, ele era um gordo recalcado, se roendo de inveja e vergonha. Até que tramou a sua vingança, uma façanha assombrosa que lavaria a sua alma e a de todos os gordos do mundo.”

Uma merda, esse começo. Não consigo inventar uma boa história. Tenho um título e um começo, mas o resto? O começo até que é razoável, cria um certo suspense ao falar de vingança, de uma façanha assombrosa. O leitor certamente ficará interessado. Mas que façanha assombrosa é essa? Jogar uma bomba num local cheio de gente? Isso acontece todo dia em várias partes do mundo, o herói matando em nome de Deus, mas não quero escrever uma história sobre a Fé, nem sobre nenhum outro dogma religioso. O personagem é um grande bandido? Bandido gordo não é raro, mas os bandidos realmente importantes são magros. Tenho que mudar o começo. Primeiro, riscar a façanha assombrosa. Outra coisa, um ato que lave a alma dos gordos do mundo inteiro é impossível. Posso deixar o personagem tramando uma vingança que lave a sua alma singular, um sujeito gordo pode lavar a própria alma matando um magrela qualquer, mas isso é pouco. O escritor não deve criar expectativas que não podem ser preenchidas. Teve um desses caras cheios de livros publicados que, numa entrevista, os escritores adoram dar entrevistas, pontificou: ao escrever, livre-se da sua vidinha. Até que isso está bem bolado. Livre-se da sua vidinha. Então meu personagem vai deixar de ser gordo, ele é gordo porque eu sou gordo, vou livrar-me da minha vidinha. Mas tenho que saber sobre o que eu escrevo, porra, não é fácil a gente se livrar da nossa vidinha. Eu sei o que é ser gordo, devo então fingir que sou magro e atribuir ao meu personagem magro os meus ressentimentos de gordo? Provavelmente o leitor não perceberá isso, que o personagem magro é na verdade um gordo frustrado e humilhado. Bem, vou fazer esse sujeito magro matar alguém, de preferência um

político odiado, um tubarão das finanças ou outro figurão qualquer, a morte de um sujeito poderoso causa comoção e desperta simpatia para o assassino, até mesmo na vida real. E o herói, que os leitores pensam ser magro, lava a sua alma de gordo ao cometer esse ato mortal. O problema é que essa história de atentado já foi muito usada, os humilhados do mundo sempre cometeram atentados, contra príncipes, políticos, multidões, causando guerras e comoções com esse gesto, mas alguém lembra o nome deles? Quem foi mesmo que matou o arquiduque Ferdinand? Quem foi mesmo que detonou aquela bomba que matou milhares naquela parte do mundo? Não posso escrever coisas que o tempo apaga. Sinto-me num beco sem saída, comecei mal. Está uma merda, esse começo. Mas são estes os assuntos que interessam ao leitor, sexo, morte e dinheiro, não posso me afastar disso. Vou fazer outro começo. Escrever é começar.

O HOMEM POR QUEM AS MULHERES ERAM LOUCAS — “Rodrigo era um homem comum, nem bonito nem feio, nem alto nem baixo, mas não precisava fazer coisa alguma para fazer as mulheres se apaixonarem por ele. Qualquer uma que conversasse com Rodrigo por mais de meia hora sentia-se inconscientemente excitada, um calor na pele, uma espécie de euforia na mente. E o assunto podia ser qualquer um, sobre crianças e empregadas, a tediosa e recorrente conversação feminina, ou sobre política ou economia, caso uma mulher se interessasse por isso. Em suma, qualquer coisa. Quanto mais tempo a mulher ficasse ao lado do nosso herói, mais se encantaria com ele, pois Rodrigo era um homem que amava intensamente o sexo feminino e as mulheres sentiam isso, como um gás inebriante, um feitiço, um sortilégio que as fascinava, seduzindo-as, contaminando-as, instigando-as a se entregarem a ele. As mulheres descobrem misteriosamente quando um homem é compulsivamente atraído pelo sexo feminino e respondem como mariposas atraídas pela luz. No início elas não entendiam o que estava acontecendo, mas, depois que se afastavam, Rodrigo permanecia em suas mentes. À noite, sonhavam com ele.”

Revejo esse começo, o começo exige atenção especial. Não gosto do nome do personagem, Rodrigo. É nome de novela de TV. E não posso comparar a mulher a uma mariposa, esse nome tem conotações negativas, as prostitutas eram chamadas, e ainda o são, de mariposas, e quando falo que as mulheres só gostam de falar sobre crianças e empregadas pareço um desses machistas que acham as mulheres inferiores, e mesmo se elas fossem inferiores, como atestam algumas opiniões filosóficas e científicas de peso, um escritor não pode dizer isso, perde os leitores femininos, e as mulheres podem não entender o que leem mas compram livros. E quando digo que o herói seduzia as mulheres contaminando-as, estou usando uma metáfora que pode parecer inadequada. Contaminar é contagiar, provocar uma infecção, corromper, viciar, era isso mesmo que eu queria dizer, mas todo cuidado é pouco com as metáforas. Mas esse começo também está uma merda, não sei o que vai acontecer depois, todas as ideias que galopam pelo meu pensamento deixam-me confuso. Fico horas na máquina de escrever, rasgo mil folhas de papel, mas não vou para a frente, fico atolado. Acho que vou comprar um computador. Dizem que isso ajuda. Escrever é começar.

O ARGENTÁRIO — “Era um banqueiro rico e poderoso, o dinheiro lhe dava autoridade, abria-lhe portas, conseguia-lhe mulheres e mesuras, e, quanto mais dinheiro possuía, maiores eram sua influência, prestígio e poder junto a seus pares e sobre a legião de subordinados que lhe prestava vassalagem. A ninguém interessava a maneira pela qual obtivera seus vastos recursos financeiros, parte deles certamente de maneira ilícita ou imoral, afinal ele era um banqueiro. O dinheiro dá uma aura de respeitabilidade, além de um irresistível charme, a ladrões, rufiões, putas, traficantes, assassinos, assaltantes, pedófilos, estelionatários e corruptos em geral.”

Esse começo não está uma merda tão grande quanto os outros, mas tenho algumas dúvidas. Misturar pedófilos e assassinos com putas, estelionatários e corruptos é meio arbitrário, não obstante a atração pelo dinheiro ter a mesma essência do pendor pela

depravação. Além disso, falar mal de banqueiros é um clichê, até revistas chatas de economia fazem isso. Minha indecisão nada tem a ver com o fato de que estou devendo dinheiro ao banco, mesmo sendo um bom motivo para ir à forra dos juros escorchantes que me cobram. Não sei por que atribuí um irresistível charme ao banqueiro. Um banqueiro, mesmo que tenha um passado deslumbrante de fraudes, tramoias e trapaçás, como a maioria, a partir do momento em que a máscara que usa é a de banqueiro e essa máscara vira a sua verdadeira face, como todas as máscaras que não se tiram do rosto, ele se torna um sujeito sem charme. Ladrões, assaltantes e assassinos podem, sim, ter charme para os leitores. Estou usando um computador, que comprei com dinheiro financiado por um banco, é claro, não tenho dinheiro sobrando, mas parece que o computador não está me ajudando tanto quanto eu pensava. Lendo novamente o parágrafo que começa a história do banqueiro, não tenho dúvidas de que está também uma droga. Vou abandonar esse começo, mas não desisto, escrever é começar. Agora estou mais motivado.

OS SERES HUMANOS NÃO MERECEM EXISTIR — “Gostava de matar baratas, pisando-as com a sola do sapato, mas um dia, depois de matar uma barata, o seu pensamento começou a vagar de maneira descontrolada e inquietante. Queria ser um escritor, ainda que soubesse que cada vez mais livros são publicados e menos livros são lidos, e que se conseguisse publicar um livro a crítica não tomaria conhecimento do seu trabalho, os críticos só se interessam pelos livros que vendem, por *best-sellers* cretinos. Mas não ia desistir do seu propósito, apesar da inquietação que se apoderou dele, do descontrole do seu pensamento, nesse dia em que matou a barata. Um escritor necessita de um certo domínio sobre seus pensamentos, deve possuir o poder de dirigi-los no sentido que desejar, e se isso não for totalmente possível o escritor não tem motivo para ficar preocupado, precisa apenas dar um certo método às suas divagações, mesmo se essas digressões o levem a se perguntar, por que mata apenas baratas? Por que não mata uma pessoa?”

Gosto deste novo começo. Não consigo acabar com as baratas que me perseguem, dedetizo periodicamente a minha casa mas elas sobem do apartamento de baixo, onde mora uma velha suja e petulante. Ontem ela disse, sai da minha frente, gordo molenga, quando me encontrou na escada. A velha desgraçada subia os degraus com mais rapidez do que eu. Dei passagem a ela sentindo vontade de agarrar o seu magro pescoço pelancudo e exterminar naquele momento a sua vida inútil. Odeio baratas e antes as matava pisando nelas, mas hoje vou matá-las com a minha mão, isso me dará uma satisfação especial, eu me vingo assim do nojo e do medo que me causam. Corro atrás da primeira barata que aparece na cozinha e achato-a com um golpe forte, sinto a barata estalando e enchendo de gosma fedorenta a palma da minha mão, que esfrego vitorioso no chão da cozinha. Meus pensamentos correm como ferozes tigres famintos perseguindo gazelas assustadas numa infundável pradaria. Não vou passar o resto dos meus dias matando baratas. Desço ao andar de baixo. Quando a velha abre a porta eu entro e a agarro pelo pescoço, esganando-a. Ainda não sei como dizer o que sinto. Pego alguns objetos na casa para parecer que a velha foi morta por um ladrão. Ao sair, deixo a porta aberta, um vizinho qualquer vai descobrir o corpo. Ninguém suspeitará de mim. Sou conhecido como um gordo manso e inofensivo.

Neste momento estou desenvolvendo o começo da história que iniciei com o título que lhe deu o sopro inicial de vida. No quiosque de livros da praça li um poema no qual o autor (roubei dele o título da minha história) diz que o mundo é doloroso, os seres humanos não merecem existir e ele, poeta, suspeita que a crueldade da sua imaginação está de certa forma conectada com seus impulsos criativos. Matar a velha, não a crueldade, como disse o poeta, mas a força do meu ato e não apenas da minha imaginação foi a impulsão que fará de mim um verdadeiro escritor. Livre-se da sua vidinha? O escritor não pode livrar-se da sua vida. Escrever é começar. Tenho, agora, o começo, tenho o meio e o fim.

Copyright © 2002 by Rubem Fonseca

Capa

Retina 78

Revisão

Carmem S. da Costa

Isabel Jorge Cury

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fonseca, Rubem, 1925-

Pequenas Criaturas / Rubem Fonseca. — São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

ISBN 85-359-0223-6

1. Contos brasileiros I. Título.

02-1042

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira 869.935

[2002]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3167-0801
Fax: (11) 3167-0814
www.companhiadasletras.com.br